

and
1955

MEM,
MEM

2

AGOSTINHO DE CAMPOS

*

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

II

*CPB
1.1.1922*

O HOMEM,
LOBO DO HOMEM

*

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PÓRTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921



J. P. B.
20. 9. 21

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

II

O HOMEM, LOBO DO HOMEM

DO AUTOR

• • •

(COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA.)

Volumes publicados:

I—EUROPA EM GUERRA, Lisboa, 1915. Esgotado.

II—O HOMEM, LOBO DO HOMEM, Lisboa, 1921.

Volumes no prelo:

III—PORTUGAL EM CAMPANHA.

IV—LATINOS E GERMANOS.

V—A CARRANCA DA PAZ.

VI—PORTUGAL VITORIOSO.

19 ~~2~~ Janeiro ~~2~~ 1922

AGOSTINHO DE CAMPOS

*

A.F. 22633

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

BIBLIOTECA NACIONAL.
Conservatoria da Propriedade Literaria,
LISBOA.

*J.P.
23.9.22*

II

O HOMEM, LOBO DO HOMEM



*



Livrarias AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA

Livraria CHARDRON
PÓRTO

Livraria FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921

17.28033

Todos os exemplares vão rubricados pelo autor



S. J. Soares

PREFÁCIO

Desde Novembro de 1911 até fins de 1920 manteve o autor destas linhas, no Commercio do Porto e na edição da tarde do Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, com os titulos, respectivamente, de Aphorismos e de Pombos-correios, duas secções de pequenas crónicas quasi diárias, onde versou, na estreita medida das suas capacidades, assuntos variados de politica, de literatura, de educação, e outros que lhe inspirou a Efeméride, e sôbre os quais foi exercendo, como pôde e soube, o seu direito de livre critica.

Abrangidos nesse periodo de nove anos os cinco ou seis que durou a Grande Guerra e o amanhecer da Paz subsequente, grande parte da atenção do Autor foi naturalmente atraida por ésses graves acontecimentos, donde resulta que dos diversos volumes que podem formar-se com a sua colaboração de nove anos nos dois grandes pe-

riódicos citados, uns seis, pelo menos, serão preenchidos com o Comentário leve da Grande Guerra.

Publicado em 1915 o primeiro dêstes volumes com o titulo de Europa em Guerra, e recebido benèvolamente pelo Público, abalança-se o Autor, animado por tal estímulo, à publicação dos cinco restantes, pela ordem seguinte: O Homem, lobo do Homem; Portugal em campanha; Latinos e Germanos; A carranca da Paz; Portugal Vitorioso.

Foz do Douro, 7 de Agôsto de 1921.

A DE C.

PRIMEIRA PARTE

A GUERRA

I

¿Haverá guerra?

Agosto de 1915.

AGENTE que tem muito dinheiro, às vezes — pobrezita — não tem mais nada, nem mesmo um bocadinho de coração. Assim é aquela boa senhora lisboeta com quem conversei há dias, filha de um grande fabricante de ferragens e mulher de um advogado riquíssimo. Falou-me ela da Guerra com horror sincero e profundo :

— «E' um horror (exclamou, num tom de indignação e desalento misturados). Não se pode ir *para o Estrangeiro*, como nós fazíamos todos os anos. Somos obrigados a passar o verão nas Pedras Salgadas, e depois na Granja — nesta maçada das águas e das praias de Portugal. . . »

¡Pobre senhora! A sua desgraça e o seu martírio devem ser-nos duplamente simpáticos, porque nem sequer lhes resta a consolação de virem incluídos nas estatísticas dos prejuízos causados pela Guerra. O mundo

inteiro sabe que há um milhão de mortos e outro milhão de aleijados: cegos, coxos, manetas, paralíticos. O mundo inteiro calcula ou suspeita quantas crianças, quantas mulheres, quantas famílias, privadas do amor e do socorro de dois milhões de homens, se debatem agora no luto ou na miséria. Mas o mundo ignora ou esquece, distraída-mente, que a snr.^a D. Fulana da Silva tem de ir êste ano para as Pedras Salgadas e para a Granja, porque a «maçada» da Guerra lhe entupiu com mau gôsto os caminhos de Karlsbad e de Ostende.

O que vale é que ela vingá-se na mesma moeda: a Guerra ignora o mal que lhe faz, e a boa senhora só sabe, da Guerra, as terríveis contrariedades que a tocam de perto. ¿ E' pouco ? Será pouco, mas é alguma coisa. E neste mês de Agosto de 1915, um ano depois, ainda há quem saiba da Guerra menos do que ela, porque não sabe nada, porque nem sequer sabe. . . | que há guerra !

Não se imagine que me refiro ao menino que nasceu ontem, ou ao pastor rude e isolado no alto da serra, ou ainda ao preto que come cocos, de cabeça ao sol, ao pé da sua remota e oculta aringa de Canhangongo. Todos êsses podem ignorar a

Guerra, como ignoram tudo, na inocência das vidas simples que Deus prefere para fabricar a Bem-aventurança eterna. Mas a par dêsses outros há que não só podem, mas devem ignorar que a Guerra existe, emquanto lhes não provarem autênticamente a sua existência: são os juizes, que julgam pelo que está nos autos e para quem, segundo o aforismo romano, *quod non est in actis non est in mundo*.

Assim é que, numa das grande cidades da América, foi certa agência de viagens demandada por um cliente a quem prometera facilitar uma excursão circulatoria através da Alemanha. O advogado da ré alegou, naturalmente, que o contrato não pudera ser cumprido, por causa da Guerra. O advogado do autor contestou, dizendo que a ré não demonstrava no processo *que houvesse guerra*. E o juiz, intervindo e julgando, condenou a agência e deu razão ao demandante, pois que, visto os autos, a defesa se baseava numa única afirmação, *perfeitamente gratuita...*

Elogio da Inteligência

Abril de 1915.

OMEU amigo escreve-me, aflito «A salada europeia e a salada mundial aboliram em mim a faculdade de raciocinar e a crença na lógica. Só acredito agora em palpites, e na intuição instintiva. Pensar é de tal maneira inútil, que não vale a pena perder tempo nisso. |Quem me dera ser estúpido!»

Não sejas ambicioso, rapaz. A estupidez é uma riqueza ideal, mas não está ao alcance de tôdas as inteligências. Governa-te com a (inteligência) que Deus te deu, e pergunta a ti próprio se no momento em que desejava ser estúpido, por descreres da razão e da lógica, não estarias fazendo realmente, sem dares por isso, o elogio dessas duas santas padroeiras da nossa vida interior, e a profissão de fé na sua fôrça milagrosa.

O que tu queres é prever e adivinhar. Queres saber o que serão a Europa e o mundo inteiro, daqui por seis meses ou seis anos, tão clara e luminosamente como sabes, olhando para o teu calendário, que amanhã é sábado e depois de amanhã será domingo.

Há nove meses e há nove anos, quando a Europa não estava ainda em guerra, não te apetecia ser estúpido, porque então julgavas saber. Julgavas saber que tudo viria a ser como já tinha sido, pouco mais ou menos. A tua inteligência e a tua razão tinham diante de si, como bússola certa e segura, um calendário arrumado pelas rotinas da escola e da vida. Tu folheava-lo, vias o futuro e andavas contente.

Agora a rotina transformou-se em salada — a salada europeia, a salada mundial. Os factos baralharam-te o calendário. Não sabes, nem prevês, nem calculas o que será o dia de amanhã; e, amuado, pedes ao Céu a estupidez, como um maná.

Não peças, que não é preciso. Tu não sabes, hoje, o que será o dia de amanhã. Mas também não sabias, ontem, o que a final veio a ser o dia de hoje. Julgavas saber, mas não sabias. O nosso calendário estava ar-

rumado, mas errado. E tu foste iludido por ele, e a rotina exterior dos tempos deixou-te supor que tinhas dentro de ti a faculdade saborosa e mágica de prever a sucessão infinita dos factos, quando a verdade é que não previas nada, e nem sequer vias muito. Triste verdade? Pelo contrário: preciosa e saudável condição do homem, a quem Deus conferiu êste maravilhoso dom da Inteligência — esta doce ilusão de saber, aliada à possibilidade de se surpreender. A omni-sciência guardou-a êle para si, como bom pai que é, e por isso se aborrece infinita e absolutamente no seu trôno de nuvens, emquanto nós, humildes criaturas, sempre e sempre andamos entretidos, umas vezes julgando saber e outras vezes saboreando a delícia da surpresa, do espanto, da ansiedade — a delícia de não sabermos nada...

III

«Noss' guerr'»

Agosto de 1915.

As mulheres de Timor chamam *noss' guerr'* às aflições e dores que precedem e acompanham o nascimento dos filhos. *Noss' guerr'* é a forma corrompida que assumiram no dialecto português local, as palavras *nossa guerra*. As boas selvagens da remota colónia oceânica não suspeitam de-certo o que há de beleza literária naquela sua maneira de dizer. Em-quanto os maridos e os irmãos se divertem matando-se uns aos outros, com entusiasmo e crueldade arrepiadora, as pobres timorenses ficam na terra, absorvidas pela tarefa não menos dolorosa e sangrenta de trazerem à luz do dia os futuros guerreiros. E é essa com efeito a *sua guerra*, onde também certamente não faltarão mortos e feridos, por carência de cirurgia ou medicina adequadas.

Das guerras de Timor contam-se casos e costumes horríveis, como o da ultra-maca-

bra *dansa das caveiras*, em que a tribo vencedora celebra a vitória com bailados e batuques festivos, em tórno ao montão dos crânios amputados aos guerreiros vencidos. E, apesar de tudo isto, as guerras de Timor são menos ferozes e muito mais humanas, do que as que há um ano a esta parte se estão travando em países e territórios que a Civilização freqüenta há muitos séculos.

O que torna a guerra europeia mais desumana, para nosso gôsto, que as dos selvagens da Oceânia, não são os meios empregados para matar e vencer: sob disfarces mais ou menos científicos, é a mesma a ferocidade dos homens em tôdas as fases da história, e a milênios de distância repetem-se os Átilas com a mesma imensa insensibilidade perante o sofrimento alheio.

O que torna a guerra europeia mais desumana que as de Timor é a sua generalidade e a sua duração. Prolongando-se indefinidamente no tempo e no espaço, absorvendo milhões de homens na fôrça da vida, sequestrando por meses sem conta, nas linhas posteriores e nos depósitos, aqueles que ainda não estão a lutar e a morrer nas frentes de batalha — a guerra europeia estanca as próprias fontes naturais

de humanidade, despoeva a terra, mata, mata, mata — e não deixa naseer.

Os Alemães, admiráveis organizadores de tudo (e até disto) estão tratando já de organizar um apropriado sistema de licenças, que permita aos soldados casados «avistarem-se» de vez em quando com as suas mulheres, por forma que dêste... descanso por turnos possam resultar daqui por vinte anos bastantes Alemães de vinte anos. Os Franceses começam a discutir também, nos seus jornais, a necessidade de se providenciar de qualquer maneira para que a classe militar de 1935 não venha a ficar deserta de recrutas.

E entretanto as mulheres papuas da ilha longínqua, sem precisarem de medidas officiais, continuam a ter *noss' guerr'*, a guerra delas—sinal seguro de que as guerras de Timor não são tão estúpidas e tão desumanas como a da Europa.

IV

As palavras governam

Agosto de 1915

HAVIA em Coimbra, na Universidade do nosso tempo, uma cadeira que se chamava de Direito Natural, e que não tinha pés na terra. Mas, em compensação, tinha asas: as asas que lhe emprestava a eloquência ou a imaginação de um professor fantasista, e com as quais a cadeira de Direito Natural ascendia facilmente ao sétimo céu da metafísica e vogava como um balão nas regiões aéreas do palavriado.

Conta-se dêsse professor que, estando um dia em S. Carlos a ouvir a ópera, o seu vizinho na plateia lhe dissera, arrebatado pelo canto e pela música:

— Parece incrível que apenas com sete notas se possa deliciar a gente uma noite inteira!

Ao que logo replicou o nosso mestre:

— Não se admire V. Ex.^a por tão pouco. Eu, que aqui estou, intrujo os meus caloiros com sete ideias durante um ano.

Se esta conta não está exagerada, uma das sete ideias com que nós fomos in... struidos no ano lectivo de 1887-88 era a excellência do regime do Trabalho Obrigatório nas colónias tropicais e a sua incomparável superioridade moral sôbre o sistema da pura escravidão.

Eu tinha muito pouca idade, e ainda menos filosofia, quando o lente de Direito Natural me ensinou estas coisas profundas e subtis. Mas, apesar disso, o meu jovem cérebro de caloirito recusou-se a accitar como boa a distinção que o mestre fazia entre duas escravidões, cuja única diferença estava nos nomes diferentes com que êle se lembrou de as baptizar. Desde que o preto era obrigado a trabalhar, pareceu-me que o preto era escravo, fôsse qual fôsse o rótulo da sua escravidão. E logo cometi a irreverência de troçar, pela caricatura e pelo verso, a metafísica do professor.

Dêsse leviano impulso me arrependo e penitencio agora, em público e raso, depois de ter lido as discussões travadas na Câmara dos Comuns de Inglaterra, em tórno às providências draconianas adoptadas ali, para assegurar o fabrico bastante das munições militares. E a minha surpresa é grande,

ao ver reproduzidos no primeiro parlamento do mundo os mesmíssimos argumentos com que, numa aula de Coimbra, há mais de vinte anos, o saudável Dr. Calisto não conseguiu convencer-me.

Muitos deputados liberais, e quasi todos os nacionalistas irlandeses, combateram aquellas provisões, mostrando que a circumstancia de os trabalhadores receberem avultados salários não altera em nada o facto essencial, que é a impossibilidade em que elles se encontram de recusar-se ao trabalho, sem incorrerem na applicação de graves castigos. Fizeram alguns membros da Câmara comparações sangrentas entre a velha tineta inglesa de reprimir humanitariamente a escravidão dos Negros, e a resolução actual de estabelecer o trabalho obrigatório dos operários brancos nas fábricas do Reino Unido. E o Secretário do Interior, o cavaleiro João Simons, que é, como o Dr. Calisto, um hábil jurisconsulto, lá demonstrou que há uns poucos de abismos, pelo menos, entre a escravatura e a «mobilização» industrial. Depois, forçado a reconhecer que a base do novo regime de trabalho militarizado era a compulsão, ainda conseguiu provar magnificamente que, apesar de obrigados a trabalhar contra

vontade, não perdem os operários britânicos um único dos seus sagrados direitos de trabalhadores livres. . .

O único êrro do nosso mestre de Coimbra estava em supor que nos in...struia com sete ideias. A verdade é que êle entreteve os seus caloiros com sete milhões de palavras; e que hoje, como então e como sempre, são elas que governam o Mundo.

Guerra e feminismo

Agosto de 1915.

A GUERRA actual vai dar razão e fôrça ao feminismo, pelo menos no sentido de aumentar consideravelmente a concorrência profissional da mulher com o homem.

O estado de guerra -- de guerra que absorve insaciavelmente milhões e milhões de homens -- trouxe a necessidade natural de empregar o trabalho feminino em muitos serviços que de antes eram feitos por homens, e que ninguém pensava em confiar ao «sexo frágil». Guarda-freios de carros eléctricos, condutores e revisores de combóios, distribuidores do correio, cocheiros de praça, e mil outros mesteres, que sempre vimos exercidos de calças e bigodeira, fazem-se hoje com saias e cabelos compridos -- e regulam perfeitamente.

E' bom não esquecer que tudo isto se passa na Inglaterra, na Alemanha, na Fran-

ça — países da vanguarda, focos do progresso económico, onde o avanço da educação, a vitória sôbre o preconceito e o cuidado de bem aproveitar a máquina humana no seu máximo de rendimento, já tinham atingido um elevado grau, que os distanciava longamente dos países esbanjadores, que teimam em considerar a mulher como um ser tão precioso ou tão inútil, que só serve para casar — ou para ficar solteira.

Quando a Guerra acabar, não se imagine que tudo isto voltará, como por encanto, à primeira forma. Então os homens, os poucos que ficarem, continuarão a ser absorvidos sôfregamente, não já pelas obras da guerra, mas pelas da paz, que não serão menos vastas, nem menos exigentes. E no dia em que o Estado, a Nação, todo o mecanismo económico, com o seu vigoroso e febril impulso de reconstituição e convalescença, possa ser outra vez menos avaro das suas fôrças físicas e dispensar de novo o trabalho másculo para as tarefas onde o tem substituído com intenção provisória a actividade feminina — nesse dia já o hábito haverá criado raízes, já o tempo terá firmado direitos, já a prática há-de ter revelado e ensinado vantagens, que farão que a mu-

lher fique onde entrou, e que o homem procure e encontre outras saídas.

Assim haverão os países fortes, e capazes de se dirigirem, tirado afinal das desgraças e misérias da guerra um novo motivo de fortalecimento e de progresso. A profunda e torrencial sangria das batalhas animizá-los há, naturalmente, mas por pouco tempo. Em breve refeitos, cada vez mais zelosos da sua própria higiene colectiva, haremos de os ver surgir de novo mais fortes e mais absorventes do que antes. E os outros—os fracos, os mortiços, os decadentes—embora o acaso, a prudência ou a distância os tenham pôsto a coberto do tremendo conflito, sentir-se hão pelo confronto mais doentes e menos resistentes do que nunca.

VI

Fatalidade

Setembro de 1915.

REVELOU um crítico militar inglês a opinião de que, se a Gram-Bretanha tivesse, logo do princípio, declarado o algodão contrabando de guerra, a Alemanha estaria desarmada há cinco ou seis meses e a paz ter-se-ia feito em Abril.

O célebre químico Guilherme Ramsey defende a mesma doutrina e apoia-a sobre argumentos científicos susceptíveis de convencer as pessoas mais scépticas. E de tudo isto se conclui fâcilmente que os Aliados, e sobretudo a Gram-Bretanha, usufrutuária dos oceanos, praticaram um êrro grave, adiando por tanto tempo a adopção daquela manha defensiva.

Já se vê que êste êrro, como todos os erros, por muito errados que sejam, tem a sua razão de ser e a sua justificação: pensavam os Aliados que os Estados-Unidos levariam muito a mal a prática de uma pro-

vidência violenta, profundamente lesiva dos seus interesses comerciais; e entre o perigo de melindrarem os Estados-Unidos e o de prolongarem a guerra, alimentando a resistência alemã, preferiram êste último, que afinal se provou ser o maior. As crianças, quando erram, como é tão próprio da sua inocência e inexperiência, também dizem: «¡Eu pensava que não fazia mal! Eu pensava que assim era melhor!» E é então que prometem, cheias de sincera boa-vontade, «não tornar a fazer outra.» Mas a confissão do êrro, o propósito de o não repetir, não anulam as suas conseqüências; e é para que não errem, ou errem o menos possível, que as crianças se educam; e emquanto não estão educadas, ninguém se lembrou nunca, neste velho mundo onde tantos erros e tantas loucuras se teem aliás praticado, de lhes confiar a direcção dos homens e o govêrno das nações.

Infelizmente, não passam os homens, quasi nunca, de crianças grandes; e os estadistas, directores de outros homens, são muitas vezes... homens como outros quaisquer.

Está esta guerra provando bastamente, para desdouro da intelligência e da razão

humana, que muitos milhões de criaturas teem sofrido, morrido, e visto os seus destinos ameaçados de perigos tremendos e talvez irremediáveis, porque se precipitaram de vontade no êrro, ou se deixaram dirigir erradamente. As conseqüências que daqui resultam são ao mesmo tempo tão graves e tão claras; a enormidade dos erros cometidos é agora, em face delas, tão patente; a possibilidade de se terem evitado a tempo afigura-se-nos hoje tão luminosa e tão clara, que quási nos repugna acreditar que o êrro não venha de mais longe, não exista mais fundo, não tenha descido de mais alto — e que o seu verdadeiro nome não seja afinal: FATALIDADE.

VII

Camões e a guerra científica

Novembro de 1915.

TODO o caçador conhece isto: quando se inventa e começa a aplicar um novo engenho ou manha de caça, as pobres vítimas do incorrigível instinto sanguinário do Rei-carrasco da Natureza, desprevenidas e ingênuas, capitulam ou morrem em percentagens muito mais fortes do que no tempo das velhas armas ou dos ardis substituídos. Depois, com o seguimento habitual e frequente do novo uso mortífero, o coelho, a perdiz, o porco bravo, que resistiram aos efeitos da inesperada e traiçoeira novidade, vão gerando, no amoroso recato das suas tocas e dos seus ninhos, uma nova camada de coelhos, de perdizes ou de porcos bravos, que já se não deixam cair tão facilmente no engano cego, pelo qual haviam sido vitimados em barda os seus antepassados das linhas colaterais.

Tiram os sábios naturalistas desta obser-

vação, e de outras semelhantes, argumentos sólidos para demonstrarem a lei da selecção, a hereditariedade dos instintos e a estreita solidariedade que existe entre estes e o ambiente. E o estado-maior naval alemão estará, de certo, a esta hora, entrando com ela em linha de conta, ao ver como os submarinos alemães tem perdido gradualmente a sua efficacia contra os vapores mercantes ingleses, e como até parece que se começa já a voltar o feitiço contra o feiticeiro.

A expressão *feitiço* é perfeitamente ajustada a este caso, e eu não a empreguei apenas com o seu valor estilístico e proverbial. O submarino, o balão dirigível, o morteiro de 42, os gases asfixiantes, foram outras tantas novidades e surpresas mortíferas, donde veio aos Alemães uma grande superioridade inicial sobre os outros partidos. O mundo inteiro admirou então a tal ponto o saber alemão, a manha alemã, o segredo alemão, que piamente se acreditou durante algum tempo no aparecimento e applicação imediata, por parte da Alemanha, de outros ardis, surpresas e invenções guerreiras, cada vez mais maravilhosas e diabólicas.

Iam os admiradores e amigos do espirito e do estudo germânico a cair redondamente

na pura credence: atribuíam já ao ministério da Guerra prussiano os recursos mágicos de Mefistófeles e celebravam, como coisa nova e inédita, as vantagens fulminantes da guerra científica, como se Luis de Camões não tivesse dito há mais de três séculos, na Elegia V, estas palavras definitivas, que êle punha na bôca de Mercúrio:

E disse: Bem sabemos dos antigos
Heróis, e dos modernos, que provaram
De Belona os gravíssimos perigos,

Como também mil vezes concordaram
As armas com as letras; porque as Musas
A muitos na milícia acompanharam.

Nunca Alexandre ou César, nas confusas
Guerras, o estudo deixam grande espaço;
Que as armas jamais dêle são escusas.

Numa mão livros, noutra ferro e aço:
Aquele rege e ensina, est'outra fere;
Mais c'o saber se vence, que c'o braço...

Assim falou Mercúrio, na Elegia V de Camões. E convém não esquecer que êste Mercúrio representava sobretudo, para os Romanos, a sabedoria e a manha comercial — tudo quanto há de mais alemão no antigo Olimpo...

VIII

Dois padres

Novembro de 1915.

CADA soldado leva para o campo de batalha, pendurada ao pescoço, uma pequena medalha onde estão reunidos os dados necessários para sua identificação, em caso de morte ou ferimento grave. Aí se indica o seu nome, o enderêço da família, a religião professada. E alguns juntam a estas notícias gerais quaisquer recomendações particulares que entendem dever apresentar à piedade de quem venha levantar-lhes os corpos inanimados e destroçados. Quási sempre são de carácter religioso essas solicitações suplementares, e encontram-se com maior freqüência nos cadáveres dos soldados israelitas praticantes e devotos, que, por estarem em minoria, receiam ser dados à terra segundo os ritos cristãos.

Ora acontece que há tempos, nas linhas de França, foi morto em batalha, como tantos outros, um soldado judeu; e o seu corpo

sem vida veio a ser encontrado, não pelo rabino, que estava longe, mas por um bom padre católico inglês. Passados dias, a pobre mãe do morto recebeu do santo cura de almas êste curto bilhete, onde há mais humanidade e mais religião do que em tôda a *Summa Theologica*:

«Minha senhora: Na falta de um ministro israelita foi a mim, padre católico, que coube a piedosa missão de conduzir à terra o corpo de seu filho, morto como um bravo pela vontade de Deus. Dentro da medalha pendente do seu peito encontrei, com o pedido de evitar quaisquer officios fúnebres cristãos, o texto de uma oração israelita. Foi essa a que rezei, satisfazendo assim a vontade do morto, com pena de nada mais poder fazer pelo eterno e justo descanso daquela alma.»

Felizmente para a espécie humana, êste digno ministro de Deus deve ter, no horrível purgatório das trincheiras, muitos irmãos dignos dêle. E um dêstes é aquele rabino judeu que, ouvindo reclamar afflitivamente: *¡ Un prêtre! . . . Un prêtre! . . .* — correu logo para o sítio de onde o grito partia, se encontrou em frente de um soldado cristão moribundo, e, vendo que não havia tempo

a perder, nem esperança de encontrar quem melhor encomendasse a Deus aquela alma fugitiva, tomou resolutamente o sabre do próprio ferido, empunhou-o pela lâmina, beijou a cruz formada pelo punho da arma, e, ajoelhando, levou aos lábios do Cristão expirante o símbolo adverso e execrado...

...; O' Guerra diabólica e santa, homicida e redentora, sorvedeiro de vidas e alambique de almas! Bem hajas, mestra cruel e irónica, pelas lições de bondade e de fraternidade que por vezes sabes dar à ilustríssima, excelentíssima, hypocritíssima Paz!

IX

Verdun

Março de 1916.

O MUNDO está cansado de esperar que a Guerra acabe. Mas, mais do que isso, está, creio eu, desesperado de ver algum dia os Aliados começarem a atacar. Passam as semanas, os meses, as estações, os anos; e o esforço, a iniciativa, o impulso, a energia contundente, continuam apatrimônio dos impérios centrais, que na verdade não conseguem ferir fundo, mas continuam ao menos a cumprir o dever que a si próprios se impuseram desde que o avanço fulminante falhou à beira do Marne: é preciso confessar que eles só descansam de um golpe, para preparar e vibrar outro.

Entretanto, pelo que da sua parte se vê de militarmente decisivo e útil, os Aliados falam. Falam para se convencerem a si próprios de que a Alemanha *há de ser* esmagada. Falam, para proclamar inexpugnáveis as posições não tomadas ainda pelos Alemães,

e sem valor as que êles já tomaram. Falam, desmentidos, até hoje, pela realidade, para afirmar que o Tempo os fortifica a êles, do mesmo passo que enfraquece os outros. Falam, para prometer uma ofensiva que se há-de dar numa bela manhã que nunca vem.

Ainda agora, a propósito de Verdun, as notícias filtradas pela censura inglêsa e francesa contam que os Alemães concentraram ali um esforço titânico, acumulando e despejando gente, munições, esforço, energia, nunca vistos em arrancos precedentes. E o mundo susteve a sua respiração durante dias; e os amigos dos Aliados, ou os simples espectadores, já fartos do mesmo espectáculo invariável, esperam naturalmente, e ansiosamente, uma contra-ofensiva noutro ponto.

— Se os Alemães estão cada dia mais fracos, e se da sua fraqueza fizeram a fôrça desesperada com que estão investindo Verdun, vamos ver então agora, em-fim! o Inglês avançar em Ypres, ou o Russo no Oriente, ou Cadorna emergir do Isonzo, ou Sarrail bracejar nos Balcans...

Nadal O Russo, o Inglês, o Italiano, todos ficam quietos, e fitam Verdun, de bôca aberta e braços caídos, como se Verdun fôsse pura-

mente um divertimento sensacional que os Alemães encenaram para amenizar a longa e monótona imobilidade dos generalíssimos adversários.

Pergunta a gente a si própria se os Alemães não estarão vencendo mais pelo prestígio que pela fôrça, e se o seu grande trunfo não será a paralização hipnótica do inimigo, imóvel em face dêles como o passarinho diante da serpente.

X

Guerra e políticos

Março de 1916.

“**A** GUERRA está em tôda a parte. Penetra em tôdas as casas. Invade cada consciência. Nenhum de nós evita encontrá-la em si próprio. Brutalmente assola a nossa vida moral. Baralha os nossos sentimentos mais arrumados. E obriga-nos a dar balanço a tôdas as nossas velhas ideias sôbre os homens e sôbre Deus.»

Assim, mais ou menos, se confessa (e nos confessa a todos) o ilustre escritor suíço Paulo Seippel, num dos últimos números do *Diário de Genebra*. E emquanto os que teem dentro da cabeça uma razão desperta, e trazem no peito um coração de gente, assim se lamentam das tempestades que atravessam e confundem as suas consciências—
o que fazem, o que pensam, e o que sentem os Políticos? E' claro que os polticos politicam, incapazes, como sempre, de verem nos maiores cataclismos nada que

exceda os limites dos seus egoísmos ta-canhos.

E' vê-los na França admirável de heroísmo: O general d'Amade cometeu o atrevimento de proibir aos soldados de Marselha que frequentassem a certas horas as lojas de bebidas. E como os taberneiros são grandes eleitores e a defesa nacional não faz esquecer aos deputados a- defesa eleitoral, radicais e socialistas assaltaram na Câmara, indignados, o ministro da Guerra, e a extrema-esquerda tempestuou furiosíssima, quando o general Gallieni lhe fêz saber que punha os interêsses da hygiene, da disciplina e da decência militares, acima dos interêsses dos taberneiros. . .

E' vê-los, os polítics incorrigíveis, do outro lado do mundo, subordinando tôda a política externa da América do Norte aos interêsses da próxima eleição presidencial: Bryan demitindo-se com estrondo do ministério, para iscar os votos dos eleitores de sangue alemão: Wilson, marombando entre Deus e o Diabo, não hesita, para ver se consegue ser reeleito, em tornar risível perante o mundo o nome e o prestígio do seu país; e Roosevelt, satisfeitíssimo, só pensa naturalmente em gaudiar como feliz terceiro, no

meio da crise horrível que vai desgastando vidas e fortunas à Humanidade e ameaça desunir outra vez os Estados-Unidos.

Na Grécia, na Roménia, em Portugal, até na Inglaterra, teimam os políticos em politicar, se é que não estão politicando mais do que nunca. A própria Alemanha, país singular, onde neste momento só manda um e os outros não teem licença para fazer ou dizer o que lhes dê na gana—a própria Alemanha já ouviu um socialista dizer no Parlamento que os conservadores agrários são *aliados da Inglaterra*, porque a vida está cara, e já leu num jornal conservador que os liberais são *aliados da Inglaterra*, porque alguns dêles acharam contraproducente meter no fundo os paquetes neutros sem aviso prévio.

Quando o bicho homem deixar de ser político, até o monte maninho, como disse António Correia de Oliveira,

Dará rosas, pão e vinho!

XI

A paz . . .

Abril de 1916.

POR em-quanto — e já lá vão vinte e um meses de campanha — o mais claro sintoma de paz continua a ser... a absurdidade da Guerra.

Baldadamente se focaram, sôbre os últimos discursos de Bethmann-Hollweg e de Asquith, os microscópios dos jornalistas e dos psicólogos. A análise miúda dêsses documentos não deu senão o que era fácil de ver, porque já estava previsto: o chanceler alemão falou para convencer os inimigos de que a Alemanha está forte *como no primeiro dia*; para persuadir os neutros (e os Franceses, se puder ser) de que é a Gram-Bretanha quem prolonga a guerra; para entreter os Alemães, mostrando-lhes de um lado o Paraíso das anexações na Bélgica e na Rússia, e do outro lado o Inferno aonde o diabo inglês quer precipitar setenta milhões de almas germânicas, votando-as ao esmagamento

militar na guerra e ao esmagamento económico depois da guerra.

Houve quem visse no discurso do primeiro ministro britânico um enfraquecimento da energia que resumava das suas grandes arengas anteriores.

Respondendo ao chanceler, que o citou nominalmente, o sr. Asquith procurou com efeito explicar, por uma fórmula mais branda, mais diluída e mais vaga, a afirmação de que a Inglaterra não deporá as armas emquanto o militarismo prussiano não estiver destruído; e também é certo que diligenciou atenuar a ameaça do esmagamento económico do povo alemão, acentuada e concretizada na reunião da conferência de Paris.

Como nós, miúçalha que sofremos a Guerra, também os que a dirigem estão vivendo da esperança num milagre.

Com as realidades de que dispõem, nenhum, evidentemente, conta vencer grande coisa. Os milhões de homens, os milhões de libras, os milhões de marcos, vão servindo, quando muito, para resistir. A vitória, a decisão, o termo dêste horror em que todos entraram sem bem saberem como, e donde ninguém sabe como há-de sair,— êsse pôrto de salva-

mento da paz perdida, e desejada, todos esperam alcançá-lo, não pelos esforços previstos e pelas fôrças preparadas, mas por algum factor novo, inesperado e surpreendente, dêstes que o tempo às vezes tira do seu sacco misterioso e que mudam e resolvem num momento o que parecia imutável e irresolúvel.

O ministro alemão e o ministro inglês, no seu diálogo travado a distância, mostraram claramente, a meu ver, que a sua maior esperança está posta, não na fôrça das armas, mas na do Acaso; isto é: que o desejo da Paz assume, para êles próprios, o carácter de um vago e resignado Sebastianismo...

XII

Os povos-párias

Julho de 1916.

LA se reuniu em Lausana, pelos últimos dias de Junho, a terceira conferência das nacionalidades...

Presididos por um Belga, ali falaram, mais cheios de fé e de esperança que de caridade, representantes dos *Lituânios*, dos *Albaneses*, dos *Polacos*, dos *Catalães*, dos *Armênios*, dos *Bascos*, dos *Finlandeses*, dos *Egípcios*, dos *Geórgicos*, dos *Judeus*, dos *Jugo-Eslavos*, dos *Quirguizes*. E ainda falaram os *Checos*, os *Sérvios* e tantos outros desgraçados povos-párias, que em argumentos de raça, língua ou história baseiam as suas ambições de terem casa, lei e liberdade suas.

Alguns delegados falaram línguas que só elles poderiam entender; e quási todos revelavam simpatias ou tendências que se não podiam entender com as dos outros. Os *Finlandeses* mostram desejar a derrota da

Rússia, cuja vitória é o grande trunfo para os Sérvios e Belgas. Os Egípcios desembestaram naturalmente contra a Inglaterra, no meio da frieza ou da antipatia geral. Os delegados do Oriente da Europa olhavam-se quasi todos com desconfiança reciproca, porque as aspirações de alguns ofendem ou ameaçam as de outros, e entre êsses míseros que não teem eira nem beira já há rancorosas demandas de primazias e de limites...

Recebidos e agasalhados no hospitaleiro território helvético, é evidente que a Suíssa lhes deu acolhida sem lhes dar simpatia, porque um congresso de nacionalidades na Suíssa heterogénea lembra logo, e aos Suíços primeiro que a ninguém, a triste ideia da corda em casa de enforcado. Por isso a imprensa helvética, emquanto aquilo durou, nunca deixou de deitar água na alta ferverura das pequenas pátrias, censurando os ataques às nações beligerantes, frisando que cada povo tinha os seus contraditores a par dos seus delegados, e achando bem que o próximo congresso se realize noutra parte... e o mais tarde possível.

Assim se separaram de novo, sem grande lucro da sua reunião, os infelizes povos va

gabundos e trilhados, como uma triste companhia de ciganos ou de saltimbancos: melancólicos, taciturnos, cabisbaixos, levando às costas a preciosa farrapada das suas esperanças e dos seus direitos, pobre material com que hão-de construir as suas casas... quando Deus quiser.

M

XIII

A morte do Direito

Julho de 1916.

MAU foi começar. Aquele farrapo de papel onde a Prússia tinha pôsto a sua assinatura e que ela rasgou, considerando-o desprezível, era afinal uma das pedras que mantinham de pé esta tórre muito alta, mas muito instável, a que nós chamamos o Direito Moderno.

Essa tórre altíssima e precária levou séculos a pôr de pé, e em vinte e dois meses de guerra parece já uma ruína. Depois que a neutralidade da Bélgica foi pisada pelas tropas alemãs, quantas derrocadas não teem vindo desmantelar o frágil edificio jurídico ?

O direito mais sagrado dos neutros, o direito à vida, é contestado e atacado normalmente pelo desespêro da campanha naval submarina; mulheres e crianças de nacionalidades neutrais ou até amigas do atacante, são afogadas no naufrágio de navios desarmados, navegando com bandeira neu-

tra para portos neutros. Mas não é só o direito internacional, o direito das gentes — o tal a que os juristas chamam imperfeito, porque se pode pisar perfeitamente quando se teem mais soldados e mais canhões do que a outra parte — não é só êsse direito que se entortou pelo exemplo da douta Alemanha, e que só muito tarde se aprenderá a endireitar de novo.

Por causa da Guerra, ou a pretexto dela, vai a tirania verdadeira ou fictícia da Necessidade escalavrando rápidamente, por tôda a parte, a velha fortaleza das franquias políticas e dos próprios direitos civis. Liberdade de imprensa, inviolabilidade da correspondência, facilidade de trânsito e de comércio, tudo se suspende sem cerimônia por tôda a parte, e com pesadíssima semcerimônia nos climas onde o Direito e a Liberdade sempre cresceram raquíticos e que são precisamente os mesmos onde os vocábulos designativos daquelas duas coisas sempre se gritaram mais alto. Os resíduos de violência ferina que repousam no sangue do homem mais civilizado põe-os a Guerra de novo em suspensão activa e nociva. Útil na defesa e no ataque, útil em face do inimigo, esta ressurreição da fera

ancestral traz consigo, infelizmente, perigos tremendos, sobretudo quando se prolonga demasiado a situação anómala que a tornou necessária. A fôrça, a violência, a dureza, a crueldade, são virtudes que se adquirem depressa e vícios que se perdem devagar. Os generais e os políticos que o momento transforma em cães de guarda da pátria ganham tão rápido e tão fundo o gosto de ranger dentes ou de estracinhar carnes, que é fácil acabarem, às vezes, por não conhecer de todo o próprio dono.

Para quem não perdeu a sensibilidade jurídica, e até a própria sensibilidade moral, nestes dois anos de subversão quasi total do Direito, e de tirania da Necessidade ou da Violência, — nenhum pensamento é mais doloroso que o da situação criada pela Guerra à propriedade, à comodidade e à liberdade de tantos milhões de criaturas humanas inofensivas e inocentes, que o afastamento dos campos de batalha parecia abrigar de todo o mal

Quando a Prússia promulgava, já em 4

de Setembro de 1914, os seus decretos relativos à vigilância das emprêsas estrangeiras, e proibia todos os actos civis de disposição e transferência de valores para os países inimigos; quando os campos de concentração de Alemanha se enchiam, logo ao romper das hostilidades, de velhos e de crianças que ainda agora, apesar de mil negociações e esforços diplomáticos, não puderam ser arrancados ao seu monstruoso cativoiro; quando as próprias mulheres estrangeiras foram martirizadas ou insultadas nas cidades, termas e estações ferro-viárias alemãs, e a própria imperatriz viúva da Rússia sofreu vexames e afrontas; quando tudo isto acontecia, iniciava-se de facto (e por desgraça também de direito) uma outra guerra que, nem por constituir a sombra e o reflexo do outra, deixa de ser aos nossos olhos e ao nosso coração, pela sua novidade e pela sua infernal injustiça, talvez mais repugnante ainda do que a que se faz a ferro e fogo, ceifando milhões de vidas, aleijando milhões de mocidades sãs e fortes, reduzindo a cinzas e entulhos centenas de cidades e de aldeias, felizes e florescentes na véspera.

A guerra á propriedade estrangeira e ao

sangue estrangeiro, e quantas desgraças e misérias imprevistas não terá produzido, com as suas medonhas armas pseudo-pacíficas do sequestro, da expulsão e da concentração?... e Quantos nacionais não terão sido expoliados e torturados, por tãda a parte, a pretexto de se ferir o inimigo?...

Èste é um dos aspectos mais trágicos do cataclismo sem precedentes que se desencadeou sôbre todos nós. Nas guerras antigas quem estava longe estava salvo. Mas nestas de hoje o tiro de canhão voa a vinte quilómetros, e o salto do tigre não alcança apenas dez metros, como disse Junqueiro: chega a tãda a parte; vai roubar, matar, esfomear, martirizar, no mais pacato e remoto cantinho do mundo, até a criança que dormia no seu berço, inocente do novo pecado original que as feras esquadriharam numa pequenina gota do seu sangue!

As três potências protectoras da independência da Grécia obrigam a Grécia, pela fôrça e pela ameaça, a modificar em poucas horas a sua política interna, de acôrdo com

as conveniências militares delas próprias, potências protectoras da independência da Grécia. Fizeram, com isso, muito bem; e fizeram o mesmo que eu faria no lugar delas, com a diferença, apenas, de que eu já o teria feito há muito mais tempo.

Pão, pão; queijo, queijo. Mas, ¿ porque invocou o trio das potências, no preciso momento em que atentava violentamente contra a independência grega, a sua qualidade de protector dessa mesma independência? Pelo triste e lamentável motivo de que nós, humanidade, somos um todo constituído principalmente por miríades e miríades de parvos, a quem satisfaz tudo que é torto, sob a condição de lhe chamarem Direito.

Na sua actividade oratória dêstes dois anos posteriores ao comêço da Guerra, teve o chanceler alemão em meio da sua forçada hipocrisia official, alguns relâmpagos de simpática franqueza. Um dêles foi quando, para desculpar ou justificar a Alemanha de haver invadido a Bélgica, Bethmann-Hollweg apresentou o aforismo de que *a necessidade não conhece leis*.

Chamaram-lhe logo cínico, como é de uso chamar-se a todos os que abertamente proclamam as verdades mais incompatíveis

com o nosso entranhado gosto pela hipocrisia. Èle perdeu, com efeito, nêsse momento, uma excelente occasião de ser hipócrita. Como bom Alemão, mal educado pelos Bismarck, pelos Treitschke, Bernhardi, Bülow e outros que tais valentões, ignorou a psicologia humana, que a Alemanha aliás supunha ter estudado a fundo, pelo simples facto de lhe haver dado o nome bárbaro de *Volks-psychologie*. Cometeu a imprudência crassa de proclamar antes da vitória o aforismo de que a fôrça prevalece sôbre o direito, aforismo que a derrota completará desagradavelmente desta maneira: . . . *mas não sôbre uma fôrça maior*. Esqueceu-se de que a verdade só se diz quando já não é preciso encobri-la, isto é: nem mesmo depois de morto.

XIV

¡Abaixo a economia!

Julho de 1916.

¿ **D**E que serve restringir e apertar o dia de hoje, quando se não sabe o que será, e até mesmo se haverá, o de amanhã ?

Amanhã Deus dará, dizem os perdulários em épocas normais. Pelos tempos que correm (ninguém sabe para onde) mais certo é que Deus tire, em vez de dar. E então, sem dúvida nenhuma, a verdadeira e sábia economia não consiste em guardar, mas em gastar. Economia significa previsão; a previsão é a visão do futuro; o futuro só existe porque a nossa alma, feita de hábitos, atribui ao *que será* a mesma regra e ritmo do *que é*. Quando, como, agora, o Presente não tem ritmo, é evidente que o Futuro não existe; e se o que não existe não se vê, muito menos se prevê.

O que torna o tipo do Avarento particularmente odioso e grotesco ao nosso senti-

mento é, acima de tudo, a sua falta de lógica. O homem que se priva para entesourar, e que entesoura para nada, repugna áquele teimoso jeito da Razão, que não prescinde de ver algum objecto a cada acto e utilidade bastante a todo o sacrificio. Na variegada escala dos loucos e das loucuras, a loucura do avarento é a mais imperdoável de tôdas, por ser ao mesmo tempo a mais louca e a que melhor se disfarça sob aparências de juízo. O doido furioso, correndo cegamente para a própria ruína, é mais simpático ou mais atraente que o doido cauteloso, resignado à miséria real e actual, para se defender de perigos possíveis, ou imaginários, ou nenhuns.

A' medida que a Guerra se espalha e se instala neste mundo que tanto custara a arrumar, a vida humana, nacional ou individual, vai-se parecendo cada vez mais com um jôgo de puro azar. Povos inteiros vêem o seu futuro tão incerto, como se o tivessem jogado todo num bilhete da lotaria, ou numa cifra da roleta. Há homens que acordam de manhã com as suas fortunas triplicadas, e outros que tinham sido remediados ou ricos, e à noite não conseguem adormecer, porque não sabem como almoçarão no dia seguinte.

Todo o Direito oscila nas suas bases, delicadas apesar de seculares. Os exércitos saqueiam o que não tinham devastado; e os governos organizam com decretos um saque jurídico, ordenando apreensões, sequestros, empréstimos forçados, suspensões de garantias, êxodos brutais, violações do domicílio e do correio...

Se a Guerra não acaba dentro em pouco, recuaremos depressa para as idades da Fôrça e da Violência, em que a previsão e a economia não figuravam entre as virtudes necessárias, porque as únicas propriedades úteis ou seguras eram os ásperos castelos, as espadas sempre prontas, os pulsos de ferro e a esperança no Céu...

Os cães e os rebanhos

Agosto de 1916.

Não há nada novo debaixo do sol? Não, de-certo. Mas aparecem sempre maneiras novas de fazer, e sobretudo de dizer, as coisas velhas e eternas.

Aqui está êste estudo em que o académico francês Lavedan defende e glorifica os pais de muitos filhos. Oxalá que, para bem da França e do Latinismo ameaçado, o faiscante escritor consiga repor em moda a maternidade abundante, de modo que as famílias numerosas deixem de ser, como teem sido, objecto de ridículo e de escândalo. Emquanto não chega o dia em que as mulheres civilizadas abençoem de novo e sempre os frutos dos seus ventres, já ao menos ficamos devendo a Lavedan algumas páginas a mais de soberba prosa franceza e, entre elas, esta nova e saborosíssima definição do eterno despotismo das maiorias falsificadas:

«Dir-me hão que a família numerosa, exactamente porque o é, tem consigo a fôrça que lhe vem do número, e dêle pode tirar o apoio bastante para se defender e triunfar. ; Como se a fôrça estivesse sempre com o número... O que se vê cada dia, em persuasivos exemplos, é a prova desoladora de que, pelo contrário, triunfam quási em tôda a parte, fâcilmente e sem luta, as minorias reduzidas, mas ferozes; pequenas, mas implacáveis. O número é tímido, é manso, é a própria essência da docilidade, é o elemento fundamental do rebanho, tanto mais fácil de levar quanto mais espêso é, a ponto que um cão sòzinho basta para o conduzir adiante de si... E a única diferença está em que o cão, ligado ao seu rebanho, vela por êle como amigo; ao passo que o número pequeno, uma vez senhor do grande, o detesta e oprime com prazer...»

¿ Em que é que pensava Lavedan, ao definir assim genialmente as proezas das minorias que sabem mascarar-se de maiorias para oprimirem sem dó nem piedade as maiorias verdadeiras? ¿ Quais são os persuasivos exemplos que o inspiraram?

A sua alusão é bastante vaga para nela caberem à vontade, tanto a minoria de po-

líticos franceses que durante os dez ou quinze anos anteriores à Guerra fizeram em França o jôgo da Alemanha, como as oligarquias agrárias e militares prussianas, que souberam hipnotizar setenta milhões de Alemães, a ponto de os mergulharem num sonho irrealizável, bárbaro e funesto, de imperialismo universal...

XVI

As ambições de Joffre

Setembro de 1916.

São estas as minhas últimas ambições : ganhar a batalha final e depois metter-me num barco e viajar nêle pelos admiráveis rios de França.»

Com estas palavras fechou o generalíssimo Joffre uma entrevista concedida ao representante de qualquer jornal americano. E se elas são sinceras, como parece, nunca de certo um *imperator*, desde que há mundo e guerras, revelou, em pleno exercício das suas funções dominadoras e terríveis, sentimentos tão repassados de mansidão, de ternura e de poesia.

Do alto da tribuna do parlamento francês disse há tempos o deputado André Tardieu que a Guerra deixou de ser uma *coisa monárquica*, porque a grande mola no conflito actual são os povos, transformados em exércitos nacionais e fornecendo um esforço de tenacidade e paciência que há cincoenta anos

ninguém ousaria pedir senão a tropas de profissão...

Não ha dúvida que a duração da Guerra, a sua ubiqüidade, e sobretudo a sua indecisão, teem contribuído grandemente, por tôda a parte, para tirar ao poder militar a supremacia esmagadora sôbre os poderes civis, administrativos e burocráticos.

Mais do que nunca os comandos guerreiros teem precisado da assistência paralela e contínua do braço paisano, não só para ir tenteando para cá das linhas de combate a vida civil que não podia parar por tanto tempo, mas também para lhes fornecer, pela finança e pela indústria, os próprios meios de resistir e vencer.

Assim a Guerra deixou de ser, como disse o deputado Tardieu, uma coisa monárquica; e assim também os generalíssimos podem afirmar, sem fazerem sorrir a gente, que o seu desejo é vencer, para irem depois pescar à linha, ou caçar borboletas. Mas não nos fiemos de mais nesta lua de mel da Democracia com o Militarismo. O pé de igualdade em que os dois vivem hoje é contra a natureza intrínseca e imutável de um e de outro. Os exércitos da Revolução Francesa também não eram uma coisa mo-

nárquica, emquanto se defendiam da coligação europeia; quando, porém, passaram a atacar e a invadir, logo geraram Napoleão, a Conquista e o Império...

Tudo neste mundo se paga e a própria vitória tem de se pagar duplamente, com os sacrifícios que se fazem antes de a obter e com outros, de outra ordem, que ela torna inevitáveis a quem a ganhou. Para vencer a Alemanha é preciso batê-la; para a bater é preciso invadi-la, castigá-la na sua vera carne, calmar as sêdes de vindita e rancor provocadas pelos excessos e violências de que a acusam. E se a atmosfera moral e política que de tudo isto resultará fôr favorável à gestação de generais com suaves ambições de meninas românticas, então a Guerra terá com efeito deixado de ser uma coisa monárquica, mas o mundo estará voltado do avesso, e os homens... já não serão homens.

XVII

Guerra e Educação

Setembro de 1916.

NA Inglaterra e em França, a propósito da Guerra e dos múltiplos problemas que ela suscita, discutem-se, como era natural, os sistemas, processos e tendências da educação e do ensino nacionais. E' o que sempre acontece nos períodos de crises graves: depois do burro morto, chaga-se-lhe por onde calha a ração de cevada...

Há, porém, que distinguir. Um país leva sempre muito mais tempo a morrer do que um burro, e as proprias nações moribundas teem diante de si um futuro bastante largo, para aproveitarem alguma coisa com as reformas que chegam tarde. O que é preciso é que as reformas cheguem, e que os países reformandos lhe não saiam ao caminho para as impedirem de chegar.

Uma das maneiras mais vulgares, e de certo a mais eficaz de inutilizar as reformas

de educação, consiste na mania que teem os homens de quererem melhorar a nação pela via das crianças, ficando êles, por comodismo, com todos os seus queridos vícios e preciosos defeitos. Fazem assim, com muito dinheiro, escolas onde os filhos aprendem maravilhas e se educam magnificamente, para virem depois para casa, ao contacto dos pais, deseducar-se e desaprender.

Depois da Guerra, a julgar pelo que lemos nos seus melhores jornais, vão os Ingêleses salvar a Pátria, ensinando nas escolas menos grego, menos latim, e muita física e química. Com isto esperam êles desbancar o tino industrial da Alemanha, sem se lembrarem de que não há física nem química suficientes para substituir a resignação ao trabalho contínuo, o avaro aproveitamento de tempo, o sacrifício de algum conforto e de muitos prazeres, — virtudes que os rapazitos não podem aprender com pais e mestres que as não praticam.

Os Franceses, pelo seu lado, como teem feito nesta guerra—honra lhes seja!—uma grande figura militar e moral, mostram-se contentes consigo próprios e acham que, tirada uma tão bela prova à educação que tiveram, não há motivo para mudarem.

Há justiça neste sentimento, mas eu vejo nêle também alguma leviandade, e uma certa ingratição pelos acasos e circunstâncias exteriores que salvaram a França em dois ou três minutos decisivos. E a leviandade, sobretudo, é grave, porque ameaça levar os Franceses à crença tentadora de que poderão continuar impunemente, depois da Guerra, a envenenarem-se com alcool, a organizar a intolerância religiosa e política, a esbanjar a fortuna pública para satisfação do egoísmo pecuniário das classes, a sacrificar o crescimento da população à covardia moral das famílias.

Remexer no ensino das crianças ou deixá-lo como está, são coisas igualmente fáceis. Difícil, quando não impossível, é refazer a educação dos homens e mudar o rumo às tendências colectivas.

XVIII

Degeneração dos inventos

Setembro de 1916.

DE pouco serve ao homem o aperfeiçoar os seus meios de submeter a Natureza, em-quanto a própria natureza dêle se mantiver tão longe da perfeição. E' pela invenção de novos e cada vez mais perfeitos maquinismos que as fôrças naturais se amoldam e dominam; mas ¿ quem inventará um dia a máquina por excelência, a que decerto faria dispensar as outras tôdas, a máquina de melhorar a alma do homem?...

A máquina de melhorar a alma do homem está inventada, e chama-se a Escola. Mas esta resultou também ineficaz, em primeiro lugar porque o seu motor é o homem; e em seguida porque, contrariada pelas outras máquinas, nem fôrça tem para concertar o que elas desconcertam.

O gramofone não trouxe melhoria sensível ao ensino prático das línguas; mas fun-

ciona perfeita e profusamente nas tavernas, como chamariz da freguesia que ainda não esteja de todo escravizada pelo vício.

¿Que melhor *Orbis pictus* poderia ter idealizado o genial Comenius do que a maravilha do cinematógrafo? Por ela conseguiriam as crianças ver o mundo inteiro — imenso e vário — estampar-se vivo sôbre a parede da sua aula. Ver as paisagens longínquas, os grandes quadros da história, a vida dos animais, o crescimento das plantas, a acção das leis físicas, o exemplo moral das virtudes, a biografia animada dos grandes homens, o funcionamento claro das máquinas e das indústrias. Em vez disto aconteceu, opostamente, que o invento prodigioso constitui por todo o mundo um factor de desmoralização não só das crianças, mas de todos os espíritos fracos, transformado como foi pelo comércio, e pela influência envilecedora das multidões, numa escola de mau gosto literário, de excitação nervosa doentia, de precocidade sensual, de formação desta reles epopeia contemporânea, que escolheu como heróis as figuras complementares do polícia e do bandido.

Não é possível prolongar aqui a lista dos exemplos que mostram como tantas máqui-

nas e inventos scientificos, que pareciam destinados ao melhoramento do homem e à sua felicidade, degeneraram depressa em novos colaboradores da deseducação e da desgraça. Cá estamos vendo há mais de dois anos, a navegação aérea e a navegação submarina, que, em-quanto não saíram da cabeça de Júlio Verne, serviram consoladoramente ao cavalheirismo dos *Nemo* e dos *Robur*, e, transportadas à prática, teem ceifado aos milhares as vidas de pobres mulheres, e de pobres crianças inocentes.

A fuga do *Breslau* e do *Goeben* para as águas turcas prolongou e alastrou funestamente, como todos sabem, esta chacina estúpida e louca da guerra europeia. ; E de quem foi a culpa? ; Porque é que o almirante Milne não meteu a pique os dois cruzadores, que teve a tempo e horas na sua proa? ; Porque não avançou êle, e não ousou, como Suffren diante de La Praya, e Nelson em face de Copenhague? ; Porque perdeu êle o momento fatal, único e decisivo? ; Porquê!?...

Porque perguntou para Londres, e Londres quis ouvir Paris, e Paris consultou Petrogrado, e Petrogrado sondou Constantinopla, e Constantinopla jogou de porta, e a

Porta, sublime como lhe cumpria, abriu-se aos barcos alemães e logo se fechou sobre as ventas inglêsas.

Não fui eu que inventei isto — eu, pobre cerzidor de paradoxos. Afirma-o, do alto da sua autoridade técnica, o crítico naval Emílio Vidal: a culpa dos sucessivos e tremendos fiascos dos Dardanelos cabe, íntegra e única — à telegrafia sem fios!...

Sem ela, não teria o almirante inglêz perdido tempo a disparar telegramas, quando a sua função consistia em dar tiros.

XIX

Guerra e filosofia

Setembro de 1916.

PAULO Souday, o eruditíssimo e saborossíssimo crítico francês, descascou magnificamente, no *Temps*, as obras do dr. Gustavo Le Bon. Descascou-as e cascou-lhes, sempre com admirável talento e espírito, mas nem sempre com esmagadora razão.

E' evidente que a filosofia social de Le Bon padece de excesso de organização e, constituindo um sistema cerrado, põe facilmente o próprio filósofo na má postura de prisioneiro das suas ideias ou teorias. Mas já não me parece tão claro êste ponto que o sr. Souday considera essencial, relativamente à filosofia de Le Bon: «*A' moins d'une défaite des alliés, son système s'écroule.*

Não. Vença quem vencer, há na obra de Gustavo Le Bon um número muito respeitável de observações perspicazes sobre o funcionamento da alma colectiva, observa-

ções que ninguém fez ou pelo menos não arrumou antes dêle, e que ficarão mais firmes sobre a terra do que o próprio vencedor. A Guerra não tem feito, por exemplo, senão confirmar as páginas sagacíssimas da *Psicologia das Multidões*. E, pelo que respeita às observações de Le Bon sobre a educação latina, os factos recentes não as contradizem tão sumariamente como o sr. Souday parece acreditar, citando estas afirmações do seu compatriota: «Os Latinos possuem fraco espírito de solidariedade, muito pouca simpatia uns pelos outros, uma capacidade mínima de iniciativa; são faltos de vontade e energia, intolerantes e sectários...» Embora fortemente condensadas pelo eminente crítico em aforismos, e separadas do seu contexto, estas doutrinas, que aliás não são originaes ou exclusivas de Le Bon, mas comuns aos discípulos da *École des Hautes Etudes*, aos trabalhadores da *Science Sociale*, e a muitos outros sociólogos ou pedagogos francezes — estas doutrinas, dizíamos, não foram desmoronadas pela Guerra. O que talvez se possa dizer é que Le Bon, e outros, não eram, nem são, nem podem ser, puros filósofos, puros observadores do homem colectivo, mas são

também e cumulativamente moralistas, reformadores, e políticos em certo sentido. Como tais, a sua obra perdeu o carácter sereno da sciência ou da filosofia e tornou-se panfletária e exagerada, como era inevitável, repisando nos defeitos ou fraquezas que pretendiam corrigir e deixando na sombra virtudes e fôrças que os não interessavam por estarem adquiridas, ou por lhes não parecerem compensadoras.

Não há sistemas filosóficos eternos, pela razão simples de que os não há definitivamente verdadeiros. Mas como nenhum sistema é exclusivamente mentiroso, alguma cousa do de Le Bon há-de sobreviver à Guerra, quando mais não fôsse porque na paz e para ela é que êsse sistema se engendrou. E que as virtudes úteis à guerra não são as mesmas que conveem à paz, temo-lo nós visto todos os dias, e em todos os campos, desde Agôsto de 1914 para cá.

As sete maravilhas da Guerra

Outubro de 1916.

VENDO-A pelo preço que me custou : a Alemanha, falha de gorduras que lhe são indispensáveis à fabricação de explosivos, resolveu cozer em água a ferver os cadáveres dos seus próprios soldados. Tal a notícia macabra que acabo de ler num telegrama de Roma para um jornal de Lisboa, e que mostra mais uma vez como os Alemães já estão lutando com a maré vasante.

Até há poucos meses a credence universal attribuía fácilmente ao espírito inventivo e construtivo da nação germânica a produção dos mais tremendos e inesperados aparelhos de destruição. Depois do fiasco de Verdun, e do refluxo moscovita, e dos avanços na Picardia, e do êxito de Gorizia, e da intervenção romena — a credence humana foi mudando de sinal, à medida que a Guerra mudava de feição; e hoje acredi-

ta-se que os Alemães possuem ainda os mesmos cérebros fecundos na inventiva e na técnica, mas que essa posse deixou de lhes ser útil para o ataque e só poderá servir-lhes, quando muito, para adiarem desesperadamente o recuo e a derrota.

Agora são os Inglêses quem inventa e executa maravilhas nunca vistas: Churchill, ex-ministro da marinha, concebeu não um submarino aperfeiçoado, mas uma fortaleza automóvel, que avança por qualquer caminho, galga as sebes de arame farpado e faz fugir os Alemães sob uma chuva de metralha. S. M. Jorge V acaba de receber em palácio o coronel Swinton, inventor de um canhão novo, já em uso, que faz cessar tudo o que roncava a antiga musa Krupp. E, assim, sucessivamente. . .

Estabelecido pela fantasia popular universal que os Alemães já não inventam senão para ir vivendo, ao passo que os Anti-alemães vão agora sempre andando, avançando e inventando — não foi difícil acreditar-se que, finda a guerra, a Alemanha instituirá legalmente a bigamia, com o fim de refazer-se das enormes perdas que tem sofrido em carne e osso.

Talvez onde fiquem poucos homens para

muitas mulheres não valha a pena decretar coisa nenhuma. Talvez o perigo alemão renasça fãcilmente das pr3prias cinzas, sem necessidade de legisla33o especial. E os Aliados devem estudar desde j3 atentamente se com efeito n3o ser3 perigoso fazer aos Alem3es, depois da guerra militar, uma guerra econ3mica. ; O que ir3o 3les fabricar, se lhes n3o derem licen3a para fabricarem mais nada? Mal por mal, antes bonecos de Nuremberg, do que futuros husares e futuros ulanos...

XXI

Paralelismo de guerra e paz

Novembro de 1916.

Todos os países em guerra pensam e trabalham na sua preparação para a paz. E tôda a gente nota que os mais profundamente embrulhados na batalha são os menos propensos a desleixar os problemas da hora grave que se vai seguir ao esforço militar.

Estes dias de Caos são outras tantas alvoradas de uma nova Criação. A ordem é morrer para viver ; a senha, ir lutando e estudando. ; Coitados dos que se atarantam na sustentação das campanhas actuais e a quem não sobra método, ou intelligência, ou previsão, para assegurarem munições às campanhas futuras ! Pobres dos que pensam que lhes basta vencer a guerra de hoje, porque êles serão vencidos pela paz de amanhã ! Cegos e loucos, todos êsses neutros descuidosos, que a si próprios se felicitam porque a Guerra os não colheu, sem se lem-

brarem de que a paz acabará talvez para êles, quando começar para os outros !

A diferença essencial entre guerra e paz é a mesma que vai da fortuna em sossêgo à miséria salgada pela dor.

Que haja, ou não haja, tiros e sangue—eis um pormenor que não toca no fundo das coisas. E uma paz que nos traga aflições económicas, crises orgânicas de tôda a ordem, pode à vontade chamar-se *paz* no dicionário, que nas almas, nos corações e nos estômagos terá um travo de guerra, e da pior.

Os países que não podem prescindir dos capitais e dos homens da Europa já pensaram e previram bem que a Europa, finda a guerra e por muito tempo depois, há-de ter pouquíssimos homens e pouquíssimos capitais para lhes mandar ? ; O Brasil terá meditado na segura probabilidade de que a França, por exemplo, venha a ser dentro em pouco uma sua concorrente ameaçadora na atracção das imigrações portugueza, espanhola e italiana ?

A Guerra, ou está a acabar, ou vai durar indefinidamente, sob uma forma atenuada, em que as obras pacíficas hão-de encontrar lugar tão importante como as militares. E,

em todo o caso, a paz que se seguir à guerra de hoje será menos uma paz na velha acepção simplista e doce, do que uma guerra económica, uma guerra de construção, tão feroz, sob aparências mansas, como a sucissão actual de batalhas lentas, extensas e destruidoras.

¡ Mal daqueles que não vêem isto ! Mal das nações que agora só pensam em soldados, canhões e obuses, quando um dia acordarem desarmadas de caixeiros, de técnicos, de lavradores, de fábricas e de navios !

XXII

¡A' saúde dos pequenos povos!

Novembro de 1916.

PARECE que, depois de muito apertada pelas urgências da sua indústria, a Suíssa se decidiu a assinar com a Alemanha uma convenção que lhe permite importar do Império certos metais, com a condição expressa de que as máquinas porventura construídas na Suíssa com êsses metais alemães não sirvam para fabricar artigos destinados a exportação para a Itália, França ou Inglaterra, inimigas da Alemanha.

Isto já é, por si só, suficientemente complicado, e mostra a triste situação em que se encontra um país pequeno, cioso da sua independência e da sua tranqüilidade, mas por desgraça encravado no meio de um extenso e pavoroso manicómio de grandes nações em guerra furiosa. Como, porém, na moderna vida económica *tout se tient*, e as bases da nossa civilização industrial e commercial teem sido e vinham sendo cada vez

mais o intercâmbio, a inter-penetração, a comunicabilidade e a reciprocidade, a fortuna não deixou durar muito aquele engano de alma ledó e cego, em que a Suíssa se embalava ao negociar com a Alemanha. Conhecedoras do contrato, logo a Inglaterra, a Itália e a França se apresentaram a reclamar em Berna, para que a República Helvética não continue a vender à Alemanha os produtos feitos em máquinas *lubrificadas com óleos fornecidos pelos aliados*, nem a enviar às fábricas alemãs da margem direita do Reno a corrente eléctrica transmitida *por fios de cobre fornecidos pelos aliados* . . .

Já o Leitor está vendo como é fácil, por esta *luta de tracção* das duas jurisprudências beligerantes, chegar-se ao sublime conceito jurídico de que a Suíssa, livre, independente, trabalhadora e pacífica, não tem o direito de comprar, nem de vender, nem de exportar, nem de importar, nem inclusivamente de produzir, coisa nenhuma.

E' possível que desta guerra ilustre, e até santíssima, na opinião unânime dos que a estão fazendo, venha a sair pronto e acabado, como êles todos prometem, o paraíso terreal dos pequenos povos. Mas a verdade é que estes o estão pagando adiantado por

um preço tão excessivo, que lhes faz saúda-
des do velho inferno ou do velho purgató-
rio em que dantes viviam de perfeita saúde.

Bélgica, Sérvia, Montenegro, Luxemburgo,
desapareceram de entre as nações vivas e
livres. A Arménia é chacinada a preceito. Os
Polacos vão ter um Reino de troça maca-
bra; que ao fim virá, porém, a parecer-se
com o do Céu, quando os Alemães os man-
darem combater os Russos, e os Russos
fusilarem como traidores os que houverem
escapado das batalhas. A Roménia esteve
dois anos a escolher *a sua hora*, e encon-
trou a final... a hora de Mackensen e de
Falkenhayn. A Grécia está feita um farrapo
a que os Aliados limpam as botas; e a No-
ruega, transformada em capacho dos Ale-
mães...

¿ Quando, e em quem, parará a triste sé-
rie ?

XXIII

Uma fábula

Dezembro de 1916.

As vitórias na Roménia retemperaram o inimigo, prolongaram a Guerra, impressionaram profundamente os neutros e comunicaram aos Aliados um sentimento de inconsolável humilhação.»

Assim falou o *Times*, que gosta de chamar aos bois pelo seu nome, sobretudo... quando as lebres estão corridas. E logo acrescenta que a lamentável situação da Roménia não teria chegado ao que chegou, se os factos políticos e militares do Oriente houvessem sido estudados, em Londres e algures, com inteligência e reflexão (*with vision and insight*). Tôda a história das negociações que precederam a intervenção da Roménia, diz ainda o *Times*, é um estendal (¿ ou um *estenderete?*) de diplomacia canhestra.

A respeito de diplomacia canhestra (*bungling diplomacy*), contaram-me há tempos

uma pequena fábula que corria em Berlim de boca em boca, na época em que as relações do Império Alemão com a República Portuguesa se iam azedando, e caminhando para o rompimento.

Personagens da fâbulazinha berlinesa eram o Boi, o Cavalo e o Burro, falando todos três como gente, a respeito das suas relações com a guerra.

— Vida intensa, morte gloriosa! gritava o cavalo, entusiasmado. Deixar a existência monótona da paz; sair da escuridão dos estábulos, ou da insípida comédia das manobras, ou da torpeza dos mesteres paisanos, para o ar livre, para as noites de fogo e sangue das batalhas, para a vertigem das cargas... ¿Que melhor destino e melhor fim poderia desejar um animal do meu sangue nobre e ardente?...

Tendo o cavalo falado assim, perderam-se os seus olhos no vago; e sentia-se que ele estava antevendo e antegozando um *Walhalla* onde a erva é azul, servida em mangedoiras de prata, ao som do *Deutschland über alles*.

Mas o boi, coitado, o gordo e manso boi Sancho Pança, dizia tristemente, de si para consigo:

— Comido na paz ou comido na guerra; comido por soldados ou comido por mulheres; comido em hospedarias ou comido nas trincheiras — tudo é o mesmo, e o resto são franjas!...

O burro, entretanto, continuava sàbiamente calado; e calado estaria ainda, a estas horas, se o cavalo, que acordara em-fim de galopar em pleno sonho, o não tivesse sacudido desta maneira:

-- E tu, burro amigo, ¿ como te dás com a Guerra?

— Eu?... Eu, cá por mim (orneou com pachorra o interpelado) tenho-me dado muito bem... ali no meu emprêgo do Ministério dos Estrangeiros.

.....

E' fácil a crítica, muito mais fácil que a arte, e muito mais fácil ainda a crítica que se faz quando a arte já tem provado mal. Em todo o caso a política, a diplomacia, e com elas a pontualidade militar dos Aliados na Sérvia, na Bulgária, na Turquia, nos Dardanelos, na Roménia e na Grécia, estavam a pedir, creio eu, esta ediçãozinha portuguesa da saborosa fábula de Berlim.

XXIV

Mau bocado

Dezembro de 1916.

São tristes estes tempos; mas convém olhá-los bem de frente, sob pena de parecermos pusilânicos. Só aos covardes repugna encarar a verdade; e o ânimo forte tem mais medo à incerteza do que à má fortuna declarada.

Como tantas vezes tem acontecido e há-de acontecer, numa guerra longa e indecisa como esta, os ventos mudaram e sopram hoje de má feição. Agora temos saudades da nossa esperança e confiança de há três ou quatro meses, quando a Rússia acabava de romper a barreira austro-alemã, e a Itália avançava depois de haver recuado, e a Roménia se decidia pelos Aliados, e Ingêses e Franceses ganhavam um avanço sem precedentes na linha ocidental.

Sucedem-se agora umas às outras as notícias adversas, e os pessimistas espalham à vontade, sôbre a tela ainda branca do dia

de amanhã, a tinta negra dos seus pressentimentos.

— A Roménia, dizem êles, foi mais um pequeno povo atirado à voragem. É enorme o efeito moral da sua desgraça; as conseqüências militares do seu esmagamento vão fazer-se sentir imediatamente, numa campanha de inverno que não só ameaça as fôrças internacionais do general Sarrail, mas atingirá também o norte da Itália, o canal de Suez e o Egito. O desânimo e o cansaço, no campo dos Aliados, manifestam-se pela linguagem deprimida dos jornais franceses, pelo facto significativo da crise ministerial inglêsa, pelas tendências pacifistas de uma parte importante da opinião britânica. O anúncio extemporâneo da doação de Constantinopla à Rússia mostra até que ponto a Inglaterra e a França receiam a deserção moscovita...

Assim fala o homem de óculos negros, e a gente tem de confessar que uma parte desta escuridão está nos factos, e não só nos vidros dos óculos. Mas, de hora em hora, Deus melhora. Pode ser que daqui por dois meses o quadro esteja de côres tão diferentes, que a visão rósea dos optimis-

tas de então possa atribuir-se mais à realidade, que à tinta das suas lunetas. E, em todo o caso, procuremos sempre ver as coisas como elas são, e chamar pelo seu nome à má hora, e reconhecer francamente o perigo, para o esperarmos preparados, e para o remediarmos, se fôr possível.

Os cegos que não querem ver, e os que tcimam em cegar os outros, são companhia ruim nestas crises. São os *endormeurs*. São os traidores de máscara leal e heróica. São os primeiros que abdicam, ou que fogem, quando o perigo chega, a valer.

Lições políticas da Guerra

Janeiro de 1917.

POR tãda a parte os inimigos da democracia, assim como os adversários do socialismo, descontavam como consequência política fatal da guerra europeia, o revigoroamento das ideias hierárquicas, da liberdade económica e do princípio monárquico. Por tãda a parte os factos teem vindo confirmar num ponto, e noutro ponto enfermar completamente, as previsões ou aspirações daquelas duas maneiras de ver e de sentir na matéria política. Por tãda a parte, em tãdas as grandes ou pequenas nações beligerantes, desde a Alemanha cesarista e militarista à Inglaterra liberal e democrática, o andamento da Guerra vai pouco a pouco impondo à forma de governação dos estados um tipo uniforme em que o poder se concentra para actuar depois, não só com mais unidade e mais fôrça, mas também com maior minúcia e maior ubiqüidade.

Vence, pois, o princípio monárquico, pois se reconhece necessário que mandem poucos, quando não possa mandar só um; e vence o princípio socialista, visto que a autoridade intervém em tudo, substitui a liberdade e a iniciativa de cada um, condena e revoga os ideais anteriores, do liberalismo, do individualismo e da descentralização.

¿Será durável e estável a vitória da monarquia socialista, ou do socialismo ditatorial? Não é fácil que o seja, porque em tempos normais esta abolição total da vontade do indivíduo só poderá perdurar num povo de escravos, todos igualmente sujeitos ao capricho de um chefe único e absoluto. Esses escravos existem hoje, e somos nós todos, europeus lançados por uma série de fatalidades e de asneiras na estupidez da guerra geral; esse chefe terrível e necessário também a Europa inteira o reconhece e respeita agora submissamente; e o seu verdadeiro nome não é Guilherme II, nem Lloyd George. Chamemos-lhe antes Necessidade, ou Instinto da Conservação; chamemos-lhe o que quisermos, mas obedeçamos-lhe como crianças ou como máquinas, como escravos, ou como coisas, pedindo-lhe em troca unicamente que mande rápido e que mande certo.

Depois, veremos. Quando a paz voltar, quando a vida fôr de novo a feliz brincadeira de outros tempos, poderemos então escolher de entre os vários bonecos políticos que antigamente nos entretinham o que mais nos agrada, e até inventar outros novos, cada vez mais democráticos, cada vez mais descentralizados, cada vez mais individualistas, cada vez mais liberais — e entregar-nos assim ao nosso pendor humano e eterno de transformar o Poder em Impotência.

Sôbre a unidade de direcção

Janeiro de 1917.

A EFICÁCIA da organização militar alemã revelou-se nos primeiros dias de guerra. A perfeição da sua organização geral denuncia-se melhor à medida que a guerra dura.

Para se defenderem da Alemanha, para lhe fazerem frente, os países seus adversários tiveram, primeiro, de organizar ou reorganizar os seus instrumentos de guerra. Para conseguirem vencê-la, foram forçados a transformar as suas próprias organizações administrativas e políticas, procurando às apalpadelas a fórmula nova, que deve fazer do poder civil a base ou a alavanca do poder militar.

A campanha imensa dura há mais de dois anos, e êste espaço de tempo consumiram-no a Inglaterra e a França, ou mantendo intacto o seu habitual mecanismo político, ou introduzindo nêle mesquinhas

alterações de superfície, aliás concebidas e realizadas no sentido da tradição e da rotina. Era o tempo dos desdobramentos de ministérios, sistema que não teve, como se viu, outro efeito, senão complicar o esforço e enfraquecer a direcção. E foram precisos dois anos e meio para se chegar à conclusão tão simples, e tão facilmente prevista, de que a autoridade dividida era autoridade diminuída, e de que o poder se ia tornando impotente no grau exacto em que o especializavam e espalhavam. Os conselhos de ministros tornavam-se, como era natural, uma espécie de parlamentos; a acção empatou-se na discussão; o braço immobilizou-se quasi, à espera de que trinta, ou cem, ou mil cabeças, concordassem numa sentença só. E como isto é contra o provérbio e contra a natureza, a Alemanha foi andando, emquanto os outros iam falando.

Hoje os outros reconhecem que andaram pouco, principalmente por terem esbanjado o tempo a falar muito. E tratam agora de emendar a mão, ou antes: de dobrar a língua, concentrando a direcção da guerra em conselhos pouco numerosos e, portanto, pouco faladores.

Mais vale tarde, que nunca. Há quem

pense que a reconsideração chega, porém, tarde de mais; e que a Alemanha leva sôbre os seus eloqüentes inimigos um partido difficil de recuperar. E' possível; mas é mais de recear que a emenda peque por insufficiente, do que por tardia. A Inglaterra e a França gastaram quási dois anos a descobrir que precisavam de *poucos directores*. E o que elas deviam ter descoberto há mais tempo é que precisam de *um só*.

XXVII

Educação do Povo

Junho de 1916.

TESTEMUNHAS oculares afirmam que, durante as primeiras horas da revolução irlandesa, a principal ocupação dos revolucionários foi o saque e a pilhagem. E acrescentam que o que os revolucionários pouparam foi depois roubado ou destruído por bandos de mulheres, vindas dos bairros miseráveis de Dublin, e que à tarde passeavam na cidade com os pés descalços, e os colos adornados de esplêndidas feiras de pérolas.

Êste quadro é instrutivo para todos, e muito especialmente para nós, Portugueses, que vivemos há anos num regime de paz civil instável, altamente lucrativa para uma minoria de aventureiros políticos de tôdas as côres, mas altamente nociva ao verdadeiro povo, que é sempre quem paga, com oiro, com sangue e com tempo perdido, as duras custas do que os outros pescam nas águas turvas.

Se a incompetência, o sectarismo, o parasitismo, a falta de escrúpulos, continuarem a revelar-se incapazes de pacificar o espírito colectivo e de compreender que acima da bonecagem das fórmulas políticas existe a Pátria, e acima dos interesses de partido existem os do povo — se assim fôr, caminharemos inevitavelmente para a desmoralização progressiva do carácter popular, e as nossas multidões revolucionárias ir-se hão parecendo cada vez mais com as turbas de incendiários irlandeses, sem outro ideal além da destruição e da pilhagem.

Já êste progresso desconsolador se desenha com nitidez pela comparação da revolução de 1910 (com as suas sentinelas de pé descalço, fazendo guarda ao tesouro dos Bancos) e a de 1915, manchada de saques aos próprios edifícios do Estado, e de homicídios inúteis consumados a sangue frio.

A Irlanda não tinha agora nenhum motivo nobre, nacional, idealista, para se rebelar contra a Inglaterra. As suas velhas reclamações estavam reconhecidas e plenamente satisfeitas por uma lei do Parlamento, que entraria em completa execução no fim da guerra. Se na ilha céltica foi possível reunir neste momento grave dois ou três milhares

de homens decididos a quebrar, com o auxílio alemão, a unidade do Império Britânico — este crime louco só pode explicar-se pela teimosa sobrevivência de ódios de raça, seculares e irredutíveis.

Entre o povo português, dividido por sentimentos superficiais, que na sua maior parte não passam de meros equívocos, tais ódios não existem, nem a sua boa índole comporta espontaneamente a feia maldade que ainda mais deslustrou a loucura irlandesa. Tanto maior será, portanto, o crime daqueles que a História acusar um dia de não terem sabido, ou querido, unir a nossa reduzida grei contra os perigos futuros...

XXVIII

Uma soneca a preceito

Janeiro de 1917.

Os sábios estão tirando da guerra actual lições interessantes e consoladoras, como ainda há pouco o dr. Richet, de Paris, cuja estatística da mortalidade por doenças epidémicas nas frentes de batalha revela uma percentagem tão diminuta, que já nem vale a pena pensar nisso. As famílias dos soldados ficam assim tranqüilizadas, e seguras dê que o tifo, e outros males que Deus Nosso Senhor nos deu, deixaram de fazer concorrência desleal ao canhão, à metralhadora, aos gases asfixiantes, etc., etc. Quanto aos homens que, à frente dos dois partidos beligerantes, estão conduzindo e administrando a Guerra, êsses podem confiar nos progressos da medicina, com a certeza de que a disenteria, por exemplo, não dizima como antigamente o material humano; e que o material humano pode assim apli-

car-se, na sua totalidade, a ser pulverizado, isto é: reduzido a disenteria pelos obuses.

Notabilíssima é também, e talvez mais ainda, a comunicação feita pelo professor Verger, da Faculdade de Medicina de Bordeus, à Sociedade de Cirurgia desta mesma cidade, e referente ao caso de um cantor francês, de trinta anos de idade, que tomou parte na batalha do Marne, e, tendo adormecido na noite da vitória, não acordou até agora. Respiração normal, pulso regular, nenhum ferimento visível no corpo, e um sono tranqüilo, que nada perturba e que o dr. Verger tem tóda a esperança de que um dia acabe, tão natural e docemente como começou.

Quantas pessoas por êsse mundo, das que mais sofrem moralmente, na sua humanidade, no seu patriotismo ou no seu amor de família, com a lentidão da Guerra e a pungente incerteza do desfecho que lhe está destinado — quantas dessas pessoas não estarão envejando a esta hora o sono providencial do feliz cliente do mestre de Bordeus? Na verdade êsse sono é, na essência, a melhor máquina de anular o tempo — êste tempo de horrores, de torturas, de dúvidas e de interrogações que martirizam.

Ter adormecido na noite da vitória do Marne, para só acordar no dia da vitória definitiva — eis o destino ideal para quem quer que, possuído de uma alma sensível e tremendo pelo futuro da sua pátria, não possa por idade ou doença defendê-la e ajudá-la activamente nestes dias incertos.

XXIX

Tristezas e compensações

Janeiro de 1917. *

SENTE-SE, cada vez mais nitidamente, que a Guerra nos vai fazendo pouco a pouco recuar até a barbaria, e que lá chegaríamos, por fôrça, se ela continuasse por muito tempo.

E' possível que ao longe, na América ou na China, no Japão ou na Austrália, êste recuar assustador da humanidade e da civilização se não perceba com tanta evidência. Mas aqui na Europa já vão pairando sôbre as nossas cabeças os pavores sombrios da Idade-Média...

Ameaçado de não ter um dia nem café, nem açúcar, nem pão para comer, por falta de transportes marítimos, encontrar-se há o povo nas mesmas desgraçadas circunstâncias que na Europa medieval produziam, pela dificuldade das comunicações e das trocas, as grandes fomes e as grandes pestes subseqüentes.

Limitar-se cada região a consumir aquilo que produz seria excelente; mas, ¿como havemos de confiar nesta solução escapatória, se a terra, para produzir, exige que a cultivem; e se os seus cultivadores estão mortos, ou em caminho de morrer, e de matar outros cultivadores de outras terras?...

Bocado a bocado, vai-nos faltando tudo o que distinguia da existência dos selvagens a nossa existência de civilizados. Com o carvão, e os regulamentos emitidos para o poupar, tiram-nos a luz, o calor, o banho, a segurança das ruas iluminadas, a liberdade de estar em casa e a liberdade de sair de casa. E como as matas e os pinhais se cortam e exportam a eito, para forrar minas e fazer trincheiras, dentro em pouco, se a loucura da Guerra se prolonga, estarão calvas as serras, e ao carvão sobreviverá por breve tempo a lenha que o devia substituir.

Tudo encarece pavorosamente; e, no entanto, não é isto o que mais devia apavorar-nos, porque o dinheiro é ficção e é sombra, e a verdadeira pobreza que já nos ameaça, não estará na falta do dinheiro, mas na sua inutilidade. ¿Chegará o dia em que a comida já se não possa comprar, e seja preciso conquistá-la pela fôrça?...

Choremos desde já, na previsão do regresso à animalidade e à brutalidade primitivas, para onde vamos caminhando, a eliminação de todos os fracos, no ocaso de tôdas as virtudes cristãs, tão longamente aprendidas. E, para nos consolarmos dêste negro quadro, em que se desenha o Futuro, lembremo-nos de que os males da civilização terão o mesmo fúnebre destino dos seus bens. Já, por exemplo, o papel rareia tanto, que os jornais custam dobrado. Um dia virá, Leitor amigo, em que já não tenhas que aturar-me, e em que todos nos libertaremos dêste envenenamento cotidiano pelo bacilo de Gutenberg.



XXX

Cristianismo, guerra e colonização

Fevereiro de 1917.

HÁ quem suponha que foi na prática das expedições coloniais que os Europeus se exercitaram a fazer e a sofrer a guerra, da maneira bárbara que temos visto. Recordam-se então, a tal propósito, a expedição contra os *boxers* e as instruções implacáveis dadas por Guilherme II às suas tropas.

«Tentou-se exterminar por atacado os homens de côr (diz o publicista suíço S. Zur Linden) como se fôsem parasitas daninhos. Tiraram-lhes as terras, destruíram-lhes as choupanas; e a Europa cristã assistia calada à obra cruel dos oficiais coloniais no Continente Negro. Quando metade da grande tribo dos Hereros, do Sudoeste Africano Alemão, morreu à sêde no deserto; e quando

os Turcos chacinavam por milhares os desgraçados cristãos da Arménia, a Europa não saiu da sua quietude. E agora dir-se-ia que é por decreto de alguma justiceira Nemesis que a Europa se afoga em sangue e a si própria se espedaça, como castigo de não ter elevado a voz, quando estava bradando aos Céus o sangue inocente do Negros e dos Arménios.»

Não há dúvida que a cobiça dos homens fêz entrar no comércio mundial o sangue e as vidas inocentes dos negros de África, porque era principalmente com êles que se regavam ou cimentavam as explorações da borracha, do cacau, das minas, das vias férreas de penetração e das grandes companhias coloniais. A Turquia moribunda foi encarada pela diplomacia como herança opípara de riquezas e de influências, que tôdas as grandes nações europeias cobiçavam; e como nenhuma se atrevia a tomar posse exclusiva do apetecido legado, nem fôsse possível chegar-se entre elas a uma fórmula de partilha amigável, ia-se a Turquia vingando sempre impunemente, nos pobres cristãos da Ásia, das humilhações que lhe infligia a cobiça dos cristãos da Europa.

Os ideais colectivos da Europa civilizada, no período histórico antecedente ao estalar desta medonha tempestade, tinham muito pouco idealismo: rastejavam na sofreguidão do oiro, na sofreguidão do confôrto, na ânsia de vencer e dominar pela supremacia industrial e comercial. E, se foi a Alemanha quem melhor soube encarnar, nos últimos vinte ou trinta anos, êste ideal materialista — não admira que fôsse ela também a mais decidida a tirar-lhe as últimas conseqüências e corolários, tratando os brancos hostis como a Europa tratou os negros, e esquecendo o seu cristianismo, a ponto de chacinar os cristãos da Bélgica, com a mesma indiferença ou a mesma sem-cerimónia de que os Turcos usaram para com os da Ásia-Menor.

XXXI

O deus da Paz

Fevereiro de 1917.

A PESAR do rompimento de Wilson e da campanha submarina, o sebastianismo da paz, cansado de perto de três anos de guerra indecisa, não larga fàcilmente dos dentes a isca das mais ténues promessas. Com a primeira nota alemã, com a pergunta do presidente Wilson, com as duas respostas dos Aliados e com as réplicas da Alemanha e da Áustria, teve o sebastianismo da paz naturalmente, não apenas ténues promessas, mas bom e lauto alimento para os seus desejos e esperanças de sossêgo. *Quod volumus facile credimus*; e numa guerra em que o canhão, tendo falado alto ao longo de trinta longos meses, não conseguiu falar claro, é óbvio que a palavra tinha de retomar o seu valor ou o seu prestígio, a política viria tentar o que a estratégia não conseguira, e o espírito de intriga e diplomacia havia de procurar impor-se, onde a fôrça e a violência tácitamente se confessavam falidas.

Depois, há entre a paz provável e a guerra futura esta diferença considerável: à guerra teem-lhe mêdo aqueles mesmos que mais a querem; e a paz atrai e seduz tôda a gente, incluindo os que mais receiam não a ver tão bonita na realidade, como a viram ou vêem em sonhos. Donde resulta que se pode considerar a paz muito mais próxima dos prenúncios de paz, do que a guerra dos prenúncios de guerra. Apesar de se fazer a guerra com fogo, e a paz com fôlhas verdes de oliveira, o rastilho da paz é muito mais combustível que o da guerra.

É claro que não é nas frases dos beligerantes, tôdas ainda crepitantes de ódio, de orgulho, e da pólvora sua colaboradora de tantos meses — que o observador pode encontrar o melhor barómetro do *bom tempo* provável de amanhã. Aí regula muitas vezes o adágio antigo e sábio de que *aquele que desdenha quer comprar*; o ponteiro aponta com firmeza as letras negras de *Tempestade*; mas, se no dia seguinte vem sol, todos saem à rua a gozá-lo; e ninguém se lembra já do aparelho ameaçador, e muito menos das mentiras que êle disse na véspera. . .

A paz é como Deus, na nossa velha adivinha popular:

Alto está,
Alto mora;
Ninguém o vê,
Tôda a gente o adora.

‡ Que importa que o boticário *avanzado* e pretensioso grite ao povo que Deus não existe? Se todo o povo o adora, nada mais falta para que Êle exista. E se mora alto, e se ninguém o vê, é exactamente para poder descer, e mostrar-se na hora própria aos infelizes que o esperam, na ansiedade e na dor.

O canhão de Crécy

Fevereiro de 1917.

UMA das melhores obras de história, para crianças, é, a meu gosto, a série intitulada *Things New and Old* e escrita pelo pedagogo inglês Arnold-Forster. De quando em quando pego num destes volumezinhos de percalina azul escura onde se destaca sobre escudo branco a cruz rubra de S. Jorge; e delicio-me a ler um ou outro capítulo, como ainda há dias fiz uma vez mais, querendo o acaso que a minha atenção se demorasse nas páginas onde vem historiada a famosa batalha de Crécy.

Foi ali, no ano já bem distante de 1346, que pela primeira vez se fez ouvir em guerras de homens o estrondo do canhão — um pobre e ingénuo canhão feito de pau, reforçado com arcos de ferro, e de cuja goela estreita saía a espaços longos um projectil pouco maior que as bolas de bilhar. Mas, assim modesta e quasi ridícula nos seus

dias inaugurais, a nova arma de guerra, não muito mais mortífera então do que a seta, a espada ou a lança, trazia no seu bôjo uma grave revolução militar e social:

«Dêsse dia em diante (diz o historiador) foi o poder da pólvora crescendo com prejuízo do do arco ou da espada, até que no tempo de hoje a seta está esquecida, e a espada passou a ser pouco mais que um enfeite. A pólvora tornou o fraco igual ao forte e o pequeno igual ao grande. Disparado por um gigante, ou disparado por um anão, o tiro de espingarda ou de peça dá o mesmo resultado. E nós havemos de ver, no decurso da nossa história de Inglaterra, que ao depois da batalha de Crécy os cavaleiros revestidos de armadura, até então senhores do mundo, foram perdendo fôrça e poderio, à medida que a cota de armas ia deixando de os proteger.»

Pois sim; mas é preciso inventar agora outra coisa, que torne os povos pequenos tão fortes como os grandes. Porque os povos, bem tiradas as contas, são feitos de homens, e os homens estão sofrendo mais no

século xx, por serem belgas, ou sérvios, ou arménios, do que sofriam na Idade-Média, por serem pobres, ou servos, ou vilões sem armadura.

XXXIII

A sorte grande dos pequenos povos

Fevereiro de 1917.

INDECISO Perplexo da Hesitação leu com aplauso e convencimento aquele trecho capital da nota dos Aliados ao Presidente Wilson, em que se declara de tôda a necessidade a futura reorganização da Europa, assegurada por um regime estável, e baseada sôbre o respeito das nacionalidades e dos direitos de todos os povos, pequenos ou grandes, libertando-se do domínio estrangeiro os Alsacianos e Lorenos; os Italianos e Eslavos; os Romanos, os Checos, os Eslovacos e os Polacos.

— Não há duvida! exclamou Indeciso Perplexo, sem indecisões, nem perplexidades. Os Aliados combatem sinceramente pelo direito, pela justiça, pela liberdade e independência dos Povos. E' preciso que a Alemanha, a Áustria e a Turquia larguem

mão dos seus territórios polacos, e italianos, eslavos, arménios, etc., e que todos êstes povos sejam admitidos a ocupar os seus lugares no banquete fraternal das nações! . . .

Mas, no dia seguinte, aparecia nos jornais a réplica alemã, onde se contestava aos Aliados o direito de lançarem a primeira pedra contra os réus de violação do princípio das nacionalidades e os opressores de povos mais fracos: «O mundo não poderá aprovar (replicava a Alemanha) a triste sorte do povo irlandês, o aniquilamento da independência dos Boers, a sujeição do norte de África à Inglaterra, à França e à Itália; a opressão de várias nacionalidades estrangeiras pela Rússia; as violências, únicas na História, infligidas à Grécia.»

Lendo isto, não hesitou o bom Indeciso da Hesitação em proclamar decididamente que a Alemanha tinha razão; e que a paz futura deverá incluir a liberdade plena da Irlanda e do Egito, de Marrocos, da Tripolitânia, da Argélia e da Tunísia; e que só por um plebiscito poderá permitir-se que os Boers continuem a fazer parte do domínio britânico da África do Sul.

E, assim, sucessivamente. . . Cada vez

que os dois partidos beligerantes falam ou escrevem, Indeciso Perplexo da Hesitação mete no sacco das suas convicções inabaláveis todos os argumentos que êles reciprocamente se atiram. A paz que êle deseja e exige vai-se tornando cada vez mais bela e cada vez mais impossível, porque as alterações e os progressos que implica iriam mexer com a distribuição política actual do mundo inteiro e fazer desandar uns poucos de séculos de História. Já a Espanha pergunta a si própria se lhe valerá a pena receber Gibraltar dos Inglêses, tendo de entregar Granada aos Moiros. . .

XXXIV

Rogério Casement

Junho de 1916.

Não é meu intuito alegar a beneficio de *Sir* Rogério Casement, a irresponsabilidade criminal. Cumpro apenas um dever de cronista, repetindo o que me contou alguém que conheceu em Lisboa o malogrado implantador da Republica Irlandesa, e o ficou tendo na conta de maluco. Creio que *Sir* Roger era já nesse tempo cavaleiro da Ordem do Banho; mas esta condecoração *inglês*a, recebida por ocasião da subida de Jorge V ao trôno do Reino-Unido, não impedia o remexido caudilho de dizer mal da Inglaterra e de exhibir, a propósito de tudo e de coisa nenhuma, um infatigável patriotismo irlandês.

— Esta gravata é irlandesa, esta bengala é irlandesa, estas calças são irlandesas — dizia êle a cada passo, impingindo a Irlanda a tôda a gente.

E os seus cartões de visita seriam de-certo

irlandeses também; mas lá brilhava o fidalgo tratamento de *Sir*, cujo uso lhe fôra conferido pelo rei inglês, e que nem por isso lhe sabia mal, nem o impedia agora de se rebelar contra a corôa de Inglaterra. Coisas destas teem acontecido (valha a verdade) a muita gente de juízo, incluindo aquele político que o Senhor D. Manuel II de Portugal tinha feito visconde ou par do reino, e logo a seguir se bandeou com os republicanos, declarando em público, para se justificar, que o Rei lhe tinha dado o título... de má vontade!

Durante vinte anos, ou mais, Rogério Casement foi cônsul britânico em países mais ou menos tropicais, onde êle escolheu e praticou activamente a especialidade simpática de *delator de atrocidades*. Perito nas artes de falsificar documentos e de cozinhar fotografias; dotado de uma vontade, actividade e mobilidade de personagem de Júlio Verne (como dizia o professor Poulteney Bigelow) o cônsul Casement levantara a opinião pública da Gram-Bretanha e do mundo inteiro, contando-lhe, a respeito do tratamento dos negros pelos brancos, pavorosas histórias de faca e alguidar. Atrocidades no Peru! Atrocidades na África Por-

tuguesa! E, assim, sucessivamente. Aonde êle chegasse com a sua trágica máquina fotográfica, logo os costumes se tornavam atrozes. E as revistas inglêsas enchiam-se, depois, de atrocíssimas fotografias sãbiamente repintadas; e o mundo arripiava-se na contemplação de negreiros brancos bebendo vinho verde pelos crânios de moleques feitos em salada.

Pouco a pouco veio a descobrir-se que o cavaleiro Rogério Casement era um hábil retocador de fotografias; e que esta indústria o fêz sócio, e sócio bem remunerado, de outros industriais a quem convinha desacreditar a mão de obra indígena das colónias belgas e portuguesas, para comprarem mais barato o cacau e a borracha. E o homem que passara a vida a explorar as atrocidades portuguesas, peruanas e belgas, acabou por filiar-se no partido das atrocidades alemãs, invadindo o reino Unido em som de guerra, com um séquito de submarinos e zepelins...

A futura seara de ódio

Malo de 1917.

FEITA a paz (quando ela se fizer...), ¿subsistirá o ódio? Há quem diga que o ódio governa ferozmente nas frentes de batalha, e se prepara para submergir o mundo inteiro. Há quem profetize a maldição dos séculos futuros para aqueles que o desencadearem, e prometa que êle cairá, de todo o seu pêso brutal, sôbre as cabeças dos filhos dêles, e dos filhos dos filhos dêles.

Paulo Seippel, o ilustre autor das *Deux Frances*, diz que o Moloque do imperialismo alemão não reinará sôbre o mundo, porque o mundo viu a sua face e ficou tomado de horror. Moralmente vencido já, devemos, contudo, recear da sua parte uma desforra sorna e perigosa: *o perigo, agora, é a imitação.*

E' certo que, para vencer a Alemanha na guerra, tem sido preciso imitar a Alemanha.

E' certo, igualmente, que essa imitação se estende já das armas de guerra à maneira de tratar os cidadãos. Para se defenderem dos gases asfixiantes alemães, recorreram os Aliados também aos gases asfixiantes. Para se defenderem da organização alemã, abdicaram os Inglêses do seu precioso individualismo e escravizaram-se ao socialismo de Estado. E quando os homens, para se defenderem de outros homens, chegam ao extremo sacrifício de fazerem mal a si próprios, como estranhar que se habituem, e tomem até gosto, em odiar e fazer mal aos outros?

Diz-se que, ao abandonarem os territórios franceses por êles ocupados há perto de três anos, os Alemães saqueiam e queimam as casas, levam as mulheres, arrancam as árvores de fruto, entupem ou envenenam as fontes, deixando atrás de si a assolação e o deserto. E diz-se que os seus jornais se gabam cinicamente destas horríveis façanhas, explicando que a Alemanha se vingará assim de lhe haverem recusado as suas propostas de paz (?), e de teimarem numa guerra em que a querem esmagar pela fome.

E' a sementeira do ódio, a florir em todo o seu horror e a tirar seivas da própria

acumulação e da própria espessura. O ódio atrai e multiplica o ódio. A imitação e o contágio, delirantes e possessos de crueldade, tomarão o freio nos dentes e já não conseguirão parar no castigo ou na vingança contra os primeiros e maiores responsáveis. E', pois, possível que sôbre os Alemães, vencidos, venha a cair o maior pêso da maldição do ódio. Mas tôda a humanidade se ressentiria, por fôrça, dêste regresso à desumanidade.

«Dies Iræ . . . »

Malo de 1917.

HÁ mais de um ano que dois socialistas, um belga e um alemão, proferiram palavras que agora parecem proféticas.

Vandervelde, discursando num grémio socialista francês, em 6 de Fevereiro de 1916, disse assim: «A guerra actual é o acontecimento mais considerável da História, e o mais revolucionário que se tem produzido de 1793 para cá. Os tempos modernos vão ser por ela cortados em duas idades; e a Internacional há-de sofrer o mesmo recochete, e condenar, e fulminar, os que desencadearam a catástrofe. A Internacional recuperará depois da paz o seu vigor e a sua prosperidade.»

Pouco mais de um mês depois, em 17 de Março, um deputado socialista à Dieta Prusiana, o camarada Hoffmann, proclamava que esta guerra éra a negação do Cristia-

nismo. E continuava, por entre os protestos dos colegas: «E' preciso pôr têrmo aos sofrimentos inauditos da humanidade; *quando não, os povos, forçados pelo desespero e pela fome, talharão êles próprios o seu destino.*»

Depois falou Liebknecht, apoiando o seu correligionário e concluindo, entre assobios da maioria: «Os soldados alemães que estão nas trincheiras deviam recusar-se a disparar contra Franceses ou Russos, e *voltar as suas armas contra o inimigo comum.*»

Mas isto passou-se na Alemanha imperialista ¿ não é verdade? . . . Naquela Alemanha das castas e dos armamentos, editora responsável da Guerra, e onde, portanto, se levantaram, como era previsível, duas vozes discordantes — duas, ao menos! — da fascinação e da cumplicidade geral. ¿ E que se passará na França pacífica, invadida e pisada, na França que luta, como a Bélgica, pela sua existência, e onde, como dizia Vandervelde na mesma reunião já citada, os trabalhadores do Ocidente estão cumprindo o seu dever, e «opondo a uma guerra de agressão e de conquista a resistência que o pensamento socialista lhes inspirou?»

Do que se passa em França, nas almas dos soldados, e não nas colunas dos jornais, poderá dar ideia o novo livro *Le Feu*, de Barbusse — que é um protesto internacionalista contra a guerra e contra aqueles que a dirigem, franceses, ingleses ou alemães, indistintamente...

Neste livro, que não só passou através da censura oficial, mas foi recompensado oficialmente com o prémio dos Goncourt, é a Guerra insultada pelos próprios que a estão fazendo. Dêle transparecem, em forma rude e popular, as opiniões ou os sentimentos dos soldados. E há lá um destes, que diz:

— Dois exércitos que se batem, são como *um grande exército que se suicida*.

E outro exclama:

— Depois da vitória, teremos de continuar a bater-nos, e talvez não contra estrangeiros...

...E quando os sinos tiverem sido todos apeados das suas tôrres, como na Áustria e na Alemanha, para serem transformados em aparelhos de morte, como se tocará o rebate das guerras civis de que vai ser feita a futura *paz geral*?...

XXXVII

A República dos Reis

Malo de 1917.

ESTES tempos correm mal para os reis, não há dúvida. Que o diga o coronel Nicolau Romanof, antigo Czar de Tõdas as Rússias, actualmente abandonado por todos os Russos, à excepção daqueles que o vigiam atentamente na prisão de Tsarkoé-Selo.

A alegria dos inimigos da realza é, neste momento, exuberante, profunda, e tão pura, que só vejo uma nuvem que a turve: a ansiedade por saber qual será agora... o primeiro rei à bica para a degola.

Guilherme II seria uma esplêndida peça de caça, e não parece muito longe de tombar. A derrota espreita-o; o seu povo tem fome; o contágio da Rússia pode bem bem galgar por sobre as linhas de Hindenburg; e já os Estados-Unidos distinguem justiceiramente entre povo alemão e govêrno imperial, dizendo que é a êste e não àquele que se preparam para fazer guerra.

A' República Alemã seguir-se há, como é lógico, a República Austro-Húngara, e depois a República Búlgara e a República Otomana. Maquinando e pondo a andar uma República Helénica, as potências protectoras da Grécia premiarão Venizelos com uma boa presidência e castigarão com um merecido destronamento aquele Constantino — o mais constante dos cunhados reais.

¿Ficarão também neutrais na guerra aos reis a Espanha, a Holanda e a fria Escandinávia? Mais provável será que esta onda de liberdade, de emancipação e de nivelamento, partindo das regiões onde milhões de homens escondidos nas trincheiras se habituaram a abater a tiro tôdas as cabeças que emergissem da terra, acabe por varrer igualmente para o lixo da História os Cristianos, Haakons, Guilherminas e Afonsos, anacrònicamente sobranceiros à planície rasa da democracia universal.

Alberto da Bélgica, Pedro da Sérvia, Nicolau do Montenegro e Fernando da Roménia, adquiriram, pelo destronamento estratégico que lhes infligiu o Estado-Maior alemão, direito a tratamento especial; e gozarão, finda a guerra, de uma moratória de favor; mas aos seus filhos já não terá que aproveitar

êste beneficio, que é intransmissível e improrrogável. A República Belga, a República Sérvia, a República Montenegrina e a República Romena, abençoarão as suas memórias e exilarão os seus herdeiros.

‡ Exilarão, para onde? Se nessa altura os albuns de selos e o *Statesman's Yearbook* nos falarem já da República Britânica, da República Italiana e da República Japonesa; se o Almanaque de Gotha tiver suspenso a sua publicação por falta de assunto; se no mundo inteiro não houver já, para mostra e estudo arqueológico, uma monarquia hospitaleira onde se arrumem os soberanos desarrumados — forçoso será que a democracia magnânima ceda dos seus domínios universais uma ilha, uma montanha, ou um vale recôndito, onde possa instalar-se, tranqüila e democráticamente, a futura República dos Reis.

As árvores degoladas

Maio de 1917.

Todos podem admirar, num dos últimos números da *Illustration*, de Paris, duas estampas características: Representa uma a praça de Péronne tôda em ruínas; e na ruína do Paço Municipal, que era um edificio histórico do século XVI, está afixada uma grande taboleta com estes dizeres, escritos em alemão e endereçados aos Franceses reocupantes: «*Admirem, e não se zanguem.*» A outra estampa testemunha um facto não menos cínico, mas muito mais horroroso: em meio de um vasto e pleno campo de sementeira estendem-se a perder de vista dois renques paralelos de macieiras; e tôdas essas macieiras estão correctamente serradas rente ao chão, alinhando-se troncos e copas pelo terreno adiante, com regularidade e simetria impecáveis. Os cadáveres das árvores generosas testemunham da maneira mais intuitiva e mais trágica a infinita maldade dos

homens, maldade ervada de ódio frio, maldade sistemática e sábia, que se não contenta de destruir o que está, no despeito da fuga inevitável, mas consuma serenamente a destruição do que será, e arruína o Futuro, pelo simples prazer de arruinar...

Goethe, em *Arminio e Doroteia*, tinha descrito melhor do que ninguém a fúria assoladora do exército que retira acossado, mil vezes mais temível que a do que chega triunfante. Mas esta degolação das inocentes árvores, feita com vagar, com premeditação e com método, é mais revoltante do que tudo quanto até aqui se tem visto, e tão revoltante, que um germanófilo *quand même*, diante de quem se estava comentando indignadamente a gravura da *Illustration*, lembrou que a guerra de hoje se faz não só com dinamite, mas com propaganda; não só com tiros, mas com artigos; não só com balas, mas com estampas; e que muito bem podiam os Franceses ter degolado as macieiras, exactamente para as fotografar degoladas, e para excitarem assim contra os Alemães o sentimento universal. E um pacifista impenitente ponderou que o pior da guerra é a própria guerra; que os Franceses e os Ingêleses farão *muito melhor* do que aquilo, logo que con-

sigam chegar à Alemanha; e que as árvores assassina-
das o não comoveram, porque, desde
que se pode obrigar um homem a pegar
numa espingarda para ir matar e morrer,
êste horror está cheio de horrores mais
pequenos do que êle, e dentro dêste crime
cabem todos os crimes, por enormes e
imensos que sejam. . .

XXXIX

Pessimismo

Junho de 1917.

PARECE-ME que esta conflagração europeia, onde se teem arranhado as ventas de tantos filósofos, também veio desmentir a velha teoria, velha e confirmada pela História, de ser a Guerra, em compensação de todos os seus males, a melhor escola de abnegação e de sacrificio.

Os que se batem nas trincheiras, vivendo ali uma vida de inferno (1), não gostam de ler nos jornais, e nos discursos dos ministros, aquela afirmação politicamente necessária, mas fundamentalmente injusta, de que tão bem serve a pátria o que na retaguarda fabrica munições, como aquele que na linha de fogo as consome — ou é consumido por elas.

(1) Estas seis palavras foram suprimidas pela censura militar, no *Comércio do Porto* de 17 de Junho de 1917.

Pode ser que na Alemanha, onde todos, militares ou paisanos, homens, mulheres ou crianças, são tratados como soldados, os soldados de direito e de facto se não melindrem de se verem assim equiparados aos que o são apenas de direito, e ficam em casa ou nas fábricas, longe da peleja, a comerem mal e a trabalharem sob comando. Mas na livre Inglaterra, tão respeitadora ainda da vontade humana, apesar da sua rápida evolução socializante, os grandes salários que os trabalhadores das fábricas estão recebendo são, no fundo, desmoralizadores; e há-de ser difícil, feita a paz, encontrar uma fórmula económica que satisfaça, no meio da carestia da vida e da crise do comércio e da indústria, o hábito dos grandes salários, a ânsia de recompensas materiais dos que houverem vencido na batalha, o sustento das vítimas orfanadas ou estropiadas, e a satisfação dos impostos formidáveis.

Nas guerras antigas pagava o príncipe vitorioso tudo isto com a distribuição das terras conquistadas; mas então havia menos que pagar, menos a quem pagar, e, portanto, mais com que pagar.

Se é certo que as crises políticas, gran-

des ou pequenas, se originam em factos económicos, tão certo é talvez que das crises políticas, das grandes sobretudo, se originam factos económicos novos, mais formidáveis, porque resultam de um caos imprevisito de fôrças de tôda a ordem, desequilibradas e convulsionadas.

Temos visto que a guerra actual é considerada como produto de um estado psicológico geral, ermo de qualquer idealismo e unicamente fincado na ambição da riqueza. E estamos vendo, durante a Guerra, que emquanto uns se sacrificam e morrem, outros só pensam em tirar da catástrofe enorme lucros enormes, enchendo-se de oiro com a mesma sofreguidão com que a terra se locupleta de cadáveres.

Isto há-de pagar-se no futuro com língua de palmo; quero dizer: com uma guerra de classes, mais feroz do que a presente e ferocíssima guerra de nações.

A comuna europeia

Junho de 1917.

UM jornal monárquico português affligiu-se com a leitura de um discurso republicano de Lloyd George, primeiro ministro de Jorge V. Mas confia ainda que, feita a paz, os exércitos vindos do campo de batalha, engrandecidos pelo prestígio do sacrificio, constituam *fôrças organizadas e construtivas*, capazes de pôr termo à anarquia, e de evitar *a grande comuna* que de outro modo nos espera.

Pois, se o que assusta é a probabilidade da *grande comuna*, aconselho-o a dormir descansado, porque a grande comuna é já hoje uma realidade, é de facto a única realidade importante, e no fim de contas tão suportável, que o jornalista, tendo mêdo dela, nem sente que está dentro dela.

A Comuna clássica, a Comuna-mãe, foi a de Paris, e consistiu ¿ em quê?... Incêndios, assassínios — os cidadãos a destruírem a

Cidade e a darem cabo dos seus próprios concidadãos. Era, em ponto muito mais pequeno, exactamente o que agora está acontecendo, se considerarmos a Europa com o mesmo espírito de solidariedade e de fraternidade que nos animava no passado e que ainda hoje nos anima, quando pensamos e falamos em instaurar a Europa futura. Assim como aquele soldado das trincheiras de França, falando pela bôca de Henrique Barbusse, achava que dois exércitos que se batem são como um grande exército que se suicida — assim nós, beligerantes de qualquer dos dois partidos, não precisamos de um grande esforço de fantasia ou de abstracção para concluirmos que estamos, na realidade, destruindo um todo que é o nosso património ou a nossa obra comum, e que a guerra europeia é, a final de contas, a Comuna Europeia.

¿ Que importa, no fundo, que esta obra de ruína adopte o pseudónimo formal de uma luta de nações, ou de raças, ou até de princípios?... ¿ Que importaria ver prenunciarse realmente, nestes estrebuchamentos da guerra geral de hoje, a anarquia geral de amanhã?... ¿ Vão derruir umas após outras tôdas as velhas monarquias da Europa?

¿ Vai a democracia degenerar em demagogia, e esta descer ainda à liquidação anárquica de tôda a Ordem e de tôda a Autoridade? Não sei se vai, nem me importa sabê-lo, nem creio que a situação futura possa piorar a desgraça da Europa, a não ser pelo prolongamento da situação presente. Pior que a anarquia que possa vir é, de certo, a hierarquia que ainda hoje temos, visto que só se emprega a matar, a destruir e a arruinar. Desde que a Ordem se fêz sinónimo de Destruição, bem-vinda será a Desordem, quando vier, porque destruirá muito menos.

Antecipações

Junho de 1917.

As enormes dívidas de guerra terão de ser pagas quando a paz se fizer, o naturalmente haverão de ser pagas pelos ricos, que são os que podem pagar. Mas não é provável que os ricos se apresentem por acto espontâneo a esvasiar os cofres para saldar a conta: será de-certo preciso obrigá-los, o que é da natural competência dos pobres, e determinará a formação de governos democráticos e acentuadamente socialistas.

Por outro lado já se disse que a guerra deixou de ser uma coisa monárquica, isto é: que não se espere ver sair dêste militarismo de hoje um César à sua proporção, ou mesmo uma ninhada de pequenos césa-res. E isto parece razoável, pois que os exércitos modernos se dividem todos numa secção que fabrica munições e noutra que as consome, sendo a primeira tão benemé-

rita como a segunda, sendo mais benemérita ainda, na sua própria opinião, e não parecendo que sobre ela tenha presa o antigo vírus cesarista, que era o fanatismo do soldado vencedor pelo general que o guiara à vitória. Hoje em dia, de mais a mais, os generais já não guiam ninguém à vitória e são, pelo contrário, guiados a ela pela oficina de munições. E, assim, é bem certo que tudo se conjuga para dar ao operário, que é a multidão amorfa e medíocre, a primazia sobre o antigo tipo do grande vencedor de batalhas, caso raro e genial de expansão do indivíduo.

Podemos pois assentar, sem grande receio de êrro, que a guerra de hoje tende a afogar a individualidade na comunidade e a gerar, portanto, não a monarquia, mas a democracia. E tem graça que, olhando o caso mais de perto, vê-se o seguinte: nas fábricas de munições o operário vai sendo substituído, em tôda a parte e cada vez mais, pela operária, visto ser preciso poupar homens para matar homens, e incumbir assim à mulher, como já se fazia nos pequenos assassínios a retalho, o papel mais feminino de ajudante ou preparadora. Resta agora que ela diga um dia: — Quem venceu fui

eu, que vos fiz as balas!— e teremos então a república das mulheres, ou o socialismo feminino, ou a guerra mundial dos sexos, em que o macho corre perigo de ser vencido, por ter saído desta luta enfraquecido, estropiado, e em minoria.

XLII

Ruínas

Junho de 1917.

ESCREVE-ME o meu amigo:

— Quanto mais leio e magico, mais me parece que as ideias são simples modas, tôdas defendíveis e possíveis, e que as mulheres é que teem razão, mudando de gôsto e de elegância todos os seis meses.

· Talvez. A Guerra tem arrasado cidades e aldeias, destruído muitas igrejas e catedrais; mas é principalmente dentro das nossas cabeças que se observa e lamenta a ruína quasi total dos monumentos antigos. Nestes três anos de pulverização da terra pela artilharia teem ficado sepultadas nos campos de batalha da Bélgica, da França, da Polónia e da Galécia, muitas filosofias, muitos sistemas de lógica, muitos hábitos veneráveis de pensar, e também de sentir. E se a Guerra traz com efeito no seu ventre o

embrião de um mundo novo, tenhamos por certo que é nas terras destruídas, e não nas almas assoladas, que o novo mundo se construirá primeiro.

Por agora, estão ainda em ruínas os cérebros, e as cidades invadidas. E não sei qual dos dois espectáculos será mais triste: se o caos das ideias, se o dos incêndios e desmoronamentos. Fora de nós vai a guerra alargando o panorama da desolação. Dentro de nós, o espírito perde-se na confusão, e o coração endurece no hábito de contemplar e de suportar os horrores sem freio e sem limite. As cidades novas que mais tarde surgirão da ruína das antigas serão de-certo mais belas do que estas. Os corações endurecidos na prática, no sofrimento ou na simples visão de tantas crueldades, êsses é que não parecem destinados a sair da guerra muito melhores do que lá tinham entrado. E a inteligência média da humanidade, desfeitos os suportes a que secularmente se fôra apegando e apoiando, creio que por muito tempo ainda continuará trôpega e vacilante.

Há quem diga que não. Fora mesmo do número dos que são optimistas por dever e crentes de profissão, há quem julgue que o

mundo caminha rapidamente, através do sangue e do fogo, para o equilíbrio, para a liberdade, para o direito, para a perfeição. Deus os oiça. Deus permita que os homens tenham realmente aprendido com Êle a escrever o Direito por linhas tortíssimas.

e quebradas, também pelo seu lado não reparou jamais em qualquer mulher nova e inteira; e estas duas circunstâncias convergiram para o fazer escapar sem custo a tôda a espécie conhecida de casamento. Não teve filhos que o envelhecessem crescendo, ou o consumissem morrendo. Sem cuidados a distraí-lo, nem dedicações a prendê-lo, fêz as viagens que quis, profundou os estudos que quis, escreveu os livros que quis. E foi assim conservando sob aparências de avô precoce, uma alma ingénua e fresca de menino, cuja mocidade tomava consciência de si própria no contraste com a milenária velhice dos assuntos que a interessavam, e cujo egoísmo, inconsciente como o das crianças, triunfava sem remorso, na atrofia de todos os órgãos ou molas da dedicação e do altruísmo.

Ainda agora mesmo, em-quanto todos nós cambaleamos desnorteados e aflitos no meio dêste terremoto actual de nações e de ideias, o meu amigo arqueólogo não dá conta do que se passa, e continua tão despreocupado das tragédias que o rodeiam como tôda a sua vida andou, e como andam neste instante, ali em baixo na Praça, aos pontapés na grande hola, aqueles vinte garotitos de

dez ou doze anos. A incerteza do dia de amanhã não entra a porta da sua casa sem família; o descabro de todo um universo intelectual e moral não tira nem põe às maravilhas da Pedra Lascada; e até pode acontecer que, com os torresmos que os canhões revolvem, subam mais à tona alguns martelos de silex, alguns nunca vistos pregos mágicos, ou urnas volivas, ou preciosos colares de oiro...

XLIII

O meu amigo arqueólogo

Junho de 1917.

O MEU amigo arqueólogo saiu-se-me ontem com uma frase que me encantou: — Estou já à bica dos sessenta (disse êle); mas dou-lhe a minha palavra de honra que me custa isso a crer; pois, cá por dentro, sinto-me novo e fresco como um rapaz de vinte e cinco anos.

Ora eu, que nasci quási três lustros depois dêle, mas que tenho *vivido* muito mais, e muito mais *no meu tempo*, pus-me a comparar e a pensar.

O meu amigo arqueólogo frequênta desde os dezoito ou vinte anos os velhos ferros, os velhos calhaus e os velhos potes, e deve a êste convívio anacrónico uma indiferença salutar pelos prazeres contemporâneos. Não tendo nunca dado fé das modas, desde muito novo se vestiu como um velho, o que o livrou de ser notado pelas mulheres; namorador assíduo e fiel das estátuas antigas

Morte, fome e anarquia

Julho de 1917.

A PAZ urgente e apeteçada só conta hoje no mundo três amigos poderosos, que são a Fome, a Morte — e a Anarquia de Todas as Rússias.

A Fome trabalha enèrgicamente pela paz, ajudada pela enormidade silenciosa dos couraçados britânicos, que assediam a Alemanha, e pela intravável agitação dos submarinos alemães, apostados em esfomear a Inglaterra e a Europa inteira.

A Morte é eminentemente pacifista, nesta guerra em que as chamadas *grandes offensivas* são grandes, com efeito, pelo número dos soldados que devoram, e ao mesmo tempo microscópicas, se se olham pelo lado dos avanços que produzem e dos resultados que obteem.

A Anarquia russa ajudou, na sua fase tsarista e autocrática, a prolongar a guerra por dois anos, porque então não era ainda

soberana e não pôde por isso evitar que a Rússia salvasse do abismo a França, primeiro, e a Itália, depois. Mas, triunfante e absoluta desde os dias cíclicos de março, a anarquia russa empreendeu sem restrições, e continua sem peias, a tarefa de aluir a fachada de um grande edificio militar que só tinha fachada.

Pouco mais tempo durará ainda a Guerra, se as três potências negativas e sinistras, mas irresistíveis, da Fome, da Morte e da Anarquia, continuarem, como agora, unidas e concordes, a lutarem pela *sua* vitória, que será só *sua*, e de mais ninguém. Sòzinhas e à sua parte, constituem estas três forças um terceiro partido que se sobrepõe aos dois partidos beligerantes, impedindo-os de se vencerem um ao outro e vencendo-os a ambos pelo nivelamento e pelo equilíbrio.

Êste nivelamento e êste equilíbrio, devastadores e ao mesmo tempo estéreis para os que lutam, começaram pouco depois do princípio da Guerra, na batalha do Marne, e são, na medonha ruína de tudo, a única coisa que dura. Quando a Itália interveio, imaginámos todos que o desequilíbrio ia dar-se, e com êle a decisão apetecida; depois esperámos o mesmo da intervenção da Ro-

mênia; e agora, após a beligerância da América do Norte, muita gente acreditou, com mais razão, que o pêso enorme das possibilidades americanas ia fazer tombar, finalmente e rapidamente, para o lado dos Aliados, a balança hesitante da guerra.

Sempre e sempre, porém, a desilusão tem sucedido à esperança, e a descrença ao entusiasmo. Ainda agora as forças niveladoras riem sarcásticamente da nossa ânsia progressiva de conclusão. E a foice da Morte oscila em círculos cada vez mais largos, mas a colheita da paz anuncia-se, salvo um milagre, cada vez mais distante...

A arrumação do mundo

Julho de 1917.

ANTES da guerra abrigava a cidade santa de Jerusalém 63.000 habitantes, sendo 45.000 judeus, 8.000 muçulmanos, 6.000 gregos ortodoxos, 3.000 católicos dos ritos latino e grego, e cêrca de 1.000 protestantes.

Na terra natal do Cristianismo aparecem, pois, os cristãos modestamente representados por pouco mais de um sétimo da população total. E êste factó aritmético suscita problemas interessantes, e capazes de apaixonar boa parte da humanidade, quando soar a hora, que parece próxima, de ser traçado o estatuto futuro da Terra Santa.

Esperando que as tropas inglêsas façam, mais dia, menos dia, a sua entrada triunfal em Jerusalém, já a Santa Sé manifesta receios de ver realizado o sonho hebraico do Sionismo, e se empenha para que a Palestina, em vez de arvorar-se em reino ou república israelita, venha a tornar-se propriedade co-

num e inalienável de todos os Estados cristãos.

A reconstituição da Palestina como Estado autónomo israelita (lembra um jornal inspirado pela Cúria Romana) traria como consequência a desnacionalização de todos os Judeus que vivem espalhados pelo mundo e que, restabelecida agora a sua nacionalidade primitiva, passariam a ser considerados estrangeiros em todos os países onde actualmente residem. E como os Judeus não tem vantagem em trocar a sua situação presente pela de súbditos ou cidadãos de um pequeno Estado asiático, parece àquele jornal pouco provável que o futuro Congresso da Paz, ao ocupar-se da Palestina, tome a sério as quimeras sionistas, que entusiasmam as imaginações de uma pequena minoria de Israelitas.

O que também parece pouco provável é que o problema político-religioso da Terra Santa, em aberto há séculos e séculos, possa ser resolvido, em-fim e de uma vez, por esta guerra que se não resolve, mas aspira a resolver tudo. E há por aí fora muitos *bicos de obra* tão aguçados como êste, próprios a erriçar de dificuldades e desilusões a tarefa idealista de arrumar o mundo — êste mundo cujo principal encanto parece ser exactamente

a sua desarrumação. Deus fê-lo em seis dias, e fê-lo tão mal, benza-o Deus, que a nosso gosto ainda não está habitável ao fim de cem milhões de anos.

Não pretendo, nem por sombras, comparar-me ao Criador, e menos ainda pôr em confronto o presidente Wilson com a minha criada dos quartos. Mas receio que o mundo se pareça um pouco com a mesa onde trabalho, e que eu já não reconheço nem entendo, quando alguém se lembra de a arrumar.

A morte das árvores

Julho de 1917.

Os Turcos são amaldiçoados pela civilização e pela história, porque destruíram as árvores do Oriente, reduzindo a desertos a Mesopotâmia e a Palestina. Os Alemães, seus aliados de agora, teem arrasado na Bélgica florestas inteiras, milenárias algumas, transportando a madeira para o seu país; e em França serraram rente ao chão pomares extensíssimos, nas regiões que tiveram de abandonar, desculpando-se, é certo, com motivos militares, mas não conseguindo abafar na consciência do mundo a suspeita fundada de haverem procedido com diabólico espírito de extermínio e de vingança.

As florestas precedem os povos, escreveu Chateaubriand. E acrescentou que os desertos os seguem. Louvois, o grande organizador militar, ministro de Luís XIV, é na bôca do

mestre-escola alemão um nome execrando — um veneno com que se instila o ódio à França nos jóvens corações receptivos e plásticos. Mas o hábil e terrível marquês, apesar do ardor com que levou a cabo a sua *expedição de castigo*, nem por sombras fez ou sonhou fazer, às árvores do Palatinado, o que os Alemães teem feito às da França e da Bélgica — e indirectamente às da Europa inteira. As matas que por tôda a parte se estão abatendo e queimando, para substituir o carvão bloqueado, vão, de-certo, fazer-nos grave falta amanhã, visto que ontem não eram de mais. E embora hoje pareça ridículo falar no morticínio das árvores, esquecendo o *valor mais alto* das perdas humanas e das crueldades infligidas aos homens, há tôdas as razões para prever que estas esquecerão mais depressa, e que as gerações que hão-de vir sofrerão menos da ruína de Reims, do assassínio de Miss Cavell, da hecatombe do *Lusitânia*, e de mil outras infâmias e horrores que nos põem hoje os cabelos em pé, do que dêste desbaste florestal que a ninguém afflige actualmente, e em que muito poucos reparam.

O homem nasceu na floresta, e morre no

deserto. Ao contrário do que possa parecer, a serra e o machado estarão talvez matando mais gente a esta hora, do que a metralhadora e o torpedo.

XLVII

O que seria mais simples

Agosto de 1917.

“**Q**UANDO a quantidade de gado ou de trigo diminui, a autoridade superior decreta que o povo deverá comer menos carne ou menos pão. Se o gado ou o trigo faltassem por completo, a autoridade superior decretaria que o povo não comesse carne alguma e pão nenhum. No tempo do homem das cavernas devem ter-se adoptado alvitres desta espécie, quando se manifestasse a penúria. No nosso tempo de luz, de progresso, de sciência ilimitada, é mester encontrar outra coisa.»

Assim pensa Urbano Gohier a respeito das «providências» que a pavorosa crise de viveres tem suscitado em França, e mais ou menos por tôda a parte. Mas o que êle não vê é que a humanidade se tem, com efeito, aproximado cada vez mais, nestes últimos meses de guerra, das condições económi-

cas em que vivia o homem das cavernas; e só por isso êle se admira de que *no nosso tempo de luz* que se apaga, e de *progresso* que recua, e de *sciência* consagrada à destruição, a sábia legislação dos nossos parlamentos entrasse a revelar uma certa feição troglodita.

Descontados os navios que estão no fundo do mar e os que andam à superfície, atarefados no transporte de artigos ou de passageiros de guerra, não são bastantes os que sobram para trazer aos sítios onde faltam víveres, os víveres que abundam noutros sítios. ; E depois? ; Havemos de exigir dos parlamentos habilidades maravilhosas que nos encham de trigo, de carvão, e de quanto vai faltando e encarecendo? ; Imaginamos que lhes basta dizer: Põe-te, mesa! para que a mesa se ponha, como nos contos de fadas? ; Deram-se, porventura, aos governos ou aos parlamentos, com o sufrágio, ou a eleição régia, ou a confiança das maiorias, quaisquer virtudes sobrenaturais, ou talismans, ou varinhas de condão?...

Os governos e os parlamentos não podem modificar, com os seus decretos, uma situação de facto que nos poupa o trabalho de os troçarmos, porque é ela que primeiro

se ri dêles... e de nós. Não podemos esperar que uns e outros legiferem ajuizadamente para circunstâncias que são filhas da loucura geral, e ameaçam reconduzir a humanidade à sua miserável bruteza primitiva.

O que há a pedir aos governantes não é o milagre impossível de nos assegurarem, com o mundo inteiro em guerra, os confortos e delícias da paz. O que há a pedir-lhes, incomparavelmente mais simples e mais fácil do que isso, é que acabem com a guerra, para que ela não acabe connosco.

XLVIII

As mulheres e a Guerra

Agosto de 1917.

EVIDENTE que a guerra tem valorizado muito a mulher, na falta de homens. No tempo em que a Bulgária ainda estava na moda, porque a Alemanha não começara a pô-la a uso, veio-nos de lá a notícia da actividade patriótica das mulheres búlgaras, que iam fazendo sòzinhas a colheita do trigo loiro, emquanto os maridos malhavam nos Turcos como em centeio verde.

Achou-se isto muito pitoresco, muito simpático; e admirou-se a *cara metade* búlgara como heroína quási romanesca, cujo exemplo não pudesse ser natural e facilmente imitado, nas mesmas circunstâncias, pela francesa ou pela inglêsa. Era o bom tempo em que a guerra andava por longe, e a gente a lia como um folhetim muito interessante. Logo que ela exorbitou do rodapé balcânico e passou a encher tôda a folha

da Europa, embrulhando-nos a todos na sua desconfortável realidade, as mulheres europeias de todos os países em guerra aceitaram e reclamaram até, como era de prever, a sua quota-parte de trabalho e de sacrificio, dispondo-se de boa mente a ser tudo e a fazer tudo. E viu-se então êste espectáculo assombroso da transformação das sufragistas inglêsas em seres úteis, razoáveis e simpáticos, maravilha que deitou a um canto tudo quanto cantara a antiga musa búlgara.

Hoje, na Inglaterra e na França, fermenta, por parte dos homens que ainda restam, um efusivo reconhecimento pela mulher — qualquer coisa semelhante à alegria de Adão, na manhã em que sentiu pela primeira vez ao seu lado, no paraíso execrável onde até aí só havia bichos e flores, o calor e o perfume de Eva novinha em fôlha.

Quem ler compenetradamente certos elogios líricos à ação feminina na guerra actual, persuade-se, com efeito, de que a Mulher é considerada pelos homens como uma espécie de invenção nova, um prodígio de virtudes, aptidões e heroísmos, que ninguém conhecia até aqui e que se não teria revelado, se a Guerra lhe não fornecesse para

isso uma ocasião excepcional. Os homens de 1917 pensam, evidentemente, que a Mulher acaba de ser tirada das suas costelas; e nem por sombras mostram acreditar que, desde que há guerras, desde que Abel morreu às mãos de Caim, a mulher está no mundo para sofrer mais do que o homem da ferocidade masculina, para atenuar com a sua mansidão a bruteza do animal guerreiro, e para emendar, como primeiro artífice de tôdas as reconstruções, suave, pacífica e verdadeiramente semelhante a Deus — as devastações e as ruínas que o homem semeia.

Ignorantes ou esquecidos de tudo isto, os homens de 1917 estão muito reconhecidos à Mulher, por ela se ter resolvido a ser agora... aquilo que sempre foi.

XLIX

Palavriado

Setembro de 1917.

COMO se previa, a declaração da Dieta alemã e o discurso do novo chanceler, em vez de trazerem ao mundo verdadeiras palavras de paz, continuam a guerra de palavras...

A guerra de palavras leva o mesmo jeito de se não decidir, que tem caracterizado a guerra de trincheiras. Começou com a proposta de paz alemã, consecutiva à vitória sobre a Roménia; continuou com as notas e mensagens do Presidente Wilson e as respostas dos Aliados à Alemanha e aos Estados-Unidos; mudou de aspecto, e não de fundo, sob a pressão dos ideólogos da revolução russa; e continua nas bôcas dos políticos dos dois lados, tão empatada e tão indecisa como a outra nas bôcas dos canhões.

Assim como a guerra de trincheiras se faz de parte a parte com os mesmos explo-

sivos, as mesmas couraças e os mesmos gases asfixiantes, mais ou menos, assim a guerra de palavras se vai fazendo dos dois lados com as mesmas palavras.

Agora o Parlamento alemão, o Presidente Wilson e os pacifistas russos estão de acordo sobre os objectivos da Guerra. O que um quer é sinónimo do que os outros desejam, a tal ponto que quem os julgasse apenas pelo que dizem ficaria assombrado de os ver ainda aos tiros uns aos outros. Mas, assim como os chamados sinónimos são muitas vezes de imperfeita ou duvidosa sinonímia, assim as mesmas palavras tem, nos discursos e nas intenções de cada um dos partidos, sentidos não só diversos, mas opostos.

A Alemanha está perfeitamente de acôrdo com o *Soviet* russo em que a paz se faça sem anexações nem indemnizações... para os outros. O Chanceler Michaelis e o primeiro ministro Lloyd George detestam com igual veemência o militarismo; mas o militarismo que ambos detestam é o alheio, e não o próprio. O parlamento alemão acha lindo o projecto americano da futura sociedade jurídica e pacífica das nações, com a condição de se reservar nela à Alemanha a

qualidade de sócio capitalista, industrial e gerente, ficando aos outros membros o direito de lhe obedecerem como escravos.

E assim vamos. Nenhum destes estrategistas do palavriado se convence de que o falar é inútil, quando a ordem do dia é bater. E como nenhum tem fôrça para bater bastante, agatanham-se em vez de se vencerem, insultam-se em vez de tratarem, discutem em vez de impor-se, ou de capitular. E' uma inútil e ridícula briga de mulheres, com a agravante de não impedir que os homens vão morrendo aos milhões.

L

Bode expiatório

Novembro de 1917.

Não creio que haja em tôda a Europa, e até mesmo em todo o mundo não germânico, um diplomata ou um estadista a quem eu conferisse tranqüilamente, como juiz sereno e seguro, o direito de atirar a primeira pedra à cabeça do embaixador Garroni. E o embaixador Garroni, coitado, não tem feito outra coisa estes dias, senão apanhar pedradas, vindas de todos os quatro pontos cardiais.

O embaixador Garroni estava representando em Constantinopla o rei de Itália; e, quando foi assassinado em Sarajevo o arquiduque Francisco Fernando, herdeiro de Austria, viu partir imediatamente para Berlim o seu colega von Wangenheim, que hoje é defunto e que era ao tempo embaixador alemão na capital da Turquia.

E' de notar que entre Garroni e Wangenheim existia grande intimidade, o que

explica que êste, de regresso a Constantino-
noplá em 15 de Julho de 1914, dissesse logo
ao seu amigo:

— Acabo de assistir a uma conferência
de altas personalidades dirigentes do Im-
pério, e estou certo de que vamos para a
guerra.

A isto objectou Garroni que o conflito
europeu se evitaria de-certo, pois a Sérvia
não deixaria de ceder a todos os pedidos
de reparações que estavam sendo prepara-
dos por parte da Áustria. Ao que o Alemão
respondeu, categòricamente:

— Não. As exigências hão-de ser de tal
ordem, que a Sérvia não poderá aceitá-las.

Sabe-se desta importantíssima conversa
pela própria narração de Garroni; mas a
narração de Garroni foi feita tarde e a más
horas, quando em Agosto de 1915, rôtas já
as relações da Itália com a Turquia, o di-
plomata italiano recolheu a Roma. Como
castigo da sua inexplicável omissão, Gar-
roni caiu em desgraça e foi pôsto na dis-
ponibilidade — esquecimento penal de onde
agora saiu para o martírio das acusações e
das invectivas.

¡ Deixem o homem em paz, por caridade
e até por equidade ! O seu crime de haver

ignorado a significação e a importância de uma conversa é bem menor que o de quantos estadistas governavam a Europa em 1914 e antes disso, pois que êle se limitou a duvidar, como bom diplomata, do palavriado de outro diplomata, ao passo que os governantes europeus ouviram sem atenção e sem inteligência a linguagem dos factos, mais clara, mais sincera e mais fidedigna, que a dos embaixadores alemães.

LI

¡Ave, Venus!

Génova, em Julho de 1917.

UM ilustre vogal do conselho provincial genovês, o advogado Pedro Ansaldo, protestou numa das últimas sessões contra o facto de se manterem abertos durante a guerra os casinos e outros estabelecimentos de folia e prazer das vizinhanças da cidade.

Tendo na guerra, ou *sotto le arme*, como aqui se diz, quatro filhos e um genro, o Dr. Ansaldo não pode ver sem indignação o espectáculo de uma mocidade que esbanja escandalosamente o tempo, a saúde e o dinheiro, em-quanto outros se batem e morrem pela pátria, e a maioria do povo sofre as privações ou restrições que são por tôda a parte o resultado mais certo desta guerra longa e generalizada.

—¡Ao passo que a falta de gasolina impede muitas vezes que se leve rápidamente um médico a um doente em perigo (disse o

Dr. Ansaldo no seu discurso) não faltam na cidade automóveis para alugar por preços loucos a jovens foliões e perdulários, que nêles atravessam as ruas em plena e revoltante bacanall

Pode ser que eu me engane; mas receio que o digno conselheiro provincial não tenha visto bem. Não quero dizer que não tenha visto, e até bem de mais, os automóveis com os rapazes e as raparigas na grande patuscada. O que êle de-certo não viu bem foi o problema; e, se o tivesse visto bem, estou convencido que não tentaria resolvê-lo... para não perder o seu tempo.

Êste problema, como todos os outros, só pode ser bem visto depois de bem pôsto. E, antes de pôr em contraste os que andam na pândega com os que penam na guerra, convinha demonstrar que uns e outros não são os mesmos. A cidade pulula de tenentes e de soldados, de guardas-marinhas e de marujos, que certamente veem da guerra e, mais certamente ainda, voltarão para ela, depois de breves dias de aguada ou licença. Justo é que gozem a vida, e como quem se despede dela: como os fidalgos e fidalgas do tempo do Terror nas prisões de Paris, bailando e amando à espera da guilhotina...

O Dr. Pedro Ansaldo, jurisconsulto italiano, sabe bem o seu latim & não é verdade? Pois, quando vir passar um automóvel com um ou dois casais em atitudes bem nítidas de *sacro erotismo*, tire fundo o seu chapéu e grite com o côro:

— *Ave, Venus! Morituri te salutant!*...

LII

A unidade e o número

Janeiro de 1918.

PERANTE a invasão do nordeste de Itália pelas tropas alemãs, logo se calaram dentro das fronteiras italianas as vozes ou os zunzuns socialistas e giolittianos, contrários à Guerra; e logo também, do lado do ocidente, a França e a Inglaterra começaram a enviar das suas melhores tropas em socorro da parceira ameaçada.

Comentando estes dois louváveis rasgos de solidariedade e de bom-senso, diz um jornal, que aliás é o eco de muitos outros: «O perigo italiano parece ter produzido efeito mágico sôbre os Aliados...»

Este *efeito mágico*, tão nosso conhecido, está já na idade de ir sendo substituído por um efeito mais prático e mais útil. Cada vez que os alemães nos vibram um golpe grave e doloroso, é certo e sabido seguir-se-lhe, da parte dos aliados, o *efeito mágico* de descobrirem, tarde e a más horas,

que não vão bem, que o rumo é outro e que urge sair da senda errada. Depois vem outro golpe alemão, outro *efeito mágico* na rapaziada fina, mas nenhuma cura, nenhuma emenda, nenhuma conseqüência saúdavel e positiva.

Um sujeito que estivesse encostado a uma parede, a apanhar de outro, de vez em quando, o seu pontapé na barriga, não iria de-certo muito longe, se os pontapés tivessem todos sôbre êle apenas o efeito mágico de o fazer levar as mãos ao sítio dorido. Os Aliados estão há três anos e pico a fazer mais ou menos esta mesma figura, e eu ainda os não vejo espantados de terem durado tanto tempo.

Quem tivesse observado, nestes últimos meses, a França e a Itália por dentro, sentiria entrar-lhe pelos olhos, como um barrote, êste contraste: em França, nenhum homem válido sem farda; na Itália, pelas ruas, pelos combóios e pelos botequins, milhares de rapagões esplêndidos à paisana, fazendo a mesma boa vida que todos nós fazíamos quando a vida era boa. Por manha, por economia, ou por necessidade política de não irritar muitos pacifistas italianos, a Itália nunca entrou a fundo na Guerra. E

agora é a França, que já não tem homens disponíveis, quem corre a salvar a Itália, que está cheia deles.

Tem-se dito por aí que os Aliados acabarão por vencer, visto que teem por si o número. O número encerra em si, com efeito, possibilidades infinitas, e a Rússia que o diga, com as suas quatro centenas de milhões de homens entretidos a desfazê-la. Mas os factos da Guerra estão provando todos os dias que vale mais a unidade na mão, do que o infinito numérico a voar cada vez mais alto...

LIII

Panelas de barro

Fevereiro de 1913.

QUANDO chamávamos *cilindro a vapor* ao exército russo, quando enchíamos a bôca com o *inesgotável reservatório de homens* que era a Rússia, esquecíamos ou fingíamos esquecer, para não desanimarmos, que o *cilindro*, mal dirigido e mal apetrechado, era mais capaz de recuar ou de parar, que de avançar; e que o *imenso reservatório* estava cheio, mas principalmente de rachas e de buracos.

Por essas rachas e por esses buracos se escoou o exército russo num instante; por eles se está escoando a própria Rússia, desfeita agora em Finlândias e Curlândias, Lituânias e Ucrânias, Polónias e Bessarábias. Uma nação feita por tantas nações, uma Rússia feita de tantas Rússias, coladas sòmente com o grude do tsarismo a liquifazer-se, poderia talvez ter feito útilmente uma campanha de poucas semanas; mas

tinha por fôrça de ceder à fôrça centrífuga de uma guerra de meses e de anos. E o que aconteceu à Rússia deve naturalmente acontecer a tôdas as nações cuja consciência colectiva não seja forte, e cuja organização interna não seja exacta e resistente. Segundo o grau de unidade de consciência e de organização, resistirão umas de-certo mais que as outras; mas tôdas acabariam por succumbir a uma guerra de anos, feita como a guerra se faz hoje.

A História fala-nos da guerra dos Trinta Anos e da guerra dos Cem Anos. Comparadas com a conflagração actual, tudo isso eram *guerras em tempo de paz*, sem êste carácter crónico, generalizado e profundo, que mexe e remexe tôdas as vísceras dos organismos nacionais, e torna difficil para todos, e para alguns incomportável, a prolongação de sacrificios tão duros.

Das nações que estão em guerra, aquelas cuja unidade é mais perfeita, cuja consciência colectiva é mais forte e cuja organização interna é mais exacta e resistente, são, creio eu, a Alemanha, os Estados Unidos, o Japão, o Império Britânico e a República Francesa, que supre talvez com a consciência instintiva apuradíssima do perigo

externo os seus graves defeitos de organização.

Lògicamente são estas, portanto, as que devem resistir melhor ao cataclismo que desabou sôbre elas, isto é: são estas as que devem vencer. As outras irão de-certo caindo pelo caminho, como a Rússia caiu, umas mais atrás, outras mais adiante, conforme o grau da sua debilidade congénita, ou a sua posição material no extenso campo de batalha. Os cadáveres da Bélgica, do Montenegro, da Sérvia e da Roménia, mostram como foram esmagadas depressa as mais fracas e menos favoravelmente situadas. Mas os corpos sem iniciativa e sem vontade da Áustria, da Bulgária e da Turquia ensinam com que facilidade a própria vitória pode reduzir a fantoches os sócios mais pequenos ou mais fracos do verdadeiro vencedor.

Panelas de barro com panelas de ferro.
Por mais voltas que lhe dê o Presidente Wilson, será sempre esta, na paz como na guerra, no presente como no futuro, a mais idónea taboleta da Sociedade das Nações...

LIV

Amanhã Deus dirá

Abril de 1918.

SOCIEDADE das Nações, tratados de desarmamento, estudo da reconstrução económica — todos estes planos e projectos dos políticos que agora dirigem o mundo, concebidos para tornar feliz a humanidade depois da Guerra, são muito interessantes e bem intencionados. Falta só sabermos se virão a propósito...

Não te esqueças, Leitor, de que os políticos que em 1914 dirigiam o mundo não souberam, primeiro, evitar que a guerra estalasse; e depois não souberam prever que ela viria a durar o que tem durado, nem a germinar em conseqüências como as que temos visto e sofrido.

Aqueles planos e projectos são mísera obra humana, architectada sôbre as lições de um passado que já morreu, para um futuro que ainda há-de nascer. E assim como a nata dos estadistas mundiais de 1914 não

soube prever, nem de longe, 1918, assim os Wilson, os Lloyd George, os Clemenceau, os Bülow, não possuem em 1918 senão ideias preconcebidas, e creio bem que inteiramente inúteis, sôbre 1922.

Quem viver, verá. Quem vive agora vê para amanhã apenas coisas simples, cómodas, fáceis, bem nítidas, bem delimitadas, e, sobretudo, bem parecidas com as que sempre viu desde que vê. Vê a Guerra acabar um mês destes ou um ano destes, de um dia para o outro, como começou; vê, finda a Guerra, uma paz geral desafogada, talvez um pouco surpresa e confusa, mas susceptível de arrumação e equilíbrio sólido, com meia dúzia de combinações inteligentes e de sábias cautelas. Vê, em suma, chegar a a humanidade em 1918 ao mesmo ponto, mais ou menos, de onde partiu em 1914. Vê a curva da guerra geral fechar-se, pacata e obediente, como uma boa e amável circumferência, pronta a esconder dentro de si, para nos evitar recordações tristes, um período findo de ruínas, de lutas e de lágrimas...

‡E se a curva da guerra fôsse antes um traço parabólico, cuja trajectória nos distanciasse cada vez mais do ponto aonde

cremos e queremos chegar, atirando conosco para regiões ignoradas e novas?... — De nada nos serviria advinhá-lo e sabê-lo. Há uma grande beleza irónica neste quadro em que os Bülow, os Clemenceau, os Lloyd George e os Wilson — a nata dos homens de hoje — nos aparecem tão inconscientes do que vai vir, como uma criancinha de mama, deitada no seu berço ao centro de um imenso palácio, a brincar com os pés emquanto não chega o terremoto iminente.

LV

O dia de Amanhã

Abril de 1918.

A INESPERADA longura da Guerra; a resistência da Alemanha ao cêrco marítimo, assim como a da França ao embate germânico e a da Áustria às próprias forças centrífugas do seu arlequinismo etnográfico; o despertar da Inglaterra sibarita para as urgências do sacrifício e do heroísmo colectivo, ajudados pela estupenda coesão do Império Britânico; a rendição desastrosa do pan-eslavismo ao pan-germanismo, causando que primeiro desfalecesse no esforço e na solidariedade a nação ou o povo em cuja honra e proveito a França leal marchara à batalha: — todos êstes e ainda outros grandes e imprevistos factos da história dos últimos três anos e meio, constituem o estrondoso libelo da falência dos grandes homens da estratégia, da diplomacia, da política e das direcções financeiras ou económicas, com que a Europa se orgulhava em 1914.

Enganaram-se, como era natural, porque as suas actividades se baseiam na rotina, lidam com as realidades do presente, e apenas podem prever ou preparar um futuro próximo, que só em mínima parte é verdadeiramente futuro, quero dizer: novo, insólito, diferente, pela natureza e pelo aspecto.

Homens que adivinhassem o que ultimamente temos visto e ninguém previa, precisavam de ser, não mera gente de acção, adoradora e escrava do momentâneo e do objectivo, do corrente e do práctico, mas poetas e ao mesmo tempo filósofos geniais, capazes de lobrigar, através do caos opaco em que a nossa vida recente e actual se transformou, as ebulições resultantes de mil e mil desequilíbrios e de uma vasta, profunda e infelizmente progressiva desarrumação social de todo o mundo.

Como tais homens não existem, o que se está passando ou tem passado cai sôbre nós como surpresa atordoadora e acabará por convencer os que ainda pensam, da absoluta inutilidade de pensar.

Êsses achar-se hão na situação desagradável das pessoas nervosas em que o trabalho cerebral se paralisa, quando ouvem repetir-se periòdicamente tiros de peça ou

badaladas de sino: param de raciocinar, na expectativa involuntária e teimosa do som ou do ruído seguinte...

— ¿ Que mais veremos ? ¿ Que mais virá ?
¿ Que vem trazer-nos o dia que desponta ?
O futuro, ¿ como vai ser ?...

Para o saber seria preciso pensar, e o pensamento só floresce dignamente na ordem, na tranqüilidade e no silêncio. Pensar é, neste caso, ligar o presente ao futuro por uma ponte segura, que é o passado. Essa ponte caiu numa derrocada imensa, e a outra margem foge, como nuvem negra, ao olhar da Razão curiosa e míope.

A verdadeira riqueza

Abril de 1918.

A CADA passo verá o Leitor ressaltarem, do texto de qualquer jornal ou revista política britânica, as expressões francesas *coup d'Etat* e *bourgeoisie*, impressas em itálico, ou cuidadosamente seguras entre as tenazes das aspas. Dir-se-ia que os Ingêleses temem medo ou escrúpulo de lhes tocar com os dedos; e o que sem hesitação pode dizer-se é que a sua língua ainda não conseguiu nacionalizar aqueles dois termos, porque as ideias ou factos por êles expressos não são ingêleses, não são nacionais.

Apesar da sua etimologia saxónica, a palavra *burguesia* ainda até hoje não conseguiu reatravessar a Mancha com a sua modalidade actual e continental de rivalidade e luta de classes, para se transplantar e aclimar assim no vocabulário insulano. E os *golpes de estado* fazem-se ali com tanta serenidade, oportunidade e pontualidade (como

já aconteceu depois da Guerra) que não doem a ninguém, porque tôda a gente os espera, e deseja, e recebe bem na hora própria, e por isso não são *golpes*, e por isso nem teem nome em inglês.

Eu sei tão pouco como o Leitor, e como o imperador Guilherme ou o sr. Lloyd George, qual será o fim desta guerra. O que sei é que a Inglaterra, se conseguir salvar, do naufrágio de tudo, o segrêdo do equilibrio político interno que tem sido seu tantos séculos—vencerá de qualquer maneira. Suponho ter sido o próprio Lloyd George quem disse há tempos que a vitória vai pertencer a quem tiver mais um xelim para gastar. Erro grande; ilusão de quem não descobriu ainda que a riqueza maior dêstes tempos não é o dinheiro. Como na velha fábula da galinha e da pérola, é sempre mais precioso aquilo que é mais preciso, e o que é mais preciso hoje em dia às nações afogadas numa luta sem fim, não é o dinheiro, mas sim a paciência, a serenidade, o juízo frio — todos os ingredientes de que se compõe o verdadeiro elixir da resistência, e, portanto, da vitória. Quero dizer: a ordem e a paz internas; o equilibrio e a concórdia nacional.

Tem-se gasto muito dinheiro nesta guerra,

certamente; mas tem-se gasto ainda mais resistência moral, ou equilíbrio nervoso colectivo. O dinheiro, como se tem visto da resistência financeira da Alemanha, inventa-se; ou renasce milagrosamente do seu próprio consumo; ou chega a parecer que se multiplica na mesma proporção em que se espalha e divide. Mas o estado da Rússia mostra que a saúde mental das nações, uma vez perdida, já se não recupera facilmente; e que é a falta dela a causa irremediável e rápida da derrota e da catástrofe.

Variações sôbre o Futuro

Abril de 1918.

Aqui está outro problema: ¿ conviria ao mundo, conviria aos próprios aliados, que a Alemanha e a Áustria se esboçassem como a Rússia?

Já li algures que assim, desfeita e anárquica, é que a Rússia nos vai ser verdadeiramente útil, porque à sua Ordem, incapaz de ferir a Alemanha, sucede a sua Desordem, destinada a envenená-la por contágio.

E' possível que sim; e se tôdas as novidades que nos dão merecem a honra ou o trabalho de ser aceitas, devemos supor que o micróbio da Anarquia já bordeja o terreno austríaco, mais receptivo, e acabará talvez por vencer os anti-scépticos da disciplina e da hierarquia alemã.

¿ E depois?... ¿ Com que contam a Itália e a França, para se isolarem ou desinfectarem? ¿ Como vão estabelecer a quarentena e o cordão sanitário?

Estes problemas são graves, mas diminuem de interêsse prático, na medida em que a gente se convence de que são êles próprios que terão de resolver-se por si, com o decorrer dos meses, dos anos ou dos séculos, e não nós, homens e vítimas, com as nossas pobres receitas e os nossos esforços liliputianos. E' possível que a alguns polticos, diplomatas e generais, se deva o trabalho infeliz de haverem desarrumado o mundo inteiro; mas, uma vez desarrumado o mundo inteiro por meia dúzia de homens, será talvez ingénuo ou louco supor que outra meia dúzia, ou mesmo dúzia e meia dêles, o poderão, à nossa vista e com o mero poder das suas manhas ou das suas vontades, endireitar de novo e pôr, já não direi em boa ordem, mas ao menos naquela ordem suficiente e escapatória em que o mundo ia vivendo antes da Guerra.

Quando algum pequeno imprudente pega fogo a uma casa e o fogo toma conta dela, não é de-certo a criança quem vai resolver o problema do incêndio. Serão talvez os bombeiros, se os houver, se chegarem a tempo, e se forem mais fortes que o fogo. Sendo mais fracos, já se sabe que o próprio fogo é quem resolve, e resolve pura e simples-

mente raivando e ardendo, até onde e quando houver que queimar. A' criança incendiária, aos bombeiros impotentes, aos moradores e vizinhos aflitos, competirá entretanto a atitude facil de ver arder, deixar arder. Até que um dia outro obreiro mais forte ainda, mas mais lento que o Fogo, resolva por sua vez se a casa queimada há-de ser reconstruída, e como, e quando, com que novo aspecto, sôbre que novo plano e para que novos moradores.

Êsse outro obreiro é o Tempo, e trabalha quási sempre sòzinho, mais para os que hão-de vir, do que para aqueles que o vêem trabalhar...

LVIII

As fôrças do Futuro

Maio de 1918.

NA opinião do órgão socialista berlinês *Vorwärts* a queda de Lloyd George está próxima; e será devida a que o primeiro ministro britânico, se bem que *ágil como um gato*, esqueceu a regra basilar da política inglesa, isto é: que o êxito na governação do Estado tem de procurar-se no acôrdo com as fôrças *políticas do futuro*.

As fôrças políticas do futuro, na opinião do *Vorwärts*, são, naturalmente, os operários e os socialistas — o que não impediu o *Vorwärts* de se aliar com as fôrças políticas do presente, que são os generais e os soldados. Lloyd George, pelo seu lado, conta tanto ou tão pouco com as fôrças políticas do futuro, que, quando há pouco teve de pedir à opinião pública mais homens para as trincheiras, foi aos operários que se dirigiu, com êles é que tratou, e por êles se deixou tratar como igual, oferecendo-se em

sabatina às suas perguntas, reclamações, reticências e exigências. Não falou aos aristocratas e aos banqueiros, aos patrões e aos burgueses, execráveis fôrças políticas do passado, cujos filhos teem sido na Inglaterra os primeiros a marchar e a morrer, sem necessidade de discursos, de adulações e de sabatinas.

‡ E saberá Lloyd George, saberá o *Vorwärts*, sabe alguém neste mundo e nesta hora, quais serão verdadeiramente as fôrças políticas do futuro? Na Rússia, por exemplo, as fôrças políticas do futuro eram ainda ontem o esperançoso Lenine com os seus maximalistas, hoje transformados já em fôrças políticas do presente, graças à Anarquia e à Alemanha; e todos estamos vendo e admirando como essas fôrças políticas actuam perante o inimigo à maneira de fraquezas; e como se assemelham, na sua actividade interior e nacional, de ódio, de crueldade e de loucura, às piores fôrças políticas do passado.

‡ Ai daqueles que se deitam hoje com a embaladora esperança de serem reis amanhã! Tôdas as realezas actuais periclitam, sem excepção da alemã, a que aliás o *Vorwärts* vai servindo de escora; mas é muito

difícil prever ou adivinhar quais as forças políticas que virão definitivamente a preencher-lhes as vagas. Na Rússia o poder, em menos de um ano, passou já do Tsar à Duma, que era liberal, mas monárquica; da Duma à burguesia republicana, desta ao socialismo, do socialismo ao anarquismo, e do anarquismo á Fome.

E aí temos uma força política do futuro com que é difícil entrar em acôrdo. Sua Majestade a Fome governa sòzinha, quando não se mata a tempo e horas. Lloyd George fará de certo bem, em contar com ela — e o imperador da Alemanha igualmente, ajudando a acabar com a Guerra, emquanto é tempo de não pôr a Fome no trôno.

LIX

Guerra e idealismo

Maio de 1918.

QUE é que o fogo não queima? Para Jaime de Magalhães Lima, espírito altamente idealista, alma profundamente cristã, o que o fogo não queima são as fôrças espirituais, cujo labor constitui o único apoio sólido do progresso da humanidade; é a verdadeira essência da vida das nações: a alma dos povos, a sua aspiração, a sua fé e a sua crença, o seu carácter moral e religioso, perante o qual o saber e a fôrça são unicamente uma ilusão e uma insídia, tarde ou cedo destinada a conduzi-los à vergonha e à ruína, *se um instinto salvador não lhes ensinou a disciplinar e a conter esse saber e essa fôrça na obediência a uma aspiração superior.*

O fogo não queima, creio bem, essas fôrças espirituais, as únicas susceptíveis de tornarem o homem digno de ser homem; mas creio ainda melhor que o fogo as retempera,

em vez de as destruir. A guerra transforma em aço o ferro, do carácter moral, que a ferrugem da paz carcomera e amolecera. E assim caímos, a final, nas teorias mais ou menos germânicas da guerra-tónico, da guerra-purgatório, da guerra lustral, redentora e... idealista.

Pio X morreu, diz-se, de paixão e saúde da paz. Mostrou ser assim, o santo homem, um genuíno vigário de Cristo na terra, e não o chefe terreno do imperialismo religioso e católico. Um papa mais *humano* (quero dizer: mais homem e menos santo) teria esfregado as mãos de contente, no ante-gôzo das vantagens que a Igreja virá a tirar, com certeza, de uma tão vasta seara de destruições e de sofrimentos.

A criatura que vive na paz, come na riqueza e morre na cama, reserva de tóda a sua existência muito poucas horas para pensar no Criador. O banco, a polícia, o teatro, a medicina e o seguro, constituem para ela uma medicina suficiente. Quando pensa em Deus, é muito de crer que já esteja para entrar na agonia.

Em tempo de guerra, e de guerra longa como esta, mudam-se as certezas em ansiedades, os confortos em sacrifícios, e os gozos

em torturas. A vida passa a ser para muitos, e em si mesma, uma agonia; e então o homem, perdido o orgulho, curado na dor o seu materialismo grosseiro, desarrumado o mundo onde se ia replantando pelo trabalho pacífico um novo paraíso, será levado a olhar mais para o céu que para a terra.

Se os planos imperiais da Alemanha forem frustrados, como ainda apesar de tudo se espera, ¿ qual das outras tendências universalistas dominará no futuro? ¿ O socialismo internacional? ¿ A Sociedade das Nações ou Estados-Unidos-do-Mundo, segundo a fórmula democrática de Wilson? ¿ Ou o imperialismo religioso da Igreja, robustecido temporalmente com o enfraquecimento político dos estados deprimidos pela Guerra, e espiritualmente pelas desgraças, ruínas, misérias, desordens e loucuras da pobre humanidade?...

Guerra de desgaste

Malo de 1918.

Os telegramas que há dois ou três dias nos chegam de Londres, dando conta de um novo agravamento do problema irlandês, devem conjugar-se filosoficamente com o malôgro, que é relativo, mas vai podendo considerar-se definitivo, da ofensiva alemã na frente ocidental.

Jugulada a Rússia, graças ao auxílio disparatado da «libertação» russa, tentou a Alemanha naturalmente, seguindo o exemplo do curso dos rios e da evolução das línguas, terminar depressa a guerra de acôrdo coma lei eterna e cómoda do menor esforço. E como o menor esforço lhe parecia consistir no ataque e rompimento imediato da linha de Ocidente, a Alemanha fêz o ataque e tentou a irrupção, regressando assim com saúdades e esperanças aos seus velhos planos de guerra fulminante,

gisados ainda na paz pelo Estado Maior General, e malogrados ao princípio da campanha no inexplicável fenómeno do Marne.

Devo confessar que sempre supus que os Alemães procedessem de outro modo, apesar da manifesta vantagem que teriam em alcançar rapidamente os portos franceses e aniquilar por cima da terra, já que não pode ser por baixo do mar, a extensa e espessa ponte de navios que a América tem lançado para a Europa. Pareceu-me pouco provável o seu regresso à guerra fulminante, porque os Alemães sabem hoje aquilo que hoje toda a gente sabe, mas que ninguém previra, a começar por êles próprios; e vem a ser que a guerra expectante, e não a guerra fulminante, é que é verdadeiramente a sua guerra — aquella que chegou a dar-lhes boa metade da vitória, e se diria destinada, se êles pudessem resistir no tempo, a dar-lhes o que ainda lhes falta no espaço.

Também nós, Aliados, supúnhamos, ainda há um anó, que a guerra de tempo e desgaste fazia o nosso jôgo, esfomeando, fatigando, dissociando e, portanto, enfraquecendo os povos germânicos. Hoje, porém, estamos ensinados, não só pela lição tremenda e completa que nos deu a Rússia,

mas pelo aviso eloqüente vindo da Itália em outubro, e agora pela ressurreição alastrada das conjuras e rebeldias irlandesas. Quem se desgasta, afinal, somos nós, e não a Alemanha; e o que mais se desgasta não é a resistênciã do estômago falho de viveres, mas a resistênciã do coração, a tenacidade e a coesão nacionais, pobres de disciplina ou de civismo.

A guerra de desgaste só nos será útil, dando-nos tempo para adestrar soldados e produzir munições, se nós todos seguirmos algum dia o exemplo maravilhoso dos Franceses, ou se formos, como os Alemães, capazes de sofrer e esperar, governados e governáveis, todos por um, um por todos, e cada um no seu lugar.

¿Poderemos, de hoje para amanhã aparecer assim, reformados e transformados? Se não pudermos, deseubramos sem tardança o meio material ou estratégico de atacar depressa e bem. Cada dia que passa atira-nos — tais como hoje somos — para a divisão e para a destruição.

A guerra dos «milagres»

Maio de 1918.

EM setembro de 1914 parecia que Paris ia ser recalcado pelas tropas alemãs e que a França estava perdida. Deus, porém, velava pelos Franceses e mandou-lhes a tempo o «milagre do Marne».

Em outubro de 1917 os bons Austríacos, guerreiros admiráveis que não atam nem desatam, conseguiram que a Alemanha desse um jeitinho à sua espada desajeitada; e a Itália viu-se em risco tremendo de invasão e derrota. Mas Deus velava por ela e mandou-lhe a tempo o «milagre do Tagliamento».

Há um ano e pouco a Alemanha, esganada entre o Oriente e Ocidente, apelava já para o esperançoso desespero de esfomear a Inglaterra em três meses; e ia assim atraíndo contra si a cólera ronceira, mas decisiva, da América do Norte. Foi nesse instante fatal que Deus volveu para a Alemanha os seus olhos misericordiosos, e lhe

mandou pontualmente o «milagre de Petrogrado».

Agora, nestes dias históricos, de junho de 1918, debate-se à beira do Marne e do Aisne o duelo que se chama decisivo, nos grossos títulos com que os jornais encabeçam os telegramas de guerra. E a minha jovem amiga M. de L., que não é germanófila nem aliadófila, e nem sequer lusófila, apesar de portuguesa, mas que tem destacado nas linhas de Flandres um guapo tenente de artilharia, que espera promover a seu marido, telefonou-me entusiasmada com a chacina que vai por França a esta hora, jurando-me por tudo quanto há que tem imensa pena dos Franceses, mas desejando muito ouvir da minha bôca a profecia de que os Alemães vão romper, e vencer, e trazer ao mundo, dentro de poucos dias, a paz tão necessária ao seu coração de noiva ansiosa.

— ; Porque não? perguntei eu, respondendo. Algum dia há-de vir em que a paz seja restituída à humanidade, e os tenentes às noivas. E êsse dia pode estar próximo, agora que os Germanos carregam com ímpeto sôbre os Anglo-latinos, e que estes recuam devagar com promessa de avançarem por sua vez a valer...

Falando assim, fiquei contente com a minha pia fraude de velhote scéptico, mas amigo de confortar a mocidade que teima em viver e ser feliz, em plena insistência do Sofrimento e da Morte. E cá fico à espera do próximo «milagre», nesta guerra em que o milagre toca a todos, e nunca deixa de comparecer às horas decisivas, fiel, pontual e obstinado, na sua função pavorosa de adiar, sabe Deus para quando, o único milagre verdadeiramente apetecido e necessário, o milagre decisivo, o milagre da Paz!

Qualidade e Quantidade

Junho de 1918.

SEGUNDO Guilherme Ferrero, o conflito geral em que está empenhada e quasi totalmente dividida a humanidade, não passa de um duelo entre o ideal da *qualidade*, querido ao génio latino, e o ideal da *quantidade*, característico da mentalidade germânica. Segundo o mesmo grande historiador italiano, houve épocas da história universal em que predominou o princípio de *nacionalismo*, amigo da guerra e inspirador da *cidade antiga*, até o advento da paz romana; e épocas em que venceu o princípio de *cosmopolitismo*, graças ao qual os homens são levados a confundir os seus interesses, a pôr em segundo plano a organização política e militar, e a criar, como na Idade-Média, sob a influência das doutrinas cristãs, um regime geral em que não há grandes estados, nem grandes guerras, nem fronteiras nítidas, intellectuais ou morais.

Como tôdas estas atraentes concepções germinaram da meditação da guerra actual, é interessante observar como ela própria as contradiz, e como elas se contradizem a si próprias.

Roma, senhora do mundo, revelou e praticou o ideal da *quantidade*; a Alemanha, aspirando a uma quási dominação universal, pretende, pois, fazer obra de puro *espírito latino*, como a fizeram depois de Roma e antes da Alemanha os bem latinos e bem quantitativos Luís XIV, Filipe II e Bonaparte — citados muito a propósito pelo snr. António Sérgio em resposta a Ferrero.

Ao império latino e *quantitativo* dos Romanos, ao seu espírito, tão *nacionalista* que fêz do simples título de cidadão romano um alto fôro de preferênciã e nobreza — succedeu a Idade-Média, a idade do cosmopolitismo desarmado, que Ferrero estima, e a qual é julgada por êle *qualitativa* a seu modo. ¿E quem iniciou a Idade-Média, e lhe imprimiu carácter, depois de destruir, para construí-la, a velha Roma quantitativa, nacionalista e também militarista, no seu auge? Precisamente os Bárbaros, isto é, os Germanos, isto é, os Alcmães de outrora, quantitativos de hoje, segundo Ferrero, militaristas de agora, como

se prova pelas equimoses bem visíveis na nossa pele qualitativa de latinos ex-quantitativos.

E' diffieil filosofar irresponsivelmente sôbre a História, porque a História é a vida dos homens, e os homens vivem sem nenhuma espécie de filosofia. Viver é esta coisa deliciosamente fáeil, que todos fazemos, e terrivelmente diffieil, que ainda ninguém conseguiu explicar.

LXIII

O Cobre

Outubro de 1918.

A ALEMANHA consome, nas suas urgências «civilizadoras», duas mil e quinhentas toneladas de cobre por semana.

Assim o declarou, na sessão da Dieta imperial de 4 de Julho último, o Coronel Koeth, representante da Administração Militar, depreciando o alvitre então apresentado, de se apearem e refundirem as estátuas dos heróis germânicos, espalhadas com profusão pelas avenidas e praças de todo o Império.

As estátuas dos heróis são geralmente ôcas, e nisto está o verdadeiro simbolismo da glória humana que elas representam e perpetuam. Mas daqui resultam inconvenientes graves, em tempo de guerra, para uma nação como a Alemanha, rica de glórias, de-certo, porém muito falha de cobre.

Basta dizer que a produção dos seus jazigos não excedeu em 1913 umas vinte e oito mil toneladas, ou seja apenas o necessário para

onze semanas do consumo actual; que a Rússia só produziu, no mesmo ano, umas nove mil toneladas, e a Noruega menos de outro tanto; que todos os grandes produtores de cobre — Estados Unidos, México, Península Ibérica, Japão, Chile, Austrália e Canadá — ou são inimigos da Alemanha, ou estão impossibilitados de a abastecer, graças ao assédio marítimo; que a pilhagem das regiões invadidas, a Leste e a Oeste, já deu o que tinha a dar; que as necessidades da guerra já devoraram todos os fechos de portas e janelas de Além-Reno, assim como todos os telhados da Biblioteca Real de Berlim, da Porta de Brandeburgo, das igrejas e dos museus; e, finalmente, que a safra geral dos para-raios alemães, resolvida há poucos dias, produziu o mesmo pouco que hão-de fornecer as estátuas: apenas o bastante para o consumo de seis ou oito dias.

E' singular que a Alemanha venha a perder a Guerra por falta de cobre, quando todos os financeiros do mundo supunham, anteriormente a 1914, que ela a perderia por falta de *cobres*, no plural. Mas a verdade é que está muito arriscada a perdê-la, «post tot tantosque labores», por êsse ou por outro motivo igualmente insignificante e prosaico.

Se assim fôr, é inútil esperar que a História o confesse mais tarde. A História sustenta-se de heroísmos, grandezas épicas e teatralidades vistosas. E se o verdadeiro ou único vencedor desta magnífica e espectacular barafunda mundial fôr o humilde e sombrio Cobre, aliado de uns e arisco para outros, tenha o Leitor a certeza de que ninguém lhe reconhecerá mais tarde o seu valor ou significação decisiva. Pelo contrário: quando já não precisarem d'ele para fabricar milhões de cartuchos, irão buscá-lo às minas e com êle fundirão ingratamente novas estátuas de imperadores ou de generais.

LXIV

Medusa

Outubro de 1918.

Ao mesmo tempo que os socialistas oficiais alemães reclamam, como programa de govêrno, a reïntegração da Bélgica e a revisão do tratado de Brest-Litowsk; e que o Sr. Erzberger, chefe do Centro Católico, publica em volume as suas ideias e alvitres para o estabelecimento da futura Sociedade das Nações, o imperador Guilherme da Alemanha, na carta que acaba de dirigir ao conde de Hertling, aceitando o seu pedido de demissão, declara ser Sua Vontade que o povo passe a ter de ora avante uma participação decisiva no govêrno do Império.

Isto quer dizer que já não é o rei da Prússia, mas o presidente dos Estados-Unidos da América quem verdadeiramente governa a Alemanha. E que, assim como Foch tirou a Hindenburg a iniciativa estratégica e a superioridade militar no campo de batalha, também no campo da política interna a aris-

tocracia bélica alemã perdeu definitivamente a força, o prestígio e a direcção. Antes de sofrer na sua carne a derrota material agora inevitável, a Alemanha autocrática e medieval confessa portanto a sua derrota mental e política, renega a filosofia de direito divino com que entrara em guerra há quatro anos, sob a égide de Wotan, de Aegir e de Donner, e submete-se à divisa idealista dos que a combatem sob o pavilhão moderno e oposto da Liberdade, da Justiça, da Democracia e da Igualdade jurídica das nações.

Mais uma vez, como sempre, o Espírito triunfa sobre a Matéria, e o Pensamento derrota e domina a Força. Não foi no Marne que a Alemanha se perdeu, como creem e dizem, embora justamente orgulhosos do seu épico trabalho, os heróis militares: foi nas avenidas de S. Petersburgo, quando os soldados russos esfomeados e revoltados, atacaram e venceram a polícia do Tsar da Rússia e assim privaram a Alemanha do seu único aliado moral: aquele que, militarmente colocado no campo adverso, trabalhava por ela, impedindo que a Gram-Bretanha e a França santificassem os seus esforços militares com a auréola de uma cruzada humana pela Liberdade e pela Demo-

cracia, contra a autocracia e o espírito medieval de conquista.

A anarquia russa é, para muitos, uma Fúria repelente, cujo rosto de Medusa não podem fitar sem risco de cegar ou enlouquecer de horror. Mas já teve até esta hora três filhas de cara linda: a franca e decisiva intervenção da América; as revoluções proletário-nacionalistas da Bulgária e da Áustria; a abdicação da dinastia vermelha dos Hohenzollern na Casa Branca do Presidente Wilson.

SEGUNDA PARTE

A DERROCADA
RUSSA

I

O gigante e os micróbios

Setembro de 1915.

Ao mesmo tempo que procura suster ou repelir a invasão, a Rússia enorme e multiforme tem entre mãos uma revolução: é um novo e parece que definitivo assalto à Bastilha administrativa e burocrática, de dentro de cujos muros, impenetráveis ao progresso e ao sentimento do bem comum, o país tem sido governado, como se fôsse uma colônia, por uma *casta onnipotente e privilegiada*.

A essa casta atribuem as forças vivas de tôdas as Rússias, não só os crimes e erros antigos, mas também os recentes desastres militares.

E descobrem agora, com a Alemanha violentamente extravasada para dentro das suas fronteiras que é também alemã, educada à alemã, constituída até em parte por gente alemã immigrada na Rússia, a oligarquia sôfrega, parasitária, egoísta e falha de escrú-

pulos, que tem sugado a nação inteira, a trôco de fingir que a governa. A Rússia está portanto empenhada em duas guerras contra a Alemanha, visto que combate a um tempo a Alemanha de fora e a Alemanha de dentro.

Já não é a primeira vez na História que um grande povo consegue tirar de si próprio energias suficientes para fazer ao mesmo tempo uma revolução dentro de fronteiras e uma guerra fora delas. A França, há pouco mais de um século, virou-se a si própria do avêssô, repeliu a coligação dos inimigos externos e conquistou de caminho meia Europa. No em-tanto, é difícil esta experiência, e seria prudente não a repetir. Seria talvez mais sensato que a Rússia houvesse tratado primeiro de combater o germanismo russo, para poder cair agora em pêso sôbre o germanismo alemão. A braços simultâneamente com um e outro, vê-se a Rússia obrigada a pedir ou aceitar o auxílio estranho, abrindo ao Japão a sua porta de oriente, para tapar o rombo que a Alemanha ameaça fazer do lado occidental. E corre assim ao risco de se ver um dia comprimida, se os Fados a não ajudam, entre o inimigo velho e o amigo novo, entre o invasor e o convidado, entre o germanismo e o japonismo...

A verdadeira fraqueza da Rússia era o que os olhos superficiais julgavam força: era a sua colossal enormidade. Cresceu de mais, sem que o desenvolvimento pudesse acompanhar harmoniosamente o crescimento. Cresceu até encontrar, nas duas fronteiras europeia e asiática, os Alemães e os Japoneses, povos igualmente compactos, seleccionados e infiltrantes, que lembram uma dupla carga cerrada de micróbios, invadindo um organismo gigantesco de aspecto, mas doentio e fraco na realidade.

II

Monstruosa Rússia

Outubro de 1915.

COMENTANDO a singular posição em que a Rússia se tem visto, ao mesmo tempo a braços com a Revolução e a Guerra dentro de fronteiras, salienta um jornal francês o carácter nacional da revolução russa, dirigida contra a influência germânica nas altas camadas da administração e do govêrno. E porque a Rússia é enorme, juvenil e forte; porque os dois males que ela tem combatido são manifestações diversas da mesma maldade alemã — o jornal francês compara a Rússia com Hércules, que ainda no berço torceu, brincando, o pescoço às duas serpentes enviadas por Juno para o abafarem, e assim mostrou que era filho de Júpiter e predestinado a livrar a Terra dos monstros. . .

Aqui os monstros são, transparentemente, os Alemães Mas, não será a Rússia, vista com olhos serenos, muito mais monstruosa

que a Alemanha? A ideia de monstruosidade é compósita e feita, salvo êrro, de três conceitos principais: grandeza, anomalia e disparate. No sentido mitológico, o monstro é o animal fantástico, misturado, e horrível justamente pela sua conformação disparatada. Na linguagem vulgar tomam-se em regra como sinónimo o monstruoso e o colossal. A sciência, pelo seu lado, considera monstros os seres que nascem como outras tantas transgressões da normalidade morfológica. A hidra de Lerna, a torre de Eiffel e a vitela de seis pernas são, portanto, boas amostras de monstruosidade. Mas a Rússia é muito melhor.

A Rússia é tão monstruosa pelo tamanho, que a gente sente arrepios de frio siberiano só de olhar para ela no mapa, tal é o mêdo de que a enorme avantesma, agitando-se um pouco, esborrache a franzina Europa. A Rússia é monstruosamente anómala, única no mundo — onde aliás não caberiam duas monstruosidades como ela. A Rússia é o mais disparatado dos monstros, pela pluralidade dos continentes em que se estende e dos mares que a limitam; pela quantidade e diversidade das nações, povos, raças, crenças, línguas, costumes, que nela se

contem sem se fundirem. O nome que ela se dá a si própria encerra também uma eloqüente confissão: «Tôdas as Rússias» são, por fôrça, Rússias de mais...

...¿E é então êste monstro que vai limpar a Terra de outros monstros?... Mas, ¿quem nos livrará dêle?...

III

A esfinge russa

Fevereiro de 1917.

UMA coisa que me faz frio é a política russa.

Desde que a Guerra estalou, é certo que S. Petersburgo mudou de nome uma vez só; mas tem ali havido, no mesmo período grave, trinta e cinco mudanças ministeriais, cuja explicação se não pode apreender cá de fora, e que, de dentro, ninguém dá, nem talvez possa dar.

Pior ainda que o número das crises do governo russo é de-certo a sua estranha maneira: quando não é o escândalo que as tempera, envolve-as o mistério, ou caracteriza-as o disparate.

Um dia, em pleno parlamento, levanta-se uma voz intemerata, e acusa a própria Tsarina de dirigir ou favorecer negociações clandestinas com a Alemanha. Outro dia aparece guindado a ministro um político liberal, que imediatamente se transforma em

ultra-reaccionário; e a sua nomeação atribui-se à incompreensível influência de um bêbado iletrado e rústico, que exercia na Côrte funções híbridas de bobo e de profeta. Depois, deita-se abaixo um presidente de governo a tal ponto suspeito de entendimentos com o inimigo, que até se lhe atribui a paralisação de movimentos do próprio exército russo; e desta queda resulta ficar ainda com maior influência no poder executivo o homem que tôda a gente considera como principal colaborador e alma danada do ministro demitido. Em abril ou maio de 1916 vai a Paris e a Roma uma delegação parlamentar russa, presidida pelo sr. Protopopoff, e destinada a apertar mais os laços de solidariedade entre aliados; seis meses depois o mesmo sr. Protopopoff, ministro do Interior da Rússia ainda agora, aparece em Estocolmo, a conferenciar com agentes do governo alemão...

É preciso fazer justiça a todos, escreutando em honra do parlamentarismo francês, tão atacado, que a política francesa se contentou com três modificações ministeriais, no mesmo período em que a política russa precisou de trinta e cinco. E deve também dizer-se que as tão faladas *combi-*

nações de corredor, a que se tem attribuído a instabilidade da governação em França, são um brinquedo inocente, quando se confrontam com as intrigas subterrâneas (tanto mais assustadoras quanto são incompreensíveis e misteriosas) que presidem em Petrogrado à mutação do pessoal dirigente. A sorte da guerra depende muito, se não totalmente da firmeza e lealdade da Rússia. Ora a Rússia tem-se comportado como uma autocracia cujo autocrata ninguém sabe quem seja — situação de-certo muito pouco confortável para os seus aliados.

IV

Salada russa

Março de 1917.

DESDE que Hindenburg a exonerou das funções pesadas e esmagadoras de *cilindro a vapor*, a Rússia passou a ser um ténue e melindroso *fio de cabelo*, do qual pende sôbre um abismo, ou muito perto de um abismo, a sorte última da Guerra e dos aliados do Ocidente.

A política russa faz frio, escrevia eu não há muito, quando ainda estávamos no pino do inverno e os jornais acabavam de anunciar a 35.ª crise ministerial russa, no curto espaço de dois anos e meio, e com o inimigo dentro de casa. Imagine-se o *calor* que apanhei ontem, ao ler num cartaz a a notícia brusca da abdicação de Nicolau II, quer dizer: do único homem, pouco mais ou menos, que em Tôdas as Rússias inspirava confiança verdadeira à Inglaterra e à França. Noticiado assim, sem preâmbulos nem franjas, o desaparecimento político do

Tsar pareceu-me sinónimo claro da paz separada russo-germânica, de precipitação dos acontecimentos na frente ocidental, de invasão da Pérsia, da Índia Inglesa e do Egito pelos Alemães. E vi a França esmagada, e a Inglaterra de joelhos, Mr. Wilson de costas, o Rio de Janeiro traduzido para Wilhelmstadt, Portugal feito em pó, a Alemanha em cima de tudo.

Felizmente, horas depois, foram aparecendo outros telegramas que confirmavam a abdicação do Tsar, mas davam como prisioneira a Tsarina alemã e germanófila; mortos os ministros Protopopof e Stürmer, favoráveis à Alemanha; e triunfante a Duma, liberal, belicosa e fiel aos Aliados. E agora estamos ainda no período das notícias confusas e contraditórias, de cujo aflitivo caos parece no em-tanto emergir a certeza de não querer a revolução prejudicar a acção da Rússia na Guerra, nem separá-la dos Aliados. A certeza, porém, é um diamante muito difícil de tirar da ganga de uma revolução, e de mais a' mais de uma revolução meio asiática, em período de guerra generalizada, entre a censura feroz dos telégrafos que os Aliados monopolizam, e a fantasia germanófila das agências noticiosas de Madrid.

E' em momentos dêstes que a gente sente não ter sido premiado por Deus Nosso Senhor com uma fé inteiriça, refractária a todo o raciocínio e a tôda a prudência, como a das felizes criaturas que hoje me vieram afirmar, segundo os seus partidos ou desejos, que a Rússia fôra transformada em 48 horas numa democracia de pedra e cal, ou que os revolucionários da Duma trabalham de acôrdo com a Alemanha.

A mim parece-me que o *fio de cabelo* não engrossou com a nova salada russa, e que pode agoentar, mas também pode quebrar.

Quem sabe?...

Março de 1917.

¿ Não te dizia eu, jacobino amigo, que não deitasses foguetes antes de tempo? ¿ Agora já fechaste a torneira das felicitações ao nobre povo russo libertado, e desconfio que até já te finas de saúdaes pelo pobre Tsar aliadófilo, que lá ia governando o barco da Guerra com a sua Tsarina alemã e o seu incrível, e realmente pavoroso Protopopof...

Agora já estás com mêdo de tanta libertação e de tanta democracia; e, se não tivesses vergonha de dar alguma importância a Deus Nosso Senhor, pedir-lhe-ias de joelhos que prendesse mais curtos aqueles 1600 delegados dos operários e dos soldados, por cuja imposição se mudam e tornam a mudar os generalíssimos, e que decretam o direito dos militares à parede em tempo de guerra, ou fazem comércios no campo de batalha. Parece-te que, por êste

caminho, o exército russo será dentro em pouco derrotado por si próprio, e que a bigodeira do Hindenburg se aplicará, inteira e terrível, a varrer a frente ocidental. . .

Sossega um pouco, jacobino amigo, e não caias tão depressa no desespero como tinhas subido ao sétimo céu do êxtase liberal prematuro. De duas uma: ou a revolução russa consegue copiar tão bem a francesa que dentro em pouco a temos armada de ponto em branco para reconquistar a Alemanha inteira com um novo exército de *sans-culottes*, — ou da anarquia brava daquele imenso e misterioso formigueiro humano começarão a espreitar cá para os lados do Poente perigos tão vagos, mas tão tremendos, que a Europa inteira sentirá calafrios na espinha, e a Hungria, a Bulgária, a Áustria, a Polónia, a Alemanha, primeiro ameaçadas, darão aos seus competidores ocidentais tôdas as satisfações que elles reclamem, a trôco de as deixarem abrigar-se do furacão de Leste.

A História tem dêstes caprichos. ¿ Quem sabe se o Futuro não começa a arredondar-se, agora que o Presente parece mais bocado ? . . .

VI

Novos aliados

Abril de 1917.

NA falta de informação segura, é apenas pela dedução lógica que poderemos formar qualquer juízo sobre a situação interna da Alemanha, ou sobre o estado psíquico do povo alemão. E, se o raciocínio nos não engana, deve supor-se, como já dissemos ao comentar a oferta da paz, que o povo alemão está horrivelmente cansado da Guerra e ansioso por gozar as grandes vitórias de que a chancelaria imperial não cessa de gabar-se.

Na Áustria estreia-se o reinado novo com sinais evidentes do desejo não só de se restabelecer a paz, mas também de restaurar o prestígio da soberania de Habsburgo, reduzida pela Guerra a uma espécie de suzerania de Hohenzollern. E o entusiasmo do povo pela guerra, se na Alemanha não vai alto, deve andar na Áustria-Hungria pouco acima de zero.

Ao cabo de quatro ou cinco anos de guerras consecutivas, os Búlgaros estarão com certeza desejosos de algum repouso e mortos por saborearem na paz o fruto das suas vitórias e conquistas recentes. No fundo, serão êles os primeiros a admirarem-se da muita sorte que teem tido, a acharem que não lhes convém puxar de mais pelo fiado, a sentirem rugir contra si próprios a hostilidade dos Sérvios, dos Romanos, dos Russos, dos Franceses, dos Inglêses. Se farejam da parte dos seus aliados alemães e austríacos sintomas claros de fadiga da guerra, podemos ficar seguros de que o partido da paz — da paz mais pronta, mais conciliadora e mais modesta—há-de encontrar na Búlgaria um sólido e sincero ponto de apoio.

Quanto à Turquia, que muitos consideram como o mais guerreiro ou o mais militarizado de todos êstes povos, ponhamo-la de parte, não só por isso mesmo, mas também porque não tem vontade própria e porque de-certo não tem sentido, nos últimos cinco anos de guerra quási contínua, uma desorganização muito maior do que aquela de que tem gozado em longos anos de paz...

Mas a fadiga já quási insuperável de Ale-

mães, de Austríacos e de Búlgaros arrebitou-se agora, com os acontecimentos da Rússia, num movimento instintivo de esperança. Ao saber que as comissões socialistas revolucionárias de Petrogrado reclamam a abertura imediata das negociações de paz, os impérios centrais receberam vida nova. Leiam-se extractos fidedignos da última sessão da Dieta alemã e ver-se há o cuidado unânime do chanceler, e dos deputados de todos os partidos, em captar mansamente e lisonjeiramente as facções avançadas da Rússia, suas novas e esperançosas aliadas.

No momento actual parece que a Guerra vai ser decidida pelos socialistas e anarquistas russos, ou no sentido da paz germânica, ou no da anarquia europeia.

VII

¿E a Rússia?

Abril de 1917.

O *Temps*, de 12 do corrente, vinha outra vez preocupado com a marcha da revolução russa. Com a marcha não: com as marchas, porque na Rússia há agora muitas, incluindo a *Marselhesa*, que é a única que vai afinada. As outras andam cada uma para seu lado, e são tantas, como os picos da rosa dos ventos; mas há duas principais: a do govêrno provisório, que desejaria seguir pela direita, e a do conselho de operários e soldados, que continua a puxar para a esquerda. Entretanto a Rússia, como é dos livros de física, está parada, visto que a puxam duas fôrças iguais e contrárias. E o mêdo do *Temps* é que puxem tanto, que a Rússia se parta em duas, ou mais; e que o Hindenburg engula depois num ápice cada um dos vários bocados.

Êste caso de revolução russa é muito interessante, porque veio pôr definitivamente

nas mãos de um formigueiro de muitas e desvairadas gentes, caos misterioso de raças, línguas e costumes — os destinos da humanidade inteira. O árbitro da Guerra não é hoje, nem o pode ser, a Gram-Bretanha, ou a Alemanha, ou a América do Norte. O árbitro da Guerra é a Rússia; e a Rússia, que até aqui pouca gente sabia o que era, ninguém hoje sabe o que ela é, e muito menos, a começar por ela própria, o que será amanhã.

Pode ser que dali saia um exército entusiástico e indomável, como o da Revolução Francesa — e então, adeus, Alemanha! Mas também pode ser que aquilo desate a pulverizar-se em Finlândias, Polónias, Ucrânias, Lituânias, e outras insânias; que do mistifório de bachareis, soldados, operários, gram-duques e judeus miúdos, estudantes e camponeses, socialistas, anarquistas e pacifistas, ideólogos e teólogos — venha a gerar-se um tal desgoverno e um tal emaranhamento de interêsses opostos, incapazes de assentarem numa fórmula de equilíbrio, que dentro em pouco a guerra civil, a fome, o frio e a peste sejam os verdadeiros e únicos soberanos de tôdas as Rússias. E nesse caso — adeus, Europa!

Talvez no fundo, não haja nada de mudado. A Alemanha, de qualquer maneira, com um exército russo disciplinado, ou com hordas russas esfomeadas e possessas — está igualmente perdida. E a Europa, desde que resolveu suicidar-se, queimando em meses o que em séculos construíra, reduzindo o oiro a fumo, transformando em podridão a sua mocidade, afogando no mar as riquezas que não podem ser arrasadas sôbre a terra — também não virá a endoidecer de espanto e mêdo, quando pelo seu solo devastado começarem a alastrar as ondas dos mansos bárbaros do Oriente, com as mãos vazias de espingardas, metralhadoras, obuses, granadas e empolas de gases asfixiantes...

VIII

A Rússia livre

Abril de 1917.

NA segunda página do jornal lisbonense *A Capital* encontrámos em 19 de Março o resumo de uma entrevista com o secretário da legação de França, Mr. Montille, ácerca da revolução moscovita.

Não podendo dizer ao jornalista nada concreto sôbre os factos actuais, em primeiro lugar porque os não conhece bem, e, depois, porque não se quer-comprometer, o diplomata contou-lhe a ignorância em que se encontra ainda hoje o povo russo, e deu-lhe um exemplo frisante: pôsto-que o parlamento democrático tenha já dez anos de idade, muitos milhares de russos não sabem ainda o que é a *Duma*, e julgam-na uma amante do Tsar.

Esta saborosa historieta é suficientemente instrutiva, e dispensa muitas leituras de história e de filosofia política, a quem quiser

saber quantos anos de lutas, e de dores, a Rússia, durando como está em extensão e unidade geográfica, teria ainda de sofrer, para gerar no seu bôjo enorme e caótico uma tolerável democracia.

Mas a fé sectária e o entusiasmo político são tão impenetráveis à influência calmante do raciocínio, que o mesmo jornal, aliás um dos mais desempoeirados da nossa terra, publica no mesmo número um vibrante artigo de fundo que se intitula *A Rússia livre*, e onde o enorme e tórvo império da ignorância, da corrupção, do fanatismo, da opressão, do alcoolismo, do misticismo, das conspirações, dos presídios e dos cárceres — imenso e disparatado caos meio europeu e meio asiático — nos aparece promovido em três dias a uma acabada e arrumada Utopia de cidadãos conscientes e livres.

‡ E a quem se deve, segundo o feliz e elementar articulista, a realização perfeita e súbita de um tal sonho, tão súbito e tão perfeito como quando, no teatro, uma floresta virgem se transforma em catedral gótica, ou um mar encapelado em palácio da Renascença?

Ele o diz, com a sua invejável fé, niveladora de montanhas: «O povo compreende

que chegou o momento da explosão necessária, e ela dá-se... Não é já a onda: é o mar, o mar da revolução, que não vai deixar de pé nenhum resíduo do passado... Aqui, como lá, foi o povo o grande artífice do progresso...»

O grande artífice do progresso, até aqui convencido de que a Duma era uma amante do Tsar, vai agora ver nela a manceba do Presidente da República. E assim caem por terra todos os resíduos do passado...

IX

Govêrno às avessas

Junho de 1917.

COM as desconfortáveis notícias que veem da Rússia deve ter-se evaporado, nas almas de tantos liberais e democratas que a revolução moscovita extasiou, aquela fagueira esperança de ver surgir a tempo, das vascas de um cataclismo político extenso e profundo, um exército melhor que o dos Tsares, apto a tirar da embriaguez da liberdade um espírito combativo indomável, como as legiões francesas de há um século.

A História não se repete, sobretudo quando lhe faltam de todo as razões ou as possibilidades de se repetir. Há cento e tantos anos não repousava a vida colectiva, como hoje, sobre o afinamento complicado de centenas de indústrias de produção, de distribuição ou de transporte. E a mecânica dos exércitos em guerra era um brinquedo de crianças, comparada à relojoaria técnica, delicada e enormíssima, universal e minuciosa, que

faz marchar e vencer as tropas de agora — milhões de soldados incapazes de acção ou movimento útil, se atrás dêles não estiver trabalhando na paz e na ordem um exército maior, e mais unido, de engenheiros, de financeiros, de administradores e de operários.

O país vasto e complexo, onde a convulsão política fêz succeder à paz cívica instável uma guerra civil declarada, e desenfreada, deixou de ser o elemento positivo dúbio e hesitante que sempre fôra, nesta guerra, para os seus aliados, e transformou-se francamente num valor negativo, insusceptível de mudar de sinal a tempo útil.

E' preciso, como diz o povo, *tirarmos dali o sentido*. E' preciso desejar agora, não a impossível reconstituição breve e rápida de um exército russo disciplinado, forte e capaz, mas outra coisa mais realizável do que isso e, já agora, mais vantajosa:

Se a anarquia das ideias, dos sentimentos e dos actos tornou irremediável por muito tempo, como parece, a decomposição do exército russo, que a sua obra destruidora prosiga então e se complete depressa e de todo, pela indisciplina, pela miséria e pela fome, transformando quanto antes em desespero o que foi organização, em fúria doida o que

foi fôrça inteligente, em bárbaros os que foram soldados e em hordas o que foram tropas. A Alemanha seria facilmente vencida, no dia em que tivesse de pedir socorro ao Ocidente contra a inundaçào da anarquia oriental. E, ainda que êste dia não chegasse a tempo, restar-nos-ia ao menos esta triste vantagem de se estar fazendo ao longe, e não perto de nós, a medonha e educativa experiênciã de um govêrno às avessas, em que os operários mandam nos engenheiros e os soldados mandam nos oficiais — começando, é claro, por mandá-los para o outro mundo.

Abyssus abyssum invocat

Julho de 1917.

KERENSKY, novo ministro da Guerra e da Marinha da Rússia, iniciou a sua magistratura, dirigindo às forças de terra e mar uma proclamação que começa assim:

— O meu primeiro acto como chefe das forças militares russas, é declarar a pátria em perigo.

Proferindo estas palavras graves, Kerensky atenuou no em-tanto a gravidade das últimas palavras oficiais do seu antecessor Gutchkof. Este, como é sabido, demitiu-se na aflicção de ver que a destruição das velhas formas da vida pública, determinada pela revolução, se efectua mais depressa do que a criação das formas novas. Ao despedir-se, declarou francamente que o poder militar russo se tem enfraquecido e desagregado, ferido do mesmo mal que atacou o país: o dualismo do poder, conducente à desorganização e à anarquia. Verberou em seguida a loucura

criminosa daqueles pacifistas para uso externo, que querem substituir a guerra ao estrangeiro pela guerra civil, ao grito de: «Paz na fronteira e guerra no interior!» E terminou assim o seu desalentado e amargo discurso:

— Há algum tempo era ainda lícito dizer-se que a pátria estava em perigo. Depois disso, porém, deu-se mais um passo para a frente, e hoje, pode e deve afirmar-se que a pátria se encontra já à beira do abismo.

¿ Quem não compreenderá a amargura dêsse pobre homem de boa vontade que se esgotou física e moralmente em dois meses de Govêrno, perorando em vão aos soldados ébrios de liberdade, para os convencer de que o seu lugar era a trincheira, e vendo-os fugir aos milhares em direcção às suas aldeias, na ânsia de assistirem à distribuição comunista das terras dos ricos pelos pobres ?

Alberto d'Oliveira foi companheiro de Gutschkof na conferência da Cruz Vermelha em Genebra, e viu nêle um homem doce e tímido, grave e competente, exalando simpatia e severidade. Tenho pena dêle, tenho pena da Rússia livre, ameaçada de ferir-se com a sua própria liberdade, como a criança

que se apossou de uma arma nova e difficil. Tenho pena de todos nós, aliados da Rússia e vítimas da Guerra, que nem na autocracia russa nem na democracia russa encontramos a fôrça com que contávamos, e com que devíamos contar, se a autocracia tivesse tido um pouco mais de competência para governar e a democracia um pouco mais de paciência para esperar...

...Contudo, não posso resistir a achar literalmente cómica, aplicada à Rússia enorme, a velha imagem da pátria *à beira do abismo*. A Guerra tem-nos mostrado muita coisa inesperada e imprevista; mas não creio que do seu sacco de surpresas possa sair, além do resto, um abismo capaz de engolir a Rússia sem estoirar de indigestão.

XI

Tenhamos paciência

Julho de 1917.

Não é possível, e não seria justo, nem sequer inteligente, encarar o caso russo como o caso turco ou o chinês. Na Rússia, desde Petrogrado à Sibéria e desde o Mar Negro ao Pacífico, desenrolava-se há longos anos a tragédia autêntica da Liberdade sufocada, com um martirologio pavoroso de grandes cabeças e grandes almas. Bastaria ter-se lido *Autour d'une Vie*, do príncipe Kropotkine, para se perceber o que era e é ainda a Rússia, hifen traçado entre a grande cultura do Ocidente e a grande barbaria oriental. A vitória da primeira, ainda que precária como é, e ainda mesmo que viesse a ser efêmera, justo é que nos dê uma sensação europeia, ou humana, de alegria e alívio; porque a revolução abriu ali prisões, incendiou tribunais e demoliu presídios onde eu e tu, leitor, haveríamos sofrido e morrido,

se tivéssemos cometido o crime de nascer na Rússia (do que Deus nos livrou) e de sermos (como somos) melhores por dentro do que ela era. Qualquer de nós, se fôsse russo, pertenceria por força à *Intelligentsia*, estaria preso ou emigrado à hora em que a revolução rebentou, e correria então o risco de morrer de alegria em homenagem à Liberdade, se não tivesse morrido antes na força, para descanso da Tirania.

Perdoemos, no em-tanto, àqueles que, preocupados agora com os destinos da liberdade do mundo, ameaçada pela Alemanha, pareceram ter saúdades da tirania tsarista, sacudida e quebrada pela Rússia. Êsses viram, e bem, que o novo govêrno de Petrogrado tinha de ser muito fraco para poder derribar ao mesmo tempo o tsarismo russo e o militarismo alemão. Perceberam que o tsarismo russo não caiu nos dias cíclicos de março, em que se viu abandonado pelo exército e pela própria dinastia, mas subsiste e subsistirá por muito tempo, sob formas epilépticas ou paralisantes, na expansão anárquica das forças sociais súbitamente apossadas de uma liberdade que não sabem manejar, e se pode voltar contra elas próprias e contra a liberdade do mundo.

Esperemos que não suceda assim, e sejamos optimistas. A revolução russa correspondeu já a beligerância norte-americana — e tão simpática e oportunamente, que até se disse que aquella fôra a condição *sine qua non*, imposta para que esta se desse. E os dois factos, quasi simultâneos, tornaram de repente a Alemanha mais excêntrica e exótica do que nunca, acossada por um mundo que a não entende, um mundo que de-certo tem razão, como manda o provérbio, e que de qualquer maneira achará fôrças para impor a razão que tem.

XII

Direitos do soldado

Agosto de 1917.

ARTIGO 32.º A continência militar obrigatória fica revogada, tanto para os indivíduos, como para os destacamentos. Para todos os militares, fica substituída a continência militar obrigatória por uma saudação recíproca, de sua livre vontade.

Como não sei russo, traduzo assim do francês este trêcho da ordem do dia do ministro Kerensky sôbre os *Direitos do Soldado*. E, tendo procurado fazer uma tradução absolutamente literal, desde já previno o leitor de que, onde escrevi *de sua livre vontade*, o francês diz *de leur propre gré*.

De sua livre vontade, *de motu proprio*, de seu próprio grado ou agrado, mais para aqui ou mais para acolá, tudo vem a dar na mesma, e tudo deixa no nosso espírito um mar de dúvidas sôbre a interpretação do artigo 32.º dos Direitos do Soldado.

A primeira dificuldade hermenêutica consiste em saber se esta sábia disposição *obriga* os militares a fazerem uns aos outros uma continência *voluntária*. Pela minha parte, fazendo apêlo ao pouco que ainda sei do nenhum Direito que aprendi em Coimbra, quanto mais leio o artigo 32.º mais me convenço de que a nova saüdação livre é positivamente obrigatória. A Lei manda que a velha continência seja substituída; para que ela o seja é indispensável fazer-se a nova saüdação; se esta se não faz, a lei não é cumprida; logo, a saüdação livre vem a ser, a final, obrigatória.

E assim é que deve ser, pois o contrário levaria ao absurdo. A nova saüdação é *reciproca*, modificação importantíssima ao velho uso, em que não havia reciprocidade, mas simples correspondência: o superior correspondia à saüdação do inferior, quando a via fazer, ou quando estava para maçadas. Agora nenhum espera pelo outro, e assim a reciprocidade decorre naturalmente da simultaneidade. O general, que não tem mais em que pensar, prepara-se para fazer a sua saüdação, mal vê um soldado ao longe; e faz isto com tôda a facilidade, ainda que não seja um génio militar, pois, havendo

tantos soldados e sendo estes todos iguais, a margem de erro é insignificante. Pelo seu lado, o soldado faz o mesmo com igual segurança, visto que um general não se confunde com qualquer outra coisa. E quando os dois se cruzam — zás! pás! — saúda de cá, saúda de lá, a coisa faz-se matematicamente, com simultaneidade, com reciprocidade, com liberdade, com igualdade e com fraternidade.

E' evidente que os generais miopes ou distraídos são muito capazes de não cumprir a lei com a precisão necessária; mas com tão más qualidades também não venceriam grandes batalhas, e então não há senão vantagem em os reformar a tempo e horas.

XIII

Esboroamento

Setembro de 1917.

UMA das mais importantes conseqüências externas da revolução de Petrogrado, foi a promoção automática da Itália a árbitro principal dos problemas adriático-balcânicos.

De um dia para o outro o imperialismo dos Romanof cedeu o lugar ao pacifismo dos Sovietes revolucionários; e ficou assim vaga a função de concorrência ou de equilíbrio que a Rússia exercia anteriormente, em face das pretensões austro-germânicas à hegemonia politico-económica no sudeste da Europa.

Passémos em claro o problema de discutir e averiguar se a nova Rússia tinha o direito de alienar de qualquer modo, e muito menos por doação gratuita, um conjunto de tradições de política externa que eram uma força e um património da Rússia antiga. Admiramos a coragem dos governantes de

facto, que assim se apressaram a deitar fora uma parte da herança recebida, sem esperarem pela decisão legítima do futuro govêrno de direito. Ou, melhor, não admiremos nada, desde que os ministros de um gabinete revolucionário, que a si próprio se intitula, e bem, de govêrno *provisório*, não tiveram dúvida em conceder *definitivamente* a autonomia *completa* à Ucrânia, que é, em quasi todos os sentidos, a Melhor Rússia, apesar de se chamar também Pequena Rússia. Desde que tão facilmente se subscreve a abdição do que era pertença russa antiga, valiosa e indiscutível, o abdicar de simples aspirações ou possibilidades balcánicas, jugo-eslavas e levantinas, poucas mi-galhas acrescenta ao barril do lixo.

O facto é que sempre aparece a tempo gente de juízo, para apanhar do chão o que os ricos, os estroinas ou os doidos deitam fora. A Itália não perdeu a boa ocasião de proclamar a independência da Albânia sob a sua maternal vigilância, e prepara-se para chamar seus filhos adoptivos aos Es-lavos do Sul, abandonados pela nova Rússia, desinteressada e idealista, a tôdas as intempéries do imperialismo germano-aus-tro-turco.

Nada se perde na Natureza, nem na Europa. E se a Rússia tem muito que perder, a Alemanha, por exemplo, não faltará competência para achar.

XIV

República Russa

Outubro de 1917.

COM a respiração suspensa e os olhos inúteis voltados para as bandas do Oriente, a Europa inteira esteve cinco ou seis dias a ver no que paravam as Rússias.

—;Korniloff encontra-se a quarenta *verstas* de Kerensky! proclamava um jornal.

—;Kerensky chegou a vinte *verstas* de Korniloff! gritava o mesmo jornal no dia seguinte.

E a angústia agravava-se, em muitas almas tímidas, pela ignorância total do que seja o tamanho das *verstas*, ao passo que os espíritos mais serenos confiavam ainda que, inventada para medir a Rússia imensa, a *versta* tivesse um comprimento susceptível de adiar, por bastante tempo, o embate medonho e fatal.

No em-tanto, êste embate havia de dar-se, por fôrça, mais dia, menos dia, com um es-

tampido formidável, uma explosão tremenda, que espalharia pelo ar os cacos das duas fôrças contrárias próximas a chocarem-se, um esmigalhamento de lettras arrevezadas, de KK, sobretudo, kaíndo komo metralha ígnea sôbre a Rússia kaótica...

—;Korniloff está já a dez *verstas* de Kerensky! berravam os fios.

—;Kerensky já vai a menos de cinco *verstas* de Korniloff! gemia e titubiava agora o último telegrama.

E a gente fechava os olhos, escondia a cabeça nas mãos, fugia a correr para as adegas, tapava os ouvidos, embrulhava-se em cobertores de lã, e rezava a Santa Bárbara um padre-nosso por *versta*.

.....

—Pum catapoff!

—Záz patatrensky!

—KKKKK!... KKKK!... KKK!...
KK!... K!...

.....

—O que foi? O que houve?...

—Nada de novo. Korniloff entregou-se, Kerensky casou-se; distribuïram-se milhares de metralhadoras aos anarquistas; nomearam-se ou elegeram-se mais dúzia e meia de governos e de parlamentos muito pro-

visórios; a pena de morte morreu outra vez; Riga foi tomada e Petrogrado vai ser evacuada; o trigo apodrece nos sítios onde se não morre de fome; os combóios não andam, as fábricas não fabricam; o exército democrático russo *avança* corajosamente para o Pacífico, e o exército militarista alemão *recua* pela Itália dentro, depois de ter deixado na frente russa um sufficientíssimo espantelho de afugentar pardais... ¡Ah! Esquecia-me dizer que foi proclamada a República Russa.

— Ora ainda bem que a coisa já tem nome!

A Rússia oferece o que não tem

Dezembro de 1917.

Os jornais franceses da semana passada, isto é: os mais recentes que se infiltraram até nós, pelas vias férreas engorgitadas de tropas, mostravam-se fundamentalmente preocupados com uma proposta de paz que o novo Govêrno Provisório de soldados e operários russos mandara a Berlim.

—|É preciso afastá-la com energia! gritava açodado o *Petit Parisien*.

Mas eu creio que não vale a pena afligirmo-nos. A Rússia desapareceu, e com ela todo o perigo de paz separada com a Rússia.

A Alemanha tem na mão a Lituânia, a Curlândia, a Polónia e terá da Rússia o mais que queira, com o único encargo de o conservar e manter. O que ela não pode obter

é uma paz regular com a Rússia, visto que não encontrará tão cedo diante de si ninguém com quem a negocie.

A Rússia já não existe, e, se ninguém pode prever quantos anos terão de rodar antes que ela ressuscite, todos poderão calcular que tem de ser longo e lento êsse trabalho de recolagem dos mil cacos em que a Anarquia a partiu; e o mais certo será que nunca mais a vejamos reassumir a sua grande e artificialíssima unidade anterior.

De todos os espectáculos trágicos que o esfacêlo da Rússia nos tem proporcionado, o mais trágico é talvez êste de meia dúzia de iluminados, de loucos e de selvagens, arvorados em governantes de uma nação que êles próprios destruíram, convencidos de que podem falar em nome de um sistema que êles reduziram a um caos, e apressados a oferecer ao resto do mundo uma paz que êles próprios não teem, nem tão cedo obterão.

Quando o mundo inteiro estiver já saboreando de novo os benefícios da tranqüillidade e do trabalho pacífico, ainda êsses imensos «campus ubi Russia fuit» andarão longos anos em cata de uma fórmula de equilíbrio e de paz, que substitua a que perderam.

E não há nada mais trágico, exactamente porque tem qualquer coisa de cómico, do que esta paz oferecida ingènuamente aos beligerantes por êsses desgraçados operários, soldados, camponeses, bacharéis judeus e mais palermas russos, que a si próprios se entregaram por tempo indefinido, mas longo, às Fúrias implacáveis da Invasão, da Conquista, da Servidão, do Desmembramento e da Guerra Civil...

XVI

Situação clara

Janeiro de 1918.

A SITUAÇÃO, na Rússia, continua confusa, proclamavam há dias, em letra gorda, as epígrafes dos jornais. E logo a seguir confessavam os telegramas que o caos e a anarquia se mantêm; que a guerra civil prossegue furibunda; que triunfam os cossacos no Sul; que são os maximalistas quem vence no Norte; e mil outras notícias disparatadas e contraditórias, por onde se vê, sem possibilidade de dúvida, que a Rússia perdeu de todo a paz, a ordem, a unidade, a cabeça, e a consciência de si própria.

Positivamente, não se entende nada do que se passa na Rússia, e isto quer dizer que a situação é claríssima, e que não há o direito, para quem tenha olhos, de a classificar de confusa.

Confusa era a situação do Império, nos últimos meses de tsarismo, quando o go-

vêrno parecia fiel aos Aliados e os vendia aos Alemães; confusos, os primeiros meses de revolução, durante os quais assistimos ansiosos à indecisa luta entre as fôrças instintivas da Ordem e as fôrças cegas da Dissolução.

Depois, foi-se a situação aclarando, e pelo simples facto de se não aclarar rápidamente. Cada dia ou cada mês que passava, mostrando a incurável e progressiva fraqueza dos elementos de unificação e de conservação, de ordem e de govêrno, ia empurrando claramente a antiga Rússia para os abismos escancarados da anarquia, da desordem, da destruição e da dissociação. E hoje a situação é claríssima, e tão evidente como a de um campo, onde se não distinguem senão ruínas, cadáveres, cinzas, ferragens hirsutas — confusão terrível e indescritível, através da qual uma criança compreenderia, ao primeiro olhar, que houve ali uma cidade, que sôbre ela raivou uma batalha, e que são precisos agora muitos esforços unidos, muitas energias concordes, muita inteligência disciplinada, e, sobretudo, muitos anos, para que de novo se reconstrua o que em poucas horas foi desfeito.

XVII

Kerensky e a Rússia

Dezembro de 1917.

KERENSKY...
Não me pesa na consciência ter medo algum dia qualquer coisa séria — fé, confiança, ilusão, ou mera expectativa — nas três sílabas deste nome bárbaro, mais fácil de tossir que de dizer.

Na ingênua credulidade dos homens, no seu orgânico e eterno sebastianismo, Kerensky foi durante meses o sucessor natural de Nicolau II e a viva encarnação da Rússia. Tão impotente como o seu antecessor coroado e taciturno, este palrador de comércios conseguiu, porém, muito menos do que êle, personificar e resumir em si próprio o disparatado e imenso formigueiro humano, a que o acaso das ebulições colectivas o fez presidir um instante.

Neste curto instante mexeu-se muito, mostrou-se muito, falou muito — e não fez nada. Tendo deitado abaixo um ídolo, sem querer e sem saber como, o povo precisou de outro

sem demora e achou aquele. O ídolo baço, depois do ídolo doirado; o ídolo falante, depois do ídolo mudo; o ídolo visível, acessível, em que se toca com o dedo, depois do longínquo, do oculto, do intangível; o ídolo humano, depois do ídolo divino — o pobre, ingénuo, imbecil e estúpido ídolo das religiões democráticas, convencido de que prende a si o povo por se confundir com êle, de que o segura dizendo-lhe a verdade, de que o arrasta pela convicção e pela solicitação, sem se lembrar de que a multidão só adora seguidamente a hierarquia, a mentira, a obediência e a fôrça!...

... Mais ingénuos do que Kerensky foi nestes três meses, mais desiludidos do que êle estará neste momento, só o poderiam ser ou estar os aliados da Rússia, se fôsem reais e sinceros os seus actos de fé na capacidade e no poder de um homem para deter, com discursos, a derrocada do Império e o suicídio do Estado.

E agora, que o inútil Kerensky se afundou no mesmo oceano que êle julgava poder engarrafar, não peçam para o seu lugar outro Kerensky, nem outro Tsar para o país que perdeu o fio da idolatria tsarista. A Rússia, ou aquilo que foi a Rússia, pertence

neste momento à turba anónima dos assassinos civis, dos incendiários políticos, das bestas feras que a anarquia desencadeou, e que só um pulso militar poderá refrear de novo, mais tarde ou mais cedo, quando a pobre gente esfomeada, orfanada, cansada do incêndio, da ruína, da miséria, da fome, da peste e da morte, ajoelhar agradecida diante das espadas, dos chicotes, e das fôrças que hão-de vir.

XVIII

Plus ultra

Março de 1918.

QUEM tenha estado até hoje convencido de que não há nada maior que o máximo — tire daí o sentido. E preparem-se também para mudar de opinião aqueles atrasados profissionais ou amadores de sociologia e de política, porventura anquilosados ainda na ideia caduca de ser o Anarquismo um superlativo das doutrinas anárquicas.

A Rússia, superlativo de nações, prepara-se para mudar tudo isso, pondo em prática uma superlativa invenção sua: o superlativo do superlativo. E' o que se deve concluir das últimas notícias vindas de Petrogrado, segundo as quais os anarquistas, contando com o apoio de doze mil homens armados, continuam a trabalhar para lançar mão do poder, *abatendo os maximalistas.*

Posta de parte a hipótese de acharem os

anarquistas que os seus rivais maximalistas foram já além do máximo, ou que à Rússia convém em-fim um governo menos anárquico do que ultimamente tem tido, somos chegados à conclusão oposta, e mais consoante à lógica das ideias e das palavras, de que a obra de Lenine não realiza o ideal da Anarquia dogmática e pura, sendo necessário apeá-lo em holocausto à doutrina e á genuinidade dos princípios.

Provar-se há assim que Lenine era afinal maximalista só no nome, e na realidade um político moderado, com ideias médias e tendências políticas medíocres. E, com efeito, o simples facto de se haver tornado universalmente conhecido o seu nome, permite supor e dizer que há um resto de ordem na sua obra desordenada, um resto de afirmação no seu afan negativista, e decerto muito de hierarquia e de personalidade na sua pretendida acção de democracia reforçada e de nivelamento pelo baixo. Lenine tem sido, no fim de contas, uma espécie de Tsar, com a sua *guarda vermelha* para substituir a dos cossacos, e tendo às ordens uma Sibéria maior que a do outro, visto que a Rússia inteira está transformada em presídio e em penitenciária de muita gente

pacífica e inocente. Até na desconfiança retrógrada da *Intelligentsia*, isto é, dos *intellectuais* ou dos letrados, o leninismo requinta o mau sestro do tsarismo, visto que noutro tempo deportavam-se os romancistas e os filósofos, ao passo que hoje mata-se nas ruas de Petrogrado a gente mal precatada que mostrou saber ler uma taboleta, e já se chegou ao cúmulo de trucidar alguns desgraçados que usavam óculos, e assim se tornaram suspeitos de terem adquirido a miopia a estudar livros.

XIX

França e Rússia

Abril de 1918.

A EXISTÊNCIA prolongada do governo anárquico na Rússia equivale à falência trágica de vinte e tantos anos de política e diplomacia francesa.

Viu a França na Rússia um colosso militar que podia crescer ainda mais com o tónico do seu capital, e ajudá-la depois um dia a vingar-se ou a defender-se da Alemanha. E, sendo um Estado democrático isolado entre as monarquias europeias, conseguiu preparar e proclamar uma aliança com o império absolutista e teocrático dos Romanof.

Esta habilidade política foi, deve dizer-se, poderosamente auxiliada pela força infiltrante do Ouro. A aliança híbrida, o casamento desigual entre a Democracia e a Teocracia, fêz-se à custa de muitos e muitos milhões de francos, que a economia francesa forneceu para constituir à plebeia *Ma-*

riana um dote que a tornasse digna de entrar na soberba família dos Gram-duques. Mas os Gram-duques eram afinal grandes estroinas, gastadores do seu e do alheio. O exército que êles deviam recrutar e armar de ponto em branco, com o dinheiro francês, falhou, fraquejou e desfez-se, mal municiado e mal disciplinado pela anarquia burocrática do tsarismo e dos Gram-duques. Anarquia tão funda e tão vasta, que, empalmado o Tsar por um gesto prestidigital que ninguém conseguiu ver de onde partia, logo o edifício de Tôdas as Rússias se desfez em Tôdos os Cacos.

Dezenas de milhões de homens a quem um homem só fêz tanta falta provaram ser, por isso mesmo, não uma nação, mas uma urbamulta. Deslocado o fecho da abóbada, ruiu a construção tôda num instante. E a França procura agora em vão, no entulho vil, os castelos que construiu no ar e a riqueza que espalhou ao vento.

Os dez milhões de Odessa

Abril de 1918.

A OCIOSIDADE é a mãe de todos os vícios. Estou absolutamente certo disto, e desde longa data, não por ter visto as respectivas certidões de idade, mas porque assim estava noticiado em lindas letras, nos modelos de bastardinho e cursivo por onde aprendi a escrever, na aula do sr. padre Francisco.

E agora posso acrescentar que a ociosidade é mãe, não só de todos os vícios, mas também de um círculo vicioso em que se encontram metidos, sem esperança de saída próxima, os bons burgueses de Odessa.

Nesta famosa cidade da antiga Rússia reñiram-se os operários sem trabalho (o que não lhes dá trabalho nenhum) e decidiram, por unanimidade também fácil, exigir imediatamente dos banqueiros, fabricantes e proprietários de bens imóveis, o pagamento de dez milhões de rublos. Se os burgueses

recusarem, os sem-trabalho dar-se hão ao trabalho (ora ainda bem!) de irem buscar êles próprios a casa dos burgueses a quantia reclamada.

E' evidente que os bons burgueses de Odessa acabaram por pagar. E os activos sem-trabalho (activos na caça ao rublo alheio, pelo menos) começaram a gastar em comida e em bebida, em vestido e em calçado, em botica e em cinema, o infame dinheiro burguês.

Entretanto, pouco a pouco, lentamente, seguramente e infamemente, os dez milhões irão passando das mãos honradas e calosas (?) dos sem-trabalho, para as garras aduncas do padeiro, do merceeiro, do alfaiate, do sapateiro, do boticário e de outros repugnantes com-trabalho. E um belo dia, não muito distante, os sem-trabalho descobrirão, com a maior das surpresas e a mais justa das indignações, que há outra vez burgueses gordos em Odessa, com os cofres a abarrotar de dez milhões de rublos, espremidos infamissimamente ao suor (?) dos sem-trabalho. Nesse dia ir-se hão de novo buscar os dez milhões aonde estiverem, e ficaria assim inventado ao mesmo tempo o moto-contínuo dos rublos, e a ociosidade

continua dos proletários. O pior é se o número destes começa a aumentar muito, não só por ser da natureza dos proletários fazer prole, sobretudo quando não tem mais nada que fazer, mas também porque a profissão de proletário sem-trabalho e com rublos, apetitosa e fácil como é, está destinada a grande concorrência.

O novelo do Bruxo

Maio de 1918.

LEMBRAM-SE da fábula do *Novelo da Vida* que Anatole France contou no *Jardim de Epicuro*?

Um bruxo deu a certo rapazinho um novelo, e disse-lhe assim:

— Aí tens o fio da tua existência. Os teus dias decorrerão vagarosos ou apressados, conforme desenroles lenta ou rapidamente este novelo; mas, em-quanto lhe não tocares, ficarás parado na mesma hora da tua vida.

A criança tomou, contente, o fio mágico, que logo desenrolou para ser homem. E, sucessivamente, desenrolou-o para desposar a menina de quem gostava; para ver crescer os filhos; para obter empregos, lucros e honras; para esquecer os desgostos, curar as doenças que a idade foi trazendo e, por fim, para acabar na morte uma velhice cansada. Tinha vivido três ou quatro meses desde a visita do bruxo...

Este pequeno, que gozou, sofreu e acabou, num curto trimestre, uma vida acidentada e longa, parece-se muito com a grande Rússia, sobre cujo cadáver enxameiam a esta hora as moscas da anarquia, por toda a parte aonde não chegam com as suas bicadas lacerantes os corvos da invasão e da conquista.

Ainda não há um ano que a Rússia, como a criança do conto, desenrolou o seu fio para ser primeiro um império liberal, e depois uma democracia burguesa, e uma república socialista, por último. Hoje, depois da revolução traidora, e da paz suicida de Brest-Litowsky, a Rússia ocidental é um longo rosário de colónias austro-germânicas, onde a Curlândia, a Lituânia e a Polónia não parecem mais apertadas pelos tentáculos do polvo, do que as pseudo-repúblicas independentes da Finlândia, da Estónia, da Livónia ou da Ucrânia; a Rússia central continua senhora de si mesma, isto é, escrava da anarquia e da miséria; a Rússia oriental aguarda a intervenção japonesa, que vem a ser, por outras palavras, a germanização amarela.

Há, porém, uma diferença importante entre a criança do conto, e a Rússia de Nico-

lau, de Kerensky e de Lenine: é que a Rússia já não era criança quando quis viver depressa. Adulta, mas pueril; crescida, mas atrasada, a Rússia não soube desenvolver-se normalmente, ou não teve quem soubesse educá-la para a existência normal. A sua puerilidade e o seu atraso entregaram-na sem defesa aos poderes enganosos do sonho e da quimera, ás forças mágicas que só actuam nos contos de fadas, contrariando, desmentindo e anulando a acção da natureza.

XXII

Os homens dos sacos

Julho de 1918.

UMA das grandes regiões agrícolas da Rússia tem cêrca de um milhão e meio de habitantes — um terço dos quais se emprega actualmente a acarretar farinha em sacos.

É sabido que na ditosa República Operária e Camponesa não funcionam já os combóios senão para transportar soldados — soldados que fogem dos Alemães e dos Checo-Eslovacos, mas avançam corajosamente contra os Russos. É sabido também que na Rússia se encerraram tôdas as fábricas — menos as que produzem munições de guerra, indispensáveis ao soldado russo para matar o paisano russo. É sabido, em-fim, que, expropriadas as terras aos seus antigos donos e dadas aos antigos servos, êstes, habituados a semear por ordem alheia, não são capazes de aprender a semear por vontade própria. E de tudo isto resulta que

na Rússia se morre a esta hora de fome, quando se não morre de bala.

Felizmente, o instinto de conservação é muito forte, e nas regiões mais tranqüilas lá se vai, apesar de tudo, semeando alguma coisita e recebendo a tiro os soldados soviéticos, que aparecem a requisitar trigo para as províncias mais doidas, onde se não semeou coisa nenhuma. E é nessas regiões relativamente ajuizadas e felizes, que apareceu e floresce hoje em dia a profissão numerosa e nova dos *homens dos sacos*.

Os homens dos sacos são a gente mais válida, mais trabalhadora e melhor da velha Rússia desfeita: antigos operários cujas fábricas pararam por falta de direcção inteligente; antigos ferro-viários fugidos às suas estações e linhas férreas, ocupadas agora pelos bandos de assassinos fardados, antigos lavradores, emigrados das regiões onde já se não lavra; antigos soldados fartos de ver matar o pobre povo sem saberem porquê nem para quê...

E os homens dos sacos lá vão percorrendo a pé distâncias enormes, carregados de trigo ou de farinha, e evitando o encontro com os guardas-vermelhos de Lenine, que os perseguem para os despojar. Saü-

dosos ainda das suas antigas profissões, encaram no em-tanto com coragem as dificuldades da nova, muito mais perigosa e mais dura.

Com os seus sacos às costas, em-quanto outros carregam ainda as espingardas e metralhadoras homicidas, são êles a esta hora os verdadeiros heróis da pobre Rússia agonizante. São os mansos e úteis portadores do sustento e da vida, no caos tremendo onde a fome, a peste e a morte consumariam em breve, se não fôsem êles, a sua obra de aniquilamento.

Bem-aventurados os que vergam as costas sob os erros de ontem e de hoje, porque levam nos seus sacos a ressurreição de amanhã. ¡E as portas infernais da Desordem não prevalecerão contra êles!

XXIII

Quanto vale um general na Rússia

Setembro de 1918.

Poucos dias depois de ter sido assassinado em Moscovo o pretor von Myrbach, appareceu na Embaixada Imperial o camarada Tchitcherine, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Proletária Russa, e transmitiu ao Encarregado de Negócios da Alemanha esta comunicação official:

— Foram já fusilados duzentos socialistas revolucionários, havendo tôdas as probabilidades de se encontrar entre os mortos o principal instigador do atentado. As averiguações continuam.

A noticia era escrupulosamente verdadeira, pelo que respeita ao número dos executados em homenagem ao prestígio alemão. Mas era falsa na sua segunda parte, visto que o prin-

principal instigador do atentado (que aliás era uma mulher, Madame Spiridovna) conseguiu fugir, e continua de perfeita saúde.

Fôra, pois, de duzentos cadáveres russos (até aquela data) e não apenas de cento e noventa e nove, como tinha calculado modestamente o ministro proletário, o *bonus* de consolação e de vingança, oferecido à Alemanha, em troca da preciosa cabeça do seu representante em Moscovo. E por aqui se vê o alto preço que atinge, na mais esfarrapada e descalça das democracias anti-militaristas, um barão medieval, bem luzido de medalhas guerreiras e bem calçado de botas e esporas.

Não há motivo sólido para desconfiar da exactidão da balança, visto que o seu fiel é o camarada Tchitcherine, comissário do povo. Se, para igualar o pêso do brilhante cadáver alemão, êle já tinha deitado no outro prato duzentos corpos sombrios de operários e camponeses russos, e prometia continuar — a conta deve estar certa, ou deve supor-se, visto que a fez um comissário do povo, que o êrro, se o houver, terá sido a favor do povo.

‡ Quanto valerá, pois, trocado em miudos, na moeda de camponeses e operários livres,

soberanos e anti-militaristas, um reles general burguês ou aristocrata ao serviço do capitalismo infame ?

Não saberíamos responder desde já a esta pergunta com um número certo e definitivo, visto que o comissário do povo Tchitcherine ainda não conseguiu acabar a sua aliás já longa contagem. Mas, pode afirmar-se, sem esperar pelo fim do cálculo, que o povo russo paga por bom preço cada exemplar de general que a Alemanha lhe mete em conta. E também se pode prever que dentro de muito pouco tempo terá aprendido perfeitamente, sem nenhuma espécie de hesitação ou de dúvida, que os generais russos lhe ficavam mais baratos — apesar de muito roubados no pêsso, e na qualidade.

XXIV

O Homem — lobo do Homem

Post-scriptum, Dezembro de 1921.

ABSOLUTAMENTE em nada alterámos, a não ser em miúdezas formais, o que durante a Guerra escrevêramos e publicámos de comentário leve sôbre ela, comentário destinado sobretudo a entreter e, quanto possível, a divertir, um largo círculo de leitores de jornal.

Profecias falhadas, reflexões irreflectidas, paradoxos, erros, ou simples jovialidades mais ou menos infelizes, tudo se reuniu e publica agora, tal qual foi saindo cada dia do primeiro jacto, omitindo-se apenas o que após nova leitura nos pareceu literariamente inferior, ainda à média da nossa fraca possibilidade, e menos digno, portanto, de ser reproduzido em volume.

Mas, bem feitas as contas, é será digno de tal reprodução aquilo mesmo que se repro-

duz?... Francamente, sem falsa modéstia, creio agora que o não é; e sinto-me arrependido de haver provocado a luxuosa trasladação. Melhor fôra ter deixado tudo isto na vala-comum de esquecimento em que jazia, e onde por certo viria a desfazer-se em pó e em nada, silenciosamente e mais depressa, se o pobre Autor não fôsse pobre.

Diz um amargo provérbio português que *a rico não peças, e a pobre não prometas*. O Público de língua portuguesa tem recebido com simpatia outros trabalhos meus, tão fragmentários e improvisados como este é, e como tem tido de o ser, por culpa dos baldões da sorte, ou por incapacidade subjectiva de se aplicar em tarefas mais úteis, uma actividade literária sempre ou quasi sempre ligada ao jornalismo de Portugal e Brasil. O Público promete assim, de modo implícito, que comprará o presente livro, como comprou os anteriores. E o Autor edita-o, principalmente, para que o Público lho compre. Tendo escrito para ganhar a vida, transcreve para ganhar a vida. A vida está cada vez mais difícil, e a fome continua, como se vê de mais este exemplo flagrante, a ser muito má conselheira...

Mas, convém ser justo — ao menos comigo mesmo. A opinião pública é fidalga, e vai considerar sórdida esta atitude de um homem de letras pronto a confessar, sem que ninguém lho pergunte, que escreve e publica para auferir o sustento, e não, como mandam os Cânones, para ganhar a imortalidade.

A' fidalguia da opinião dá o Autor de barato a sua sordidez, pedindo, todavia, em troca, que lhe não marralhem o encarecimento da modéstia que esta sordidez representa. Digam então: «O homem, coitado, só quer os cobres; mas confessa, por isso mesmo, que não merece nem apetece o bronze; quer viver, não quer perdurar; pede o pão — e dispensa a estátua.»

É isso mesmo. Mas, há um *mas*: há uma vaidade, mal solapada em tanta modéstia — umã vaidade em parte semelhante à do homem curioso e inútil que emprega mil se-rões a construir um belo navio, com miolo de pão ou aparas de cortiça, e ao cabo expõe o seu pueril trabalho de anos na loja do amigo ou do vizinho.

Vaidoso do seu talento, êste homem mostra aos outros apenas a sua inocência. Eu mostro, como êle, a minha inocência; sinto-me, porém, vaidoso, não da obra que fiz, senão do trabalho que ela me custou.

Êste livro, e outros que o precederam, como outros que se lhe seguirão, representam para mim nove anos de heroísmo cotidiano e miúdo, gotejante e insistente — e é por isso que eu os amo, e só por isso que êles me envaidecem.

Em 1911, afastado do alto lugar que ocupei quatro anos na Administração Pública, e onde tenho a consciência firme de haver prestado ao país e ao povo bom e honrado serviço, aceitei — para curar as feridas que nas minhas finanças deixara a absorção total no exercício daquele cargo honroso, mas mal remunerado, assim como para arredondar os parcos vencimentos de professor oficial, que então voltara a ser — o labor literário que se me oferecia, por intermédio e amizade de Jaime de Ségurier, de Alberto d'Oliveira, de José Carlos Rodrigues e de Bento Carqueja. Era um trabalho dispersivo, fútil, e muito português, no sentido dêste sestro infeliz que teem os Portuguezes, de esvair em conversa, em *cavaco* e em

piada, as suas faculdades e energias. Como porém o meu país me não incumbira de outro labor mais útil ao comum, de-certo por adivinhar com razão que eu o não saberia fazer, aceitei êste, que aliás se me ofereceu primeiro e principalmente do Brasil, que não de Portugal. Aceitei-o, e procurei executá-lo o melhor que pude, fritando dia a dia os miolos, pontualmente e assiduamente, durante nove anos da melhor fôrça da vida, fazendo de caturra inofensivo ou de honesto palhaço, ocupado a divertir os outros para sustentar os meus.

Prestando-se agora a ocasião para concentrar em volumes o suor do meu rosto, espalhado e perdido em jornais — é natural que a aproveite. E' um defeito a vaidade; mas a vaidade do trabalho chega a parecer virtuosa, num tempo e num país onde tanto se ostenta o impudor da ociosidade.

Para que o *post-scriptum* não fique maior que a carta, evitarei pôr aqui quaisquer erratas às mínguas ou erros de visão, por mim cometidos ao comentar os factos da

Guerra. Quero, porém, dizer algumas palavras acêrca de dois ou três aspectos da revolução russa, cujos incios leve e levianamente comentei, com pesada mentalidade beligerante, e mal sabendo o que na Rússia se passava.

É certo que essa revolução leva já a esta hora quatro anos de carreira, e que o mundo inteiro, impedido de ver pela distância, e impossibilitado também de julgar, pela contrariedade irreductível das informações secretárias que lhe fornecem — está ainda hoje sem saber ao certo o que se passa na Rússia.

Há porém uma coisa que lá se não passa com certeza, e vem a ser a instabilidade do govêrno. *Tout passe, tout lasse, tout casse*, na Rússia, e mais ou menos em tôda a desconjuntada máquina do orbe social. Mas Lenine, Trotski, Chicherine, para só falar dos mais conhecidos, mantem-se há perto de cinco anos no poder, dando ao mundo um exemplo de continuidade governativa, que só pode ser dispensado a esta hora, creio eu, pela livre e sensata Inglaterra.

Quem, como o Autor, considera o govêrno dos povos uma natural fábrica de asneiras, não pode deixar de envejar à Rússia livre o

ter-se livrado da governação caleidoscópica dos ultimos tempos do Tsarismo, só comparável ao fandango epiléptico da nossa deliciosa democracia portuguesa.

Diz-se que o govêrno bolchevista tem cometido erros, e até que o seu chefe já o confessou honestamente. Confissão pleonástica, essa, para quem concorde que governar e asneiar são sinónimos. O mais que pode exigir-se do melhor govêrno é que vá emendando as asneiras que faz; para isso, começemos por deixá-lo durar. Governos novos fazem asneiras novas, e deixam medrar as antigas. E a velhice, no individual como no colectivo, não é senão aquella sábia e fecunda parte da vida, em que a gente tem experiência, competência e interêsse, em emendar as tolices que praticou na mocidade.

Mas ¿ para onde vai a Rússia, e que lições nos dá a sua revolução formidável ?

São variadas essas lições, mas há entre elas uma muito oportuna, que é a dedicação cívica de grande parte dos dirigentes actuais.

¿Não será ela o segrêdo da continuidade do actual govêrno?

«A Rússia está sendo dirigida pela ditadura de um partido, dentro de outra ditadura: a do proletariado *das cidades*. Êsse partido ditador é o *comunista* e tem abdicado pouco a pouco, à medida que se mantém e firma no poder, de quási todos os seus ideais teóricos primitivos. Anarquista em princípio, sonhando a organização cooperativa da sociedade, sem compulsão e sem leis, estabeleceu afinal uma administração fortemente centralista. Contrário em teoria ao militarismo, organizou um poderoso exército e mantém nas suas próprias fileiras partidárias obediência e disciplina militares. Pretendia abolir o patronato na indústria, considerando arbitrária tôda a autoridade individual, e teve de pôr à testa de cada fábrica um director nomeado pelo Estado. Incluindo no seu programa a abolição da propriedade privada e do comércio livre no interior, cedeu às exigências dos camponeses, naturalmente hostis ao comunismo, e permitiu a livre troca individual de produtos entre o campo e a cidade. Adversário do capitalismo, convida o capital estrangeiro a tomar concessões na Rússia, cedendo-lhe

a propriedade e o juro dos meios de produção...» (1)

Não surge em tudo isto nada de novo ou surpreendente, para quem sabe que na luta das ideias com as realidades são estas quem sempre vence; e que não há no esforço humano possibilidade de elevar a baixa natureza do homem normal aos cumes, sobre que paira a inteligência, a esperança, a fé ou o desejo, do homem idealista e optimista.

Faliram portanto as teorias, porque tinham de falir. Vejamos agora se no naufrágio da Razão o Carácter se salva; examinemos se no caos ou no inferno que a inteligência provocou, com a sua louca pretensão de reinstaurar o Paraíso terrestre, brilha qualquer scintilla de grandeza moral.

As notícias mais recentes, e menos inquinadas de pessimismo ou de hostilidade, que poderíamos procurar a respeito do estado

(1) V. *The New Republic*, n.º 356, Nova-Iorque, 28 de Setembro de 1921, artigo intitulado *The Type which rules Russia*, por Moissaye J. Olgin.

actual, político e económico, da Rússia — fornece-no-las a revista americana *The New Republic*, que se publica em Nova-Iorque (1). *The New Republic* não é um órgão da finança francesa, à pesca do reconhecimento da dívida externa do Império por parte da República Soviética; não é um porta-voz do imperialismo comercial britânico, manhoso em arrancar à ditadura do proletariado chorudas concessões de minas ou florestas: é, muito longe disto, um jornal de ideias, revolucionário, mas idealista, que sempre encarou com simpatia a revolução moscovita. Parcial a favor desta, ilude-se e ilude-nos por certo, como em sentido contrário nos iludiria fatalmente um órgão dos gram-duques, desapossados e trucidados. Descontemos do que nos diz o Norte-Americano o por cento de ilusão que quisermos: a res-tea de verdade que fique será ainda para nós, hoje, uma grande lição moral. E em toda a lição moral o que mais importa sempre é o sentido com que ela é dada, e não o facto donde partiu.

(1) Vejam-se, por exemplo, os n.ºs de 29 de Junho, 10 de Agosto e 26 de Outubro de 1921.

«Ser comunista na Rússia (diz o Norte-Americano) não é apenas um privilégio, senão também um dever esmagador. É sabido que os dirigentes do partido, dezenas de milhares dêles por tôda a República, se estão adoentando e até matando a si próprios, à fôrça de trabalho.»

«De Baku a Petrogrado, de Smolensk a Ecaterinenburgo, cada um tem de partir para os confins do país, mal receba um telegrama do conselho central do partido. E a própria escolha da tarefa não lhe é livre. Hoje pode ser chamado a organizar uma unidade do exército, amanhã terá de comparecer num conselho económico, depois há-de orar num comércio ou conferenciar numa escola. Para isto é indispensável, naturalmente, um enorme cabedal de conhecimentos, e o comunista é ávido de instrução e de leitura. Há de-certo falsos comunistas, ou comunistas comodistas, e até corruptos; mas não são êsses que dão o tom aos agrupamentos partidários, e êsses mesmos são forçados a executar as ordens do partido, seja qual fôr o espírito com que estão nêle.»

(Convém lembrar que muitos d'êstes militantes, que aqui se chamariam *históricos*, são gente educada, não, por exemplo, nos cafés revolucionários e no parasitismo ocioso de repartições inventadas para os albergar, mas em verdadeiras escolas secretas de revolução construtiva, nas prisões que se chamavam no tempo do Tsarismo *universidades da Revolução*, porque os presos políticos se educavam e instruíam aí uns aos outros, o mesmo fazendo nas remotas aldeias siberianas para onde os desterravam, e onde o exílio não durava nunca menos de três anos, e por vezes chegava até cinco—o prazo normal de uma verdadeira formatura).

«Os comunistas dirigentes russos estão sujeitos a uma apertada regra militar. Muitos d'êles abrem de manhã o seu jornal e aí lêem a respeito de si próprios:»

«*O camarada Fulano fará esta noite uma conferência aos operários de tal fábrica.*» E nenhum pensa em discutir ou contestar a ordem, embora a conferência tenha de ser feita a algumas léguas do sítio onde reside.

«Em Setembro e Outubro de 1920, no auge da guerra contra Wrangel, era agudíssima

a crise militar. Não estava ainda fechado o armistício com a Polónia, e o general dos Brancos ia ganhando terreno para o Norte e começava a ameaçar a Ucrânia, fazendo retirar desordenadamente as tropas vermelhas. Foi então que o conselho central executivo do partido, que é de facto o supremo governo da Rússia actual, ordenou aos seus adeptos que corressem às fileiras. Dezenas de milhar de comunistas acudiram de todo o país à frente de batalha, e logo se puseram na primeira linha de fogo, levando consigo a vontade comunicativa de vencer, levantando os espíritos à soldadesca que fugia, e conseguindo por fim deter e rechazar a onda contrária.

«Na paz como na guerra, deixa-se o comunista russo mobilizar dócilmente pela direcção do partido, acorrendo às *frentes* internas, para combater com entusiasmo e dedicação a fome, a deficiência industrial, a ignorância, a epidemia.

«Sentindo-se responsável pelo bem da nação, porque é o seu partido sozinho que governa, o partidário comunista aceita de bom grado a carga dos deveres que essa importância lhe impõe. E tal carga, tremenda, não se limita à obrigação permanente de pegar em armas para defender a

revolução.» (Nem é compensada, após cada serviço, com um *Diário do Governo* de trinta suplementos, instituidor de pensões, gorjetas, subsídios, pseudo-repartições, escolas fingidas, conesias, indenizações e ociosidades à custa do comum).

«E' obrigatória para êle a assistência às reuniões polítics; a realização de conferências instrutivas; a participação em campanhas cívicas de tóda a natureza. Obrigatória e gratuita — notem bem. E tudo isto somma-se ao trabalho diário normal de cada um como operário ou funcionário, sem falar das tarefas manuais duríssimas, que todo o comunista é obrigado a fornecer, ao menos quatro horas por semana, como varrer as ruas, carregar vagões e limpar as estações de caminho-de-ferro.

«Tal se mostra a fibra moral desta gente, de quem o próprio partido exige um alto padrão de moralidade, verberando com rigor o mau procedimento e castigando os crimes severamente. E, se no fundo o comunista pode não ser mais idealista e mais desinteresseiro que qualquer outro cidadão russo, certo é que a sua mesma situação reclama dêle maior esforço, mais duro sacrifício e um porte mais exemplar.

«Fôrça enormíssima, este verdadeiro exército de seis ou sete mil administradores e militantes decididos constitui uma organização apertadamente centralista, cheia de fé e confiança recíproca, obedecendo sem murmúrio às ordens recebidas, precipitando-se com ímpeto contra todo o obstáculo, crente na absoluta justiça da sua causa, e *convenida de que nada lhe é devido, e que ela, por seu lado, tudo deve ao bem do povo.*

«Semelhante organização impõe respeito. E se o cidadão russo estranho a ela, malicioso ou scéptico, diz por vezes que o comunista *não é melhor do que qualquer de nós*, essa mesma asserção implica o reconhecimento inequívoco de que o comunista militante russo obedece a um código mais alto de deveres cívicos...»

Assim falou o Norte-Americano comunista, ou amigo dos comunistas. Eu, pouco mais fiz do que traduzi-lo gramaticalmente para português, e peço agora ao Leitor que faça para seu uso a respectiva tradução moral...

! *O homem, lobo do homem* — coisa amarga e terrível, certamente! Mas *o homem, rato* ou *piolho do homem*, como se tem visto entre nós há uns poucos de anos — irrita e enoja como coisa imunda e vil. E não esqueça que o *piolho* e o *rato* vão chocando o *lobo*, à medida que a Fome toma posse do pobre país onde a Política se sustenta sôbre as muletas pôdres da ociosidade e do parasitismo.

Portugal, país das revoluções inúteis ou contraproducentes, das revoluções de *pioelhos* e de *ratos*, quer fazer — e não sabe — a revolução necessária e mais justa: a dos carneiros que trabalham, populares ou burgueses, contra o lobo que engorda a devorá-los.

Esse lobo é o velho comunismo nacional — o que vive não para o comum, mas do comum, ao envés do que nos dizem ser, tão poéticamente, o actual comunismo russo. Fidalgo desde os confins da Idade-Média, fradesco na decadência da Igreja, aventureiro e pirata na Renascença, liberal com o Constitucionalismo, ateu e «avançado» na República, é sempre o mesmo devorador, com os dentes cada vez mais agudos e as garras cada vez mais encurvadas.

Cada portuguez que trabalha tem de sustentar com o suor do seu rosto, além da mulher e dos filhos, uma ou mais células do organismo dêste monstro estéril e voraz. E o pão nosso de cada dia vem-nos roubado no pêso, porque já lhe falta a talhada que se destina ao escalracho incapaz de produzir flor ou fruto, couves ou ideias sãs, beleza, riqueza ou utilidade.

Dragão de ventre obscenamente grande, as suas cabeças são mil. O político sem ideais, o estadista sem competência, o burocrata sem repartição, o mestre que inventou ou fêz inventar a escola para seu uso, o operário que deixou o ofício para se fazer polícia ou fiscal, o estudante que só estuda para parasita futuro, o estadeador boçal de riquezas mal ganhas, o homem público atascado em negócios particulares, o bato-teiro da roleta e o da Bôlsa, o prestidigitador financeiro de negócios fantásticos, o baixo ruffa de melenas que vive à custa da amante e o outro, o menino de *gabardine*, que se julga no direito de vadiar porque é rico; o Palma Cavalão da Imprensa e o panasca ou lambe-cricas da Literatura; o «trabalhador consciente» que quer fazer cada vez mais cera e comer cada vez mais mel; o

revolucionário de profissão e de gorjeta, rufia da pécora política; o funcionário fardado ou paisano que come da sua função e a atração: — todos estes e outros semelhantes desgraçados que nos desgraçam, inconscientes quasi todos do mal que fazem, alheados da alegria do trabalho criador e fecundo, decaídos da humanidade livre e nobre que consigo traziam ao nascer, são filhos e são vítimas de uma educação e de uma política invertidas, envenenadoras da intelligência, abolidoras da vontade, deturpadoras do sentimento, por cuja culpa o portuguez colectivo está transformado neste bicho inqualificável, e raro na zoologia das nações, que não é idealista nem pratico, e caminha como doido cego para a ruína e para a escravidão.

A isto o levaram anos seguidos de uma política de mentiras, que a desmoralização crescente foi transformando em política de interesses, e por último degenerou em política de crimes.

Foi essa política que nos engajou para a Guerra como sonâmbulos ou pândegos, e nos fez sair dela arruinados e revoltados, apesar de vencedores. Foi ela quem apagou hipòcritamente do códigos os últimos ves-

tígios inocentes da pena de morte legal, ao mesmo tempo que instituíra a impunidade do assassinio político nas ruas. Foi ela quem transformou em manicómio um país bem-fadado da natureza, onde haveria sido fácil defender e manter uma boa unidade nacional. Foi ela quem se apresentou proclamando a Ordem, a Paz, o Trabalho, a Instrução, e só soube mostrar-se desordeira, belicosa, parasitária e corruptora. Foi ela que, não só perdeu o tempo e a oportunidade que teve para operar na escola a revolução construtiva, mas fez pior do que isso, porque abandonou e envenenou a Escola, fazendo dela, como nunca antes (à parte meia dúzia de excepções, precárias ou inúteis na sua pouquidade) um instrumento de anarquia mental, moral e social, de crasso materialismo, de parasitagem cada vez mais numerosa. Foi ela que, dificultando gradualmente, pela estupidez governativa e pela desordem nos espíritos e nas praças, o trabalho e a própria existência aos milhões de portugueses que ainda trabalham, em tôdas as classes, afugentou para fora do país os capitais, desanimou as sãs e úteis iniciativas económicas, afogou Portugal no descrédito financeiro externo e do mesmo passo o entregou

cá dentro à ganhuça desenfreada, natural moradora de tôdas as águas turvas.

Assim se desnortcou o pobre povo simples, atirando-o, revoltado e esperançado, para os partidos da extrema-esquerda, tão burgueses no seu pessoal maior, tão incongruentes, e portanto tão insociais, nas suas pretensões políticas, como as direitas e o centro.

Anarquistas, socialistas, sindicalistas, comunistas, não sabendo cada um nitidamente o que quer para amanhã, estão hoje concordes em deitar *isto* abaixo — *isto* e mais do que *isto*. E sentem-se ajudados pelas próprias fôrças de *ordem* que a política invertida julgou organizar na desordem; e por detrás dêles forma o pulo a velha fera primitiva, a que vem das cavernas com o instinto brutal do sangue e do saque, animada aliás pela mesma política invertida e suïcida, instituidora da impunidade escandalosa dos assassínios e dos latrocínios.

¿ Para onde vamos, por êste caminhar?

¿ Para a formação de uma nova classe dirigente, sôbre o suïcídio e o cadáver da antiga?...

Aqui vem inserir-se naturalmente outra instrutiva lição da catástrofe russa. E o mestre que no-la dá é o mesmo insuspeito Norte-Americano, que acima nos desenhou um retrato tão simpático dos actuais governantes moscovitas.

Transcrevemos atrás o que êle quis dizer-nos, do que viu nos seis meses que esteve na Rússia. Observemos agora aquilo que a mesma testemunha nos ensina...
sem querer :

«A Rússia está sendo governada pela ditadura de um partido, dentro de outra ditadura: a do proletariado *das cidades*.» (1)

Já não é, pois, a ditadura do proletariado *em geral*, do *proletariado*, sem mais nada. E tanto monta dizer *proletariado das cidades*, como *proletariado burguês*, visto que *cidade* e *burgo* são dois sinónimos, um latino e outro germânico, significativos de um só objecto: o agrupamento urbano, constituído pelos Romanos como associação de *cidadãos*, e edificado na Idade-Média à sombra do *burgo* protector.

(1) V. acima, pág. 282.

Tudo isto, porém, não passa de palavras, símbolos abstractos, jogos ou manhas profissionais de mestre de línguas. Vejamos antes os factos:

«Tem boa índole o novo intelectual, mas é susceptível de se tornar fero. Respeita a personalidade alheia, mas mostra-se implacável com os inimigos. E' de enveja, e ao mesmo tempo de desprezo, a attitude que assume perante a antiga *Intelligentzia* (1): enveja a facilidade com que ela meneia as ideias gerais, para êle transcendentés; enveja-lhe o saber teórico e prático accumulado. E êste sentimento é talvez mais corrosivo do que o azedume que nêle provocava anteriormente o luxo material... Insaciável na sua avidez de conhecimentos, é estu-penda a energia com que domina os obstáculos mentais e materiais. E a sua curiosidade intelectual não se limita aos assuntos próprios da acção prática: procura assimilar quanto pode da antiga cultura que a burguesia criou. Num certo sentido, está

(1) Assim dizem os Russos para designar as classes letradas, ou aquilo a que nós aqui chamamos, quasi sempre por favor, *os intelectuais*.

passando pelos mesmos trâmites de evolução que a burguesia percorreu outrora: lê os clássicos com sofreguidão; fascinam-no as obras de Shakespeare, de Molière e de Schiller; frequenta os museus de pintura, onde sobretudo o atraem os quadros de tema romântico; adora o teatro declamatório de Moscovo, desdenhado pela entediada *Intelligentzia* antiga, como arte fora da moda; enche os gabinetes de leitura, assim como os cursos nocturnos. E não faz tudo isto sem esforço, antes com viril decisão e grande espírito de sacrificio». (1)

¿ Que importa que, sem coragem para pegar o boi de cara, o Norte-Americano chame a esta gente enérgica a *Nova Intelligentzia*, se as feições com que no-la pinta são claramente as de uma nova burguesia?

Não parece fácil prognosticar desde já o destino desta nova burguesia, porque as condições do seu advento são difíceis. Convém lembrar que na Rússia não houve há quatro anos uma revolução só, mas duas revoluções simultâneas e antagónicas: a revolução comunista das cidades, e a revolu-

(1) *The New Republic*, 28 de Setembro de 1921, pág. 135.

ção individualista dos campos. E, se esta última já pôs uma importante errata à primeira, forçando-a a admitir a detenção individual do excesso das colheitas e o seu livre negócio particular, semelhante derrota do comunismo urbano, fatal às ideias e doutrinas da nova burguesia, não se figura hostil à sua existência e ao seu progresso. Pelo contrário: ela se adaptará afinal, como faz todo o organismo que tem em si, para opor aos obstáculos ambientes, um forte princípio de vida. A vida, ao que sempre se tem visto, é muito mais viva que as ideias.

•
• •

Ora, pois: meditando um pouco o que se enxerga da Rússia, e evitando o êrro grave de abstrair Portugal do que se sente fermentar por todo o mundo, pode conjecturar-se o seguinte:

Que as nossas classes dirigentes não quiseram, ontem, seguir o conselho dos que lhes prêgavam a urgência de refundir a sua educação; e que não sabem, hoje, organizar, no perigo instante a que as levou a sua

surdez e descuidança, a última defesa das suas posições seculares;

Que a função histórica das nossas gangrenadas instituições políticas actuais consistiu em azedar o conflito, e em complicar-lhe a solução pacífica, dado que só souberam atrair para colaborar no govêrno a pior parte da burguesia, e fizeram destingir sobre a classe inteira, (dotada ainda, apesar de tudo, de grandes qualidades e virtudes positivas) descrédito e execração que só merecem os políticos desorganizadores e corruptores;

Que tudo isto haverá de ser expiado por todos: pelo povo revoltado e pelo povo inerte; pela burguesia sã, como pela burguesia corrupta;

E que, finalmente, a melhor atenuação da crise aberta seria o estudo e a prática efectiva e sincera de um programa revolucionário construtivo bem nítido, mais económico e moral do que político, baseado não só em concessões e aquisições materiais, mas sobretudo no combate directo e severo ao luxo e à ociosidade, na reforma da educação no sentido do idealismo e do trabalho, e na exploração nobre e útil das vontades, das inteligências e das terras baldias.

Idealismo, altruísmo, sacrifício, são os pilares de toda a sociedade organizada. E a antiga adoeceu de morte, no dia em que o burguês liberal e scéptico de há cem anos tirou da sua pança o aforismo de que a religião é um freio... para os outros. Essa teologia de cocheiro na boleia contou de mais com a paciência ou a ingenuidade do cavalo. Mas a sociedade nova, se está para nascer, tem de criar, para não nascer morta, um idealismo novo ou renovado. Sem êle, o homem novo que venha, só com dentes e estômago, devorar-se há a si próprio, depois de haver estracinhado os pastores e o rebanho. O homem — lobo do homem..

FIM

ÍNDICE

	Págs.
PREFÁCIO.....	5
Primeira Parte: A guerra	
I — ¿Haverá guerra?.....	9
II — Elogio da Inteligência.....	12
III — «Noss' guerr'».....	15
IV — As palavras governam.....	18
V — Guerra e feminismo.....	22
VI — Fatalidade.....	25
VII — Camões e a guerra científica..	28
VIII — Dois padres.....	31
IX — Verdun.....	34
X — Guerra e políticos.....	37
XI — A paz.....	40
XII — Os povos párias.....	43
XIII — A morte do Direito.....	46
XIV — ¡Abaixo a economia!.....	53
XV — Os cães e os rebanhos.....	56
XVI — As ambições de Joffro.....	59
XVII — Guerra e Educação.....	62
XVIII — Degeneração dos inventos.....	65
XIX — Guerra e filosofia.....	69
XX — As sete maravilhas da guerra..	72
XXI — Paralelismo de guerra e paz...	75
XXII — ¡Á saúde dos pequenos povos!..	78

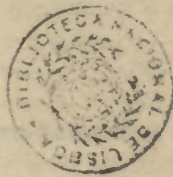
XXIII — Uma fábula.....	81
XXIV — Mau bocado	84
XXV — Lições políticas da Guerra	87
XXVI — Sobre a unidade de direcção.....	90
XXVII — Educação do Povo.....	93
XXVIII — Uma soneca a preceito	96
XXIX — Tristezas e compensações.....	99
XXX — Cristianismo, guerra e coloniza- ção	102
XXXI — O deus da Paz.....	105
XXXII — O canhão de Crécy.....	108
XXXIII — A sorte grande dos pequenos po- vos	111
XXXIV — Rogério Casement	114
XXXV — A futura seara de ódio.....	117
XXXVI — «Dies Irae»	120
XXXVII — A República dos Reis.	123
XXXVIII — As árvores degoladas.....	126
XXXIX — Pessimismo	129
XL — A comuna europeia.....	132
XLI — Antecipações	135
XLII — Ruínas	138
XLIII — O meu amigo arqueólogo	141
XLIV — Morte, fome e anarquia.....	144
XLV — A arrumação do mundo.....	147
XLVI — A morte das árvores	150
XLVII — O que seria mais simples.....	153
XLVIII — As mulheres e a guerra	156
XLIX — Palavriado	159
L — Bode expiatório.....	162
LI — ¡Ave, Venus!	165
LII — A unidade e o número	168
LIII — Panelas de barro.. ..	171

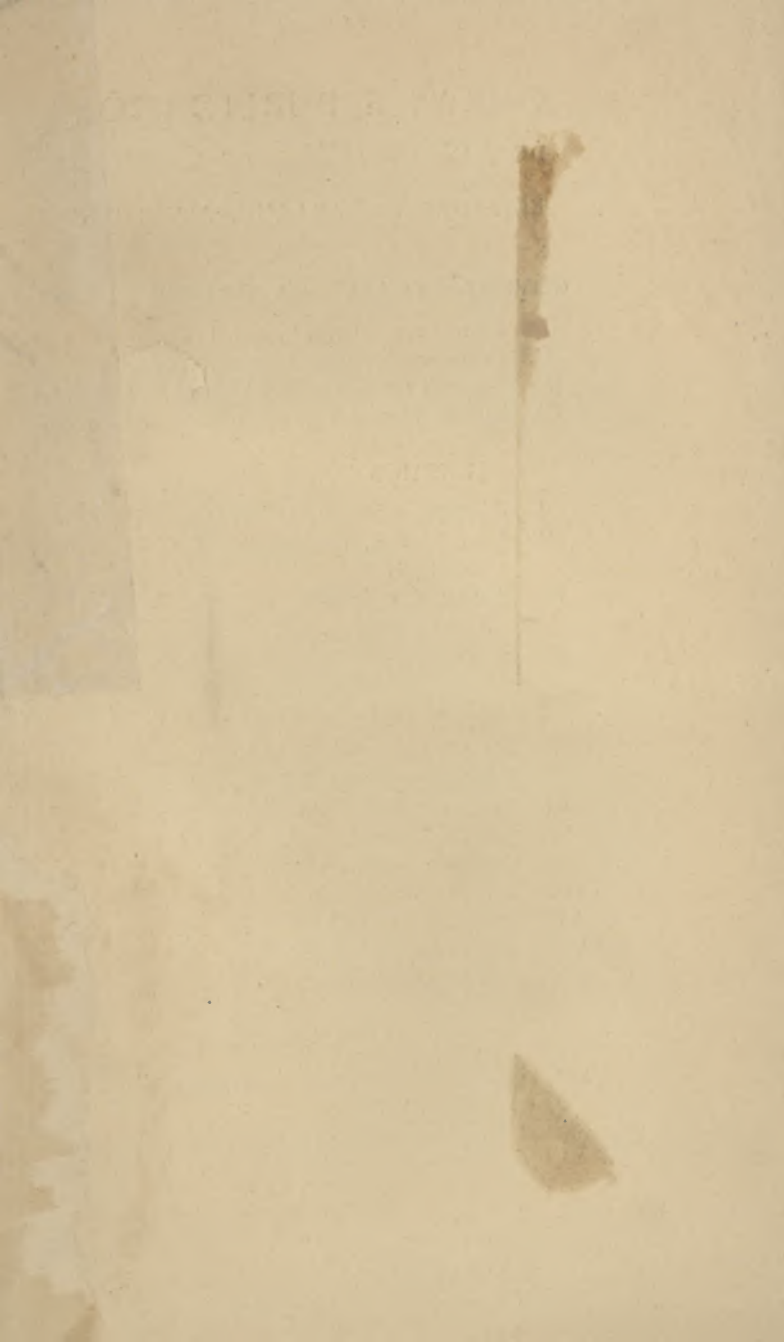
LIV — Amanhã Deus dirá	174
LV — O dia de amanhã	177
LVI — A verdadeira riqueza.....	180
LVII — Variações sobre o Futuro.....	183
LVIII — As forças do Futuro	186
LIX — Guerra e idealismo	189
LX — Guerra de desgaste.....	192
LXI — A guerra dos milagres.....	195
LXII — Qualidade e Quantidade.....	198
LXIII — O Cobre.....	201
LXIV — Medusa	204

Segunda Parte: A derrocada russa

I — O gigante e os micróbios.....	209
II — Monstruosa Rússia	212
III — A esfinge russa	215
IV — Salada russa	218
V — ¿Quem sabe?	221
VI — Novos aliados	223
VII — ¿E a Rússia?	226
VIII — A Rússia livre.....	229
IX — Govêrno às avessas.....	232
X — <i>Abyssus abyssum invocat</i>	235
XI — Tenhamos paciência.....	238
XII — Direitos do soldado	241
XIII — Esboroamento	244
XIV — República Russa.....	247
XV — A Rússia oferece o que não tem.	250
XVI — Situação clara.....	253
XVII — Kerensky e a Rússia	255
XVIII — <i>Plus ultra</i>	258
XIX — França e Rússia	261

XX — Os dez milhões de Odessa.....	263
XXI — O novelo do Bruxo.....	266
XXII — Os homens dos sacos.....	269
XXIII — Quanto vale um general na Rússia.....	272
XXIV — O homem — lobo do homem....	275





1918

OBRAS E PUBLICAÇÕES DE AGOSTINHO DE CAMPOS

EDITADAS POR AILLAUD, ALVES & C.^ª

COMENTÁRIO LEVE DA GRANDE GUERRA

- I. Europa em Guerra, Lisboa, 1915.
- II. O Homem, lobo do Homem, Lisboa, 1921.
- III. Portugal em Campanha, Lisboa, 1921.
- IV. Latinos e Germanos, no prelo.

ENSAIOS SÔBRE EDUCAÇÃO

- I. Educação e Ensino, 2.^a ed., Lisboa, 1921.
- II. Casa de Pais, Escola de Filhos, 5.^a ed., Lisboa, 1921.
- III. Educar (na família, na escola e na vida), 3.^a ed., Lisboa, 1921.
- IV. A Mãe de todos os vícios, no prelo.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

- I. Manuel Bernardes, dois vols., 2.^a ed.
- II. Frei Luís de Sousa, 1.^o vol., 2.^a ed.
- III. Alexandre Herculano, 1.^o vol., 2.^a ed.
- IV. João de Barros, 1.^o vol., 2.^a ed.
- V. Guerra Junqueiro, um vol., 2.^a ed.
- VI. Gonçalo Trancoso, um vol.
- VII. Paladinos da Linguagem, um vol.
- VIII. Fernão Lopes, 1.^o vol.
- IX. João de Lucena, dois vols.

LITERATURA

- MIL TROVAS, (de colaboração com Alberto d'Oliveira),
3.^a ed., Lisboa, 1917.
- JARDIM DA EUROPA, 2.^a ed., Lisboa, 1919.



AR
CE

0

00

NB



•EFG0000169090•

25